

HUBERTO ROHDEN

# A GRANDE LIBERTAÇÃO

---

DIRETRIZES PARA UMA FELICIDADE INTERNA  
INDEPENDENTE DE CIRCUNSTÂNCIAS EXTERNAS

UNIVERSALISMO



# ADVERTÊNCIA

A substituição da tradicional palavra latina *crear* pelo neologismo moderno *criar* é aceitável em nível de cultura primária, porque favorece a alfabetização e dispensa esforço mental – mas não é aceitável em nível de cultura superior, porque deturpa o pensamento.

*Crear* é a manifestação da Essência em forma de existência – *criar* é a transição de uma existência para outra existência.

O Poder Infinito é o *creador* do Universo – um fazendeiro é *criador* de gado.

Há entre os homens gênios *creadores*, embora não sejam talvez *criadores*.

A conhecida lei de Lavoisier diz que “na natureza nada se *crea* e nada se aniquila, tudo se transforma”, se grafarmos “nada se *crea*”, esta lei está certa mas se escrevermos “nada se *cria*”, ela resulta totalmente falsa.

Por isto, preferimos a verdade e clareza do pensamento a quaisquer convenções acadêmicas.

## A GRANDE LIBERTAÇÃO

Universicamente o homem é a única criatura que **pode** e **deve** ser livre. Mas essa libertação é uma conquista do próprio homem. Não existe alo-libertação, libertação “de fora”; somente existe auto-libertação, ou seja, libertação “de dentro”.

Quando, dramaticamente, o maior de todos os mestres, o homem mais livre deste planeta, revelou aos seus contemporâneos e às humanidades futuras, a sua experiência cósmica: “Conhecereis a verdade – e a verdade vos libertará”, deu a todos a chave para a nossa própria liberdade e libertação.

A problemática da liberdade tem sido, culturalmente e historicamente, mal compreendida. Os educadores ortodoxos não atingem o verdadeiro significado e essência do “que é libertação”. Quase sempre o enfoque é político e econômico, e raramente educacional, no verdadeiro sentido da palavra, ou seja, “eduzir de dentro para fora.”

Rohden, educador verdadeiro, filósofo univérsico, místico dinâmico e pensador do futuro, vai às raízes do problema e nos revela, com clareza e objetividade que a verdadeira libertação é “auto-conhecimento”. Conhecimento da verdade sobre nós mesmos.

Proclama Rohden: “Está tornando incremento progressivo, por toda a parte, a ideologia libertadora que ultrapassa todas as modalidades externas, tanto o **automatismo legal** da velha sinagoga de Israel, como também a **magia ritual** das igrejas cristãs, e mesmo as **técnicas iniciáticas** das sociedades espiritualistas modernas.

A redenção ou libertação vem de dentro do próprio homem, mas não desse **homem-ego**, que é precisamente o autor da escravidão, e sim do **homem-Eu**, do “espírito de Deus que habita no homem”. O homem-Cristo redime o homem-Satã, se este lhe abrir as portas. Se o “grão de trigo” do homem-ego morrer, então a vida do homem-Eu latente, nessa semente “produzirá muito fruto.” Do contrário, “ficará estéril.”

Auto-redenção não é ego-redenção. O homem é redimido por um fator não idêntico a seu ego humano, mas esse elemento redentor não está fora do homem, está dentro dele, é o seu verdadeiro centro, o seu divino Lógos ou Verbo que nele encarnou e nele habita, embora em estado ainda latente.

Despertar em si essa vida divina dormente – isto é redenção, libertação, auto-realização.”

Verdade. Liberdade. Libertação. Felicidade: Este é o caminho.

## PERSPECTIVA PRELIMINAR

*Muitos leitores, ao lerem o título deste livro, o estranharão. E perguntarão a si mesmos: se eu devo libertar-me, quem me escravizou? E de que devo libertar-me?*

*Os mais rotineiros responderão com certas teologias: o diabo escravizou o homem – e Deus deve libertá-lo; ele foi concebido e nasceu escravo, porque herdou o pecado de Adão.*

*Este livro, porém, nada sabe de um pecado herdado, de uma escravidão transmitida por alguém, nem de uma escravização vinda de fora do homem.*

*O espírito, antes da sua encarnação, era livre por sua própria natureza divina, pelo fato de ser uma emanção do Espírito Universal da Divindade, que é necessariamente livre; e da liberdade do Espírito Universal só podia emanar um espírito individual também livre.*

*E por que agora sou escravo e tenho a necessidade de me libertar?*

*Ninguém me escravizou – eu mesmo me escravizei.*

*E por que meu espírito livre se escravizou, ao se revestir de um invólucro material?*

*O espírito, emanado da Divindade, era livre – mas não estava liberto; era necessariamente livre – mas devia libertar-se espontaneamente. A grande missão do homem, aqui na terra, é a sua auto-libertação. “Deus criou o homem o menos possível, para que o homem se possa criar o mais possível”. O “menos possível” é a liberdade – o “mais possível” é a libertação.*

*Sendo o homem a única creatura creadora, aqui na terra, dotada do poder do livre arbítrio, é da íntima natureza do homem que ele se realize plenamente pelo poder creador do seu livre arbítrio, que transforme em libertação a sua liberdade.*

*“O que herdaste de teus pais – escreveu Goethe – adquira-o para o possuíres”. O homem herdou de Deus a liberdade, mas deve adquirir a sua libertação, para possuir realmente essa liberdade. Não se possui realmente o que apenas se herdou, e não conquistou com esforço próprio.*

*A missão suprema da encarnação do espírito é a sua auto-libertação, a sua auto-realização. Se o espírito não se auto-escravizasse pela encarnação na matéria, não poderia realizar a sua auto-libertação.*

*Não é possível uma evolução sem resistência. A resistência que o espírito demandou é a sua união com a matéria do corpo, sobretudo da matéria mentalizada. O que propriamente escraviza o homem não é a matéria inconsciente, mas sim o corpo mental ego-consciente, que é o ponto culminante da materialização humana. Não há nada no intelecto que antes não tenha estado nos sentidos, diz o antigo provérbio filosófico.*

*O revestimento material do espírito pelo corpo não é um castigo de Deus, mas uma criação do próprio homem desejoso de evolução e auto-realização. Essa existência na matéria mental do corpo é indispensável à evolução do espírito.*

*O espírito, quando emanou da Divindade, era, por assim dizer, um espírito embrionário, um espírito em germe, um espírito evolvível, mas ainda não evolvido. A fim de passar da sua evolvibilidade para a evolução, o espírito procurou resistência na matéria mentalizada.*

*Desde a sua encarnação hominal, o espírito do homem, chamado alma, procura cumprir a sua missão especificamente humana, a sua auto-realização.*

*Esta auto-realização do homem consiste essencialmente na proclamação da soberania do espírito sobre a matéria, ou seja, a espiritualização da matéria mental do seu corpo. Não se trata de abolir o corpo, nem apenas de justapor o corpo ao espírito, mas sim de permear pela luz do espírito toda a opacidade do corpo. O homem que lucifica ou espiritualiza o seu corpo, esse cumpre a razão-de-ser da sua encarnação terrestre.*

*É este o sentido da auto-libertação, da auto-realização, de que trata este livro.*

## ANSEIO UNIVERSAL DE LIBERTAÇÃO

*Vai pela humanidade dos nossos dias um anseio universal de libertação.*

*Essa ânsia redentora é provocada por uma consciência profunda de irredenção. Parece que a função peculiar da inteligência é fazer sentir ao homem que nenhum conforto material, por mais refinado e potencializado, pode libertar o homem desse doloroso senso de inquietude e insatisfação que caracteriza, sobretudo, o cidadão da Era Atômica. Quanto mais o homem se afasta, pelo poder da inteligência, do seu centro humano, invadindo os espaços externos, tanto mais sente ele, consciente ou inconscientemente, a necessidade de voltar a si mesmo, pela conquista do espaço interno, pelo descobrimento do seu verdadeiro Eu. O progressivo centrifuguismo produzido pelo ego intelectual exige um correspondente centripetismo, que só o Eu espiritual pode realizar. Quanto mais liberto o homem se julga pelo conforto material, que a ciência lhe proporciona, tanto mais escravizado se sente pela falta de consciência do seu verdadeiro destino. E essa consciência de irredenção desperta na alma humana um crescente anseio de redenção.*

*A fim de diminuir essa consciência de vácuo e insatisfação, procura o homem profano toda a espécie de satisfações – mas... satisfações não dão satisfação. Bens de fortuna, prazeres sensuais, poder político, ciência, arte, diversões sociais – pode tudo isto atuar como lenitivo temporário, narcótico e anestésico artificial, mas a raiz do mal continua, por mais que os sintomas da doença sejam camuflados, de tempos a tempos.*

*Por isto, os mais sensatos dentre nós procuram ir além desse charlatanismo barato de cura de sintomas mórbidos e tentam sanar o mal pela raiz. O globo está coberto de sociedades iniciáticas, místicas, esotéricas, espiritualistas, que prometem a seus adeptos definitiva quietação metafísica e plena integração do indivíduo nos mistérios do Cosmos. As classes mais simples e os crentes unilaterais, por outro lado, se contentam com a prática de cerimônias rituais e sacramentais, sob a direção de seus respectivos chefes.*

*O homem da Era Atômica que passou por duas guerras de extermínio não pode mais crer na força redentora da nossa cultura e civilização, como muitos otimistas do século 19 ainda acreditavam. O homem de hoje perdeu a fé na ciência e técnica como fatores de libertação.*



*Ciência, técnica, política, progresso, civilização, humanismo, ritualismo, nacionalismo, e outras pretensas panacéias de antanho, sofreram tremendo colapso; está provado que nada disto nos pode libertar, porque tudo isto falhou e afogou a humanidade num mar de sangue e de ódio.*

*Nunca se sentiu o homem tão frustrado e céptico de si mesmo como em nossos dias. Não pode o Lúcifer do nosso ego redimir-nos dos resultados do nosso egoísmo. E a perspectiva de uma nova guerra mundial, com armas nucleares, apaga na alma do homem moderno a derradeira centelha de otimismo e de confiança em si mesmo.*

*A humanidade anseia pela redenção.*

*Donde virá o redentor?*

*De fora? Através de dogmas, ritos, teologias? Mas esses provocaram as guerras!*

*De dentro? Através da inteligência humana? Mas foi precisamente esta que nos desgraçou, criando engenhos bélicos de destruição universal:*

*Não nos resta senão ultrapassarmos ritualismos e cientifismos e descobriremos em nós mesmos o “ponto de Arquimedes” em que apoiar a alavanca redentora. Esse fulcro não pode ser o nosso ego, mas tem de ser algo mais profundo e sólido.*

*O homem pensante e sinceramente espiritual se contenta cada vez menos com magia mental e técnicas rituais. Crê tão pouco em alo-redenção ritual como em ego-redenção mental, mas sabe que há uma auto-redenção espiritual, como aparece na Carta Magna do Sermão da Montanha.*

*Até ao fim da Idade Média – e muitos ainda não saíram dela – vivia o homem satisfeito com a sua fé ingênua em ritualismos eclesiásticos, que, segundo seus chefes espirituais afirmavam, conferiam redenção automática e fácil. Discordar ou duvidar da eficiência redentora de dogmas e sacramentos era pecado mortal contra a fé, e a dissidência pública dessas práticas acarretava excomunhão na vida presente e eterna condenação no mundo futuro.*

*Com o advento do protestantismo, no século 16, os ritos eclesiásticos, que eram monopólio do clero, foram substituídos pela fé no sangue redentor de Jesus Cristo, e a infalibilidade do Papa cedeu lugar à infalibilidade da Bíblia – o conceito da alo-redenção assumiu novo aspecto, mas continuou em pé. Para que essa alo-redenção exercesse impacto sobre a vida, devia o homem fechar os olhos e crer cegamente em sua eficácia.*

*Acontece, porém, que a humanidade-elite do século vinte não quer crer de olhos fechados, mas saber de olhos abertos. Os melhores dentre nós são*

*praticamente “inconvertíveis”; não, voltarão atrás, esperando libertação por ritos externos, nem confiam na magia mental de certas técnicas científicas.*

*E continua a agonia dos irredentos...*

*Nem mesmo a perspectiva de uma futura reencarnação, em melhores condições, tranquiliza o homem de experiência mais profunda. Ele quer saber como possa ser liberto aqui e agora. Não crê que a morte lhe possa dar o que a vida não lhe deu. Uma voz íntima lhe diz que nem o nascer nem o morrer nem o simples viver ou sobreviver o podem redimir, mas que é necessária uma vivência mais profunda e uma experiência mais alta do que esses fatores lhe possam garantir. Numa intensa vivência experiencial estaria a sua redenção – mas como conseguir essa vivência?... Onde está a chave do mistério, fora dele ou dentro dele?... Pode o homem ser liberto ab extra – ou deve ele redimir-se ab intra?... Existe no homem algum elemento redentor?... Não é ele todo mau e pecador?...*

*Está tomando incremento progressivo, por toda a parte, a ideologia libertadora que ultrapassa todas as modalidades externas, tanto do automatismo legal da velha sinagoga de Israel, como também a magia ritual das igrejas cristãs, e mesmo as técnicas iniciáticas das sociedades espiritualistas modernas.*

*A redenção vem de dentro do próprio homem, mas não desse homem-ego, que é precisamente o autor da escravidão, e sim do homem-Eu, do “espírito de Deus que habita no homem”, no dizer do apóstolo Paulo. O homem-Cristo redime o homem-Satan, se este lhe abrir as portas. Se o “grão de trigo” do homem-ego morrer, então a vida do homem-Eu latente, nessa semente “produzirá muito fruto”. Do contrário, “ficará estéril”.*

*Auto-redenção não é ego-redenção. O homem é remido por um fator não idêntico a seu ego humano, mas esse elemento redentor não está fora do homem, está dentro dele, é o seu verdadeiro centro, o seu divino Lógos ou Verbo que nele encarnou e nele habita, embora em estado ainda latente. Despertar em si essa vida divina dormente – isto é redenção, salvação, auto-realização.*

*O ego é um objeto que o homem tem – o Eu é o próprio sujeito que o homem é. O que eu sou isto me redime daquilo que eu tenho. O meu ser é luz – “vós sois a luz do mundo” – o meu ter é treva – “a luz brilha nas trevas, e as trevas não a prenderam”; as trevas do meu ego humano não conseguem extinguir a luz do meu Eu divino – e é este Eu divino em mim que me redime de todas as irredenções do ego humano.*

*O Sermão da Montanha, esse documento máximo de realização existencial, é o mais completo programa de auto-redenção. O homem que realizar em sua vida esse programa está plenamente liberto.*

## DA INSEGURANÇA À SEGURANÇA

A verdadeira libertação do homem consiste essencialmente numa definitiva segurança baseada na verdade.

O homem totalmente ignorante da verdade também se sente seguro, mas a sua segurança provém da ausência da verdade. É a sua “infeliz felicidade”, possível somente mercê das trevas em que vive; esse homem nem sequer suspeita a possibilidade de algo maior para além do estreito âmbito da sua vivência primitiva. É a tranquilidade da minhoca, plenamente satisfeita com o húmus que digere no fundo da terra, incapaz de desejar o vôo das aves ou das borboletas.

A ignorância absoluta dá segurança, uma pseudo-segurança negativa, que está aquém da insegurança daqueles que já ultrapassaram esse estágio ínfimo e começaram a vislumbrar algo para além da estreita barreira da sua inexperiência. Mas, quando desperta no homem algo das suas possibilidades latentes; quando ele principia a adivinhar ao longe possibilidades realizáveis, porém ainda não realizadas – então começa a oscilar em sua alma a misteriosa agulha magnética de profundas potencialidades; então desperta o dormiente heliotropismo do seu desconhecido Eu, que lhe fala duma luz que existe para além das trevas em que vive...

Então entra esse homem numa “feliz infelicidade”, numa estranha inquietação metafísica, oriunda da distância entre aquilo que ele é explicitamente e aquilo que ele é implicitamente, entre a sua conhecida atualidade e as suas desconhecidas potencialidades. Esse homem começa a crer em algo que ele ainda não viveu, mas poderá viver. Essa fé não é senão uma longínqua reminiscência da sua origem passada, que preludia o seu destino futuro.

Essa gestação espiritual é dolorosa e, ao mesmo tempo, prenhe de promessas alvissareiras – mas esse homem não tem certeza se ela acabará em triste aborto ou num parto feliz.

No meio das penumbras dessa insegurança, que envolvem invariavelmente o período da crença, começa o homem a tatear em derredor, em busca de algum ponto fixo nesse mundo movediço; procura descobrir um rasto no deserto, um caminho em plena floresta... Encontra ao redor de si homens que seguem na mesma direção e que parecem ter certa segurança; e descobre que essa segurança lhes vem do apego a certos dogmas, ritos, tradições, técnicas e sistemas doutrinários.

E esse crente inseguro encontra certa segurança no apego à convicção de seus companheiros de jornada, convicção que lhes serve de muletas a que arrimar-se, ou de andaimes para construir o seu edifício espiritual incompleto.

O homem primitivo encontra certa segurança na fé e na obediência incondicional a certas doutrinas e práticas, que os seus chefes espirituais lhe apresentam, como sendo a genuína revelação de Deus.

O grosso da humanidade está, atualmente, nesse plano, na fase de uma relativa segurança espiritual oriunda da crença num mundo invisível mais real que este mundo visível.

É cada vez mais impossível estabelecermos um *credo-padrão*, igual para todos, tanto para o místico de elevadas experiências divinas como para sua cozinheira analfabeta cujo cristianismo esteja todo no catecismo e na escola dominical. A Realidade é, certamente, uma só, eterna e imutável, mas o contato que os homens têm com a Realidade varia de pessoa a pessoa, e, como o credo é precisamente o reflexo desse ponto de contato entre o finito e o Infinito, são necessariamente tantos os credos quantos os indivíduos.

Seria crueldade tentarmos destruir na alma dos pequeninos essa crença na Realidade espiritual, que lhes dá orientação e força no meio das trevas e dos sofrimentos da vida terrestre. Não temos, absolutamente, essa intenção sacrílega. Pelo contrário, recomendamos a todos os nossos leitores que continuem a trilhar firmemente o caminho da sua fé. Não contemplamos com desdenhosa sobrançeria os viajores que enchem os caminhos da fé; sabemos que eles estão dentro da grande lei da evolução, uma vez que todo *saber experiencial* é precedido de um *crer obediencial*; ninguém pode saber por experiência própria o que não tenha crido por obediência a normas alheias; ninguém pode atingir a plena *aduldez espiritual* sem que passe pela infância e pela adolescência das fases preliminares, seja do *entender intelectual*, seja do *querer volitivo* – e esse *querer* é o *crer*, é a boa vontade da fé, que admite a Realidade de um mundo invisível antes mesmo de possuir a experiência direta desse mundo.

*Crer* apenas nesse mundo invisível é estar ainda aquém da misteriosa fronteira, olhando saudosamente para além – *saber* é ter cruzado a fronteira entre os dois mundos, é saboreá-lo com inefável beatitude. Escusado é repetirmos que o que chamamos *saber* não é entender, compreender mentalmente, mas saborear espiritualmente com a alma.

Quem não sabe nem crê nesse mundo de suprema realidade é escravo total, mas ignora a sua própria ignorância escravizante, e isto lhe dá uma ilusória segurança – assim como um preso pode sentir-se seguro por detrás das grades de seu cárcere, se nunca viu outra coisa e considera a cadeia como o seu *habitat* natural e necessário.

Quem crê na realidade invisível mas ainda não tem experiência direta da mesma, está a caminho da libertação, e, mais dia menos dia, será liberto, suposto que não considere a sua crença como o termo final da jornada, e sim como um estágio intermediário que deva ser ultrapassado.

Somente o homem que ultrapassou tanto o *descrever* como o *crer*, a treva total da ignorância e a penumbra dúbia da crença – esse é plenamente livre, porque a verdade o libertou da inverdade e da semi-verdade.

Este livro trata dessa libertação total do homem, da superação da descrença e da crença, da ignorância noturna e da semi-ignorância matutina, rumo a pleniluz da “gloriosa liberdade dos filhos de Deus”.

O descrente é um profano da má vontade, o crente é um profano da boa vontade – somente o sábio é que deixou de ser um profano e se tornou um iniciado.

O iniciado, porém não é um “finalizado”, um auto-realizado; é um homem que fez o “início”, que abandonou o zigue-zague das suas velhas oscilações de dúvidas e erros e pôs o pé na linha reta da verdade. E essa “iniciação” na verdade lhe dá profunda segurança e tranquilidade, mesmo longe do termo final da sua jornada ascensional. O principal não é ter atingido a meta – o principal é estar no caminho certo e ter certeza desta verdade.

A certeza da direção verdadeira nos dá tranquilidade – a distância da meta mescla de certa tristeza essa tranquilidade; mas essa sagrada tristeza – “bem-aventurados os tristes” – não impede a felicidade e se converterá, um dia, em jubilosa alegria, na proporção que o homem passe da penumbra da crença para a luz de uma sapiência crescente, do saber inicial para um saber mais profundo e vasto; porquanto, há muitos graus mesmo na zona do saber experiencial.

\* \* \*

Nesta altura, surge a momentosa pergunta: como pode o homem ter plena certeza de que está no caminho verdadeiro, na linha reta da iniciação espiritual? E se tudo aquilo não passasse de simples emocionalismo, ou até de orgulhosa presunção?...

Respondemos que, para o verdadeiro iniciado, há uma certeza imediata, íntima, que não exige provas externas; o homem que teve o seu encontro com Deus tem plena certeza desse encontro, embora não o possa provar aos outros nem ao seu próprio ego humano. A certeza não vem das provas; as provas são apenas uma tentativa, assaz pueril, de querer justificar a certeza espiritual, o que é impossível. Se a certeza íntima dependesse das provas analíticas e silogísticas da inteligência, não haveria verdadeira certeza. Mas a certeza vem duma experiência interna, que não pode ser construída nem destruída por

nenhuma demonstração externa. A certeza espiritual está para além de todas as defensivas e ofensivas das provas; habita no baluarte inexpugnável da intuição espiritual, que é a voz de Deus dentro do homem.

Quem tenta provar a existência de Deus é ateu, e quem adora um Deus cientificamente demonstrado é idólatra. Nem a realidade de Deus nem a imortalidade da alma podem ser provadas, mas são o resultado de uma experiência Íntima para além de todos os horizontes das operações da inteligência.

Entretanto, esse encontro Íntimo com Deus, além de dar certeza imediata ao iniciado, tem também as suas projeções externas, uma vez que o “agir segue ao ser” (*agere sequitur esse*). O verdadeiro iniciado em seu íntimo ser revela essa iniciação também no seu externo agir, queira ou não queira. E essas consequências externas servem, geralmente, de teste e contra-prova para os de fora; o mundo nada sabe do nosso ser, só conhece o nosso agir, e do modo desse nosso agir infere algo sobre o nosso ser.

Quem se encontrou, de fato, com Deus, na profunda e silenciosa solidão da experiência mística, inicia uma nova vida também na vastidão do seu procedimento ético. O “primeiro mandamento” se revela espontaneamente no “segundo mandamento”. A mística do verdadeiro iniciado transborda, espontânea e irresistivelmente, na sua ética cotidiana; aquela se realiza na profunda vertical do eterno e do infinito, mas esta se revela na vasta horizontal de todos os temporários e finitos. A experiência da paternidade de Deus produz necessariamente a fraternidade dos homens. O homem iniciado entra em cheio no espírito do Sermão da Montanha, que não é senão o reflexo ético da experiência mística.

Uma vez que o homem atingiu a altura do seu auto-conhecimento, sente maior prazer em dar e servir do que em receber e ser servido. E, como ultrapassou a velha ilusão de se identificar com o seu ego corporal, mental ou emocional, já não crê numa morte real do seu ser, não se apega freneticamente a objetos materiais, não se sente ofendido, desprezado, preterido; não se julga infeliz pelo fato de sofrer, nem feliz por gozar. Esse homem perdeu também o senso da virtuosidade ou heroicidade; acha natural e evidente todo o bem que faz aos outros, desde que se tornou realmente bom. Quem é bom no seu íntimo ser não se julga merecedor de algum prêmio pelo fato de fazer o bem a seus semelhantes. Esse homem ultrapassou não só o inferno dos seus vícios, mas também o céu das suas virtudes. Não evita o mal por medo de castigo nem pratica o bem com esperança de prêmio; ele é incondicionalmente bom, e, como ser-bom é ser-feliz, ele é profundamente feliz.

Esse ser-bom e ser-feliz envolve-o numa como aura de leveza e luminosidade, que contagia beneficamente todos os homens suscetíveis dessas

imponderáveis irradiações e vale mais para a redenção da humanidade do que todas as palavras de outros homens.

Ética não pode ser profissão. A verdadeira ética é um transbordamento espontâneo da mística. O homem realmente místico não necessita de professar ética deliberadamente; o próprio fato de ele ser bom pelo contato com Deus faz dele um poderoso foco de irradiação ética, mesmo inconscientemente.

Ninguém pode ser genuinamente bom sem fazer bem aos outros.

De maneira que a libertação do homem individual pelo conhecimento da verdade sobre si mesmo, e subsequente vivência dessa verdade, é o único meio seguro para redimir a humanidade de todos os males que a afligem.

Quando o homem descobre dentro de si mesmo essa fonte de segurança pode dispensar todas as seguranças externas.

“Conhecereis a Verdade – e a Verdade vos libertará.”

“Homem, conhece-te a ti mesmo!”

## DO INFINITO ATRAVÉS DE FINITOS

Para que o homem se possa libertar da escravidão em que vive habitualmente, deve ele conhecer a verdade sobre si mesmo, porque a verdade é libertadora. Deve ter plena clareza sobre os seguintes pontos cardeais da sua existência:

Donde venho?

Para onde vou?

O que sou?

Por que estou aqui?

A solução cabal de um só desses quesitos dará resposta às outras perguntas, porque há uma coesão orgânica entre elas.

Passaremos, por isto, a dar resposta à pergunta “Donde venho?”, para que saibamos para onde vamos, o que somos e porque estamos aqui na terra.

Donde vem o homem, “esse desconhecido”?

Até meados do século passado, quase toda a humanidade cristã do ocidente julgava ter plena certeza sobre esse “donde” do homem. Quase todos acreditavam piamente nas palavras do *Gênesis* e interpretavam infantilmente, ao pé da letra, essas palavras, sem suspeitarem do seu profundo simbolismo esotérico. O homem viera *diretamente* de Deus, ao passo que as outras criaturas tinham vindo de Deus apenas *indiretamente*. Para os crentes, o corpo humano fora formado pelas mãos de Deus sem passar por nenhum processo evolutivo; não fazia parte, como elo, da longa cadeia de organismos animais; possuía uma nobreza única, porque merecera a carinhosa atenção e solicitude de um Deus creador.

Apareceu então o gênio iconoclasta de Charles Darwin, que, após meio século de estudos e pesquisas em diversos países do globo terráqueo, provou que também o corpo humano era resultado de um processo evolutivo multimilenar, iniciando a sua carreira ascensional com formas animais muito primitivas, passando pelos estágios inferiores de mamíferos, peixes, invertebrados, moluscos, vermes e até unicelulares. E antes de entrar na zona dos seres animais, não teria o nosso corpo passado também pelos reinos do mundo vegetal e mineral?...



Todos os achados geológicos e paleontológicos faziam crer que Darwin tinha razão.

E, quando a biologia e a biogenética iniciaram a sua marcha triunfal, ficou provado que cada indivíduo humano, desde o momento da sua concepção no seio materno, até ao nascimento, percorre sumariamente, em nove meses, todos os estágios evolutivos que a raça humana percorreu em muitos milhares de anos, de séculos e milênios, desde a ameba unicelular até aos mamíferos superiores. Provou a ciência que existem no embrião humano rudimentos dessas etapas inferiores, de peixes, moluscos, vermes, etc.

E lá se foi o conto poético de que o homem teria caído do céu, pronto e perfeito – e até mais perfeito do que hoje existe, após a sua “queda”!...

A ciência, inexorável nos seus veredictos, fizera o homem filho da terra; não era nenhuma exceção da regra; não era nenhuma criação à margem do curso geral do processo evolutivo dos seres vivos...

Séculos antes, já havia a vaidade humana recebido golpe doloroso, por parte da astronomia; Copérnico e Galileu haviam provado que o nosso planeta não é o centro do universo, nem sequer do nosso sistema solar, mas um simples planeta entre outros planetas, gravitando em torno do sol.

Mas ainda se comprazia o homem em se considerar como o príncipe encantado deste planeta, como saído diretamente das mãos de um Creador onipotente e Pai carinhoso, que teria formado o homem à parte do resto da criação, e não simplesmente incluso como um número na longa série dos organismos. Mas, com as descobertas de Darwin, lá se foi também esse conto de fadas; o corpo humano não fora criado em sua forma atual, mas fluíra por inúmeros canais inferiores.

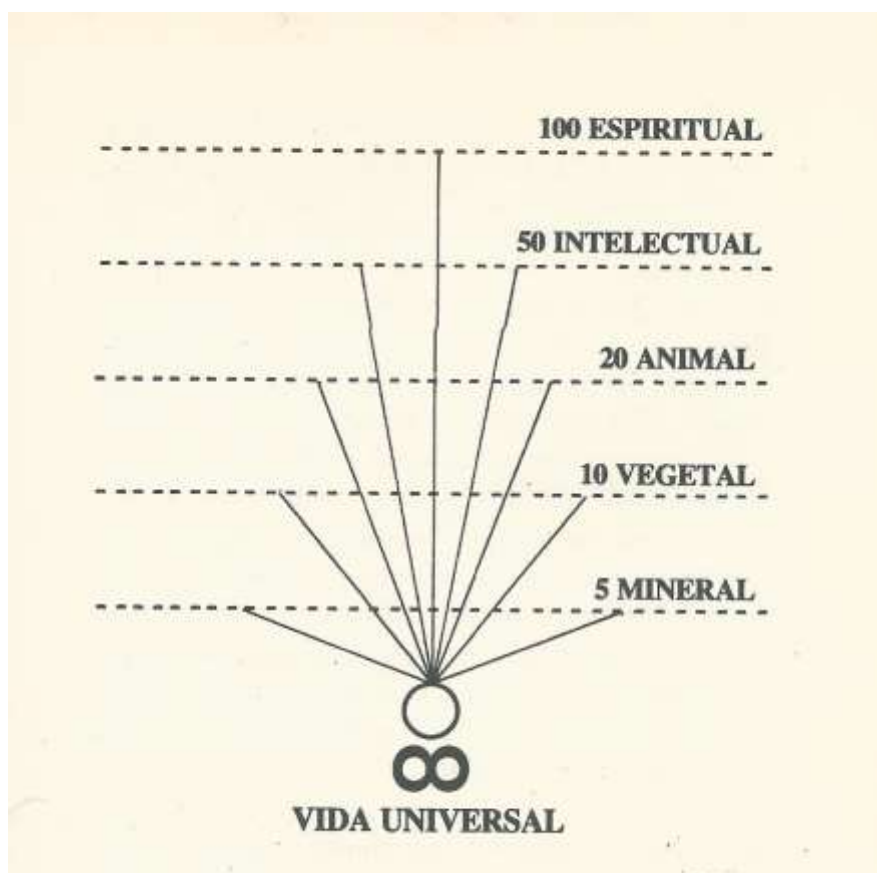
De momento, a nossa humanidade planetária afaga ainda a complacente vaidade de ser pelo menos a única humanidade inteligente do universo – mas estamos em vésperas de sofrermos o mais rude de todos os golpes: cedo ou tarde teremos de admitir que não somos a única nem a melhor das humanidades do cosmos – possivelmente a pior e mais atrasada de todas...

\* \* \*

Materialmente fluímos pelos mesmos canais por onde fluíram os outros seres do nosso planeta, como foi provado pela ciência.

O que, todavia, a ciência não provou, nem jamais provará, é que as potencialidades supõem uma Potência, como os canais supõem uma Fonte; o homem veio da Potência Infinita e fluíu através de muitas potencialidades finitas.

Para concretizar esta verdade, sirvamo-nos do gráfico seguinte:



Na base de toda esta árvore evolutiva – mineral – vegetal – animal – intelectual – espiritual – está o “ $\infty$ ” que significa “Infinito”, ou seja, a Realidade Universal, o Todo, a Causa-Prima. Deste Infinito causante partem todos os finitos causados, como que de um único ponto universal e indimensional, que marcamos com o sinal “0” (zero); quer dizer, esse zero dos “finitos” é a primeira manifestação do Todo do “Infinito”, a sua irradiação creadora.

Mas, como o Universo é uma Hierarquia Cósmica, na qual nada se repete ou copia, na qual tudo é “um” em “diversos” (uni-verso), recebe cada “finito” uma determinada herança do “Infinito”, uma carga energética ou uma determinada voltagem de potencialidade evolutiva.

No diagrama, demos 5 graus de potencialidade ao mundo mineral, 10 ao vegetal, 20 ao animal, 50 ao intelectual e 100 ao espiritual. Esses números são arbitrários, mas servem para concretizar o fato da diversidade da potencialidade evolutiva dos respectivos seres.

O vegetal radica 5 graus no mineral, que lhe serve de veículo, canal ou *condição*, e radica totalmente no Infinito, que é sua *causa*.

O animal radica 10 graus no vegetal e 5 no mineral como em suas *condições* ou substratos inferiores, e radica totalmente em sua *causa*, que é o Infinito.

O intelectual e o espiritual, por sua vez, radicam parcialmente no mundo animal, vegetal e mineral como em seus substratos *condicionais*, mas radicam totalmente na *causa* do Infinito, como todo o resto.

As condições finitas são *causas causadas* (derivadas), mas só o Infinito é *Causa não-causada* (original).

Das profundezas da Potência Infinita recebe cada ser o seu cabedal de potencialidades, que lhe facultam uma evolução até ao limite do seu patrimônio recebido da Fonte comum; esgotado esse cabedal de energias evolutivas, o indivíduo tem de parar fatalmente, como um relógio pára infalivelmente depois de exaurir a última parcela de energia existente na mola retesada. Movimento supõe diferença de nível, ou “voltagem”; uma vez equilibrado o nível do *ativo* com o nível do *passivo*, cessa todo o movimento; há completa “quitação”, que significa “quietação” total. Ninguém pode mover uma turbina com as águas de um lago que estejam ao nível da turbina; mas pode produzir movimento com essa água, ou até com menos, se ela se achar em nível superior ao da turbina e de lá descer em forma de torrente vertical.

É rigorosamente lógico e matematicamente claro admitir que todos os seres tenham vindo de uma Fonte ou Causa única, infinita, e que todos eles tenham fluído através de canais finitos; a duração e força desse fluxo depende da potencialidade ou voltagem que cada indivíduo recebeu da Potência e veiculou em seu curso evolutivo.

\* \* \*

Ora, é inegável que, dentre todos os seres da natureza terrestre, o homem tenha recebido maior cabedal de energias evolutivas, porque, além das potências do mineral, vegetal e animal, recebeu também a potência do intelectual e do espiritual (racional), sendo que esta última se acha ainda em estado muito embrionário, na maior parte dos seres humanos.

Mas o fato de ter o homem recebido esse cabedal intelectual e espiritual não o separa e isola do resto da natureza, porque também essas faculdades superiores são condicionadas e veiculadas pelos mesmos canais inferiores do mundo mineral, vegetal e animal. O corpo humano não representa uma criação autônoma, separada do resto da vasta cadeia evolutiva dos organismos; ele não é um novo início, mas uma continuação de algo anterior; é um dos muitos elos da cadeia orgânica, como a ciência provou irrefragavelmente.

Entretanto, seria ilógico afirmar que o homem tenha vindo *do* animal, porque esse *do* indica a causa, que não é o animal, e sim o Infinito; o homem veio *do*

Infinito, como todos os outros seres, *através* de canais finitos, animais, vegetais e minerais.

A diferença essencial entre o homem e os outros seres terrestres está no fato de ele ter recebido, de início, maior potencialidade evolutiva; e essa potencialidade já existia, em estado latente, em todos os estágios inferiores do seu corpo; no estado mineral, vegetal e animal, era ele *potencialmente* o que hoje é *atualmente*. Uma semente é potencialmente a planta que dela vai nascer, embora não seja ainda atualmente essa planta. O estado potencial é real; de maneira que uma semente é *realmente* a planta que dela vai nascer.

Advertimos o leitor que não confunda a *potência* com *miniatura*. A palmeira não existe em miniatura na semente que a vai produzir; a ave não existe em miniatura no germe do ovo fecundado. O mais poderoso microscópio não descobriria a planta na semente, nem a ave no ovo. A existência potencial é uma *força* ou *virtude*, e não uma *maquette* material que depois cresça, aumente e produza o organismo definitivo.

No mineral, vegetal ou animal pré-históricos não existia nenhuma miniatura do homem atual, mas pre-existia a potência, força, virtude, para produzir esse homem.

A verdadeira natureza, ou *natura*, de um ser é a coisa *na (sci) tura*, aquilo que vai nascer e já existe potencialmente.

Convém não esquecer que todo esse processo multimilenar do corpo humano, através do mundo mineral, vegetal e animal, era orientado constantemente por uma potência que o impelia rumo à intelectualidade e à espiritualidade, que são os atributos especificamente humanos e representam a sua verdadeira *natura* ou natureza.

Todo ser é *realmente* aquilo que é *potencialmente*; logo, o homem de hoje era realmente homem em épocas pré-históricas, e não se tornou homem. O ser *implícita* ou *potencialmente* humano se tornou um ser *explícita* ou *atualmente* humano. Ninguém se torna o que não é desde o princípio; ninguém se torna explicitamente o que não é implicitamente, porque a atualização não é outra coisa senão a potência em forma manifesta.

Quando fazemos passar a corrente elétrica por um fio metálico volumoso não se revela a eletricidade como luz e calor; mas, quando fazemos passar a corrente pelo filamento delgado de uma lâmpada, teremos luz, porque a eletricidade, forçando a sua passagem através desse estreito veículo, obriga o filamento a se tornar luminoso. E, se passarmos a mesma corrente por um fio de ferro cromado, este se torna rubro e quente, porque o cromo lhe opõe resistência.

Naqueles estados pré-históricos, não possuíam a nossa inteligência e razão (alma) veículos idôneos para se manifestarem; hoje em dia, a alma inteligente criou esse veículo refinado, e, algum dia, também a alma racional (espiritual) criará o seu veículo adequado, mais refinado ainda, os nervos receptores do corpo. Por ora, os nossos nervos captam apenas as ondas longas dos sentidos e as ondas médias da inteligência; algum dia, com o sucessivo refinamento das antenas receptoras (nervos), captaremos também as ondas curtas irradiadas pela invisível emissora do mundo espiritual.

De vez em quando aparece sobre a face da terra um ser humano com as antenas espirituais altamente sensíveis, como aconteceu com o profeta de Nazaré, captando mensagens divinas que aos outros passam despercebidas.

Essa captação de ondas de alta potência leva o homem à completa e definitiva libertação, porque lhe revela a Verdade libertadora.

\* \* \*

Há quem encontre desdouro no fato de ter o corpo humano fluído através de organismos do mundo infra-humano. Entretanto, convém que nos libertemos desse sentimentalismo doentio e perguntemos a nós mesmos se é indigno do homem ter o seu corpo passado por esses canais, se o próprio Infinito não julgou indigno da sua grandeza criar organismos animais, vegetais e formas minerais. Em última análise, tudo veio da Infinita Grandeza e fluiu através de canais criados por esse Infinito.

Donde venho?

Vim do Infinito, como todas as outras criaturas. Sou filho do Infinito.

E, como todas as coisas voltam para donde vieram, também eu voltarei ao Infinito.

Há, todavia, uma grande diferença entre o regresso dos seres infra-humanos e o do homem. Este, devido ao potencial da sua consciência e liberdade, pode voltar ao Infinito como “finito consciente”, ao passo que os seres inferiores só podem voltar ao Infinito como “finitos inconscientes”. Estes dissolvem a sua existência finita e submergem na Essência Infinita, desaparecendo no *nirvana absoluto*; aquele, o homem, consolida a sua existência finita integrando-se na Essência Infinita, estabelecendo o seu *nirvana relativo*.

*O finito humano, demandando o Infinito Divino, progride indefinidamente.*

O finito em demanda do Infinito nunca se torna *Infinito*, não se dilui no Infinito – mas progride *indefinidamente*; não se funde com a *Luz Branca* do Todo (Brahman, Divindade), nem se dissolve na inexistência – mas encontra a *luz*

*verde* da existência plena, numa estrada evolutiva sempre aberta, porque a “vida eterna” não é um *estado estático* e sim um *processo dinâmico*.

“A vida eterna é esta: que os homens te conheçam, Ó Pai, como o único Deus verdadeiro, e o Cristo, teu enviado” (Jesus, o Cristo).

Vida eterna é eterno *conhecer*, um indefinido processo de intuição cognoscitiva.

## DISSOLUÇÃO, SOBREVIVÊNCIA, IMORTALIDADE

Estes três fenômenos do corpo dos seres vivos dependem da menor ou maior intensidade da consciência de cada um deles.

Intensidade de consciência significa unidade, coesão, estabilidade e, por isto, indissolubilidade do ser vivo.

Assim como um pedaço de carvão de pedra se dissolve facilmente, por ter pouca densidade mas, depois de altamente condensado em forma de diamante, é quase indissolúvel – de modo semelhante tem o corpo dos seres inferiores pouca estabilidade, pouca unidade, porque a sua consciência vital é diminuta. Unidade é garantia de estabilidade; falta de unidade é falta de estabilidade.

Quando o veículo material, isto é, o corpo físico, do vegetal ou do animal se dissolve pela morte, a sua individualidade vital, a sua unidade de consciência vegetal ou animal, se desindividualiza e retorna ao oceano da Vida Universal, da qual emergirá como onda no momento de se individualizar. Dizemos “retorna”, embora esse termo seja inexato, porque o indivíduo vegetal ou animal nunca se *separara*, de fato, da Vida Universal; dela era *distinto* apenas pela forma existencial que assumira temporariamente. Nenhum ser individual está separado da Vida Universal. A Vida Universal, *transcendente* fora dele, está *imanente* dentro de cada uma das suas formas existenciais. Um indivíduo é vivo precisamente, e unicamente, por ser participante da Vida Universal, que o permeia, penetra e vitaliza.

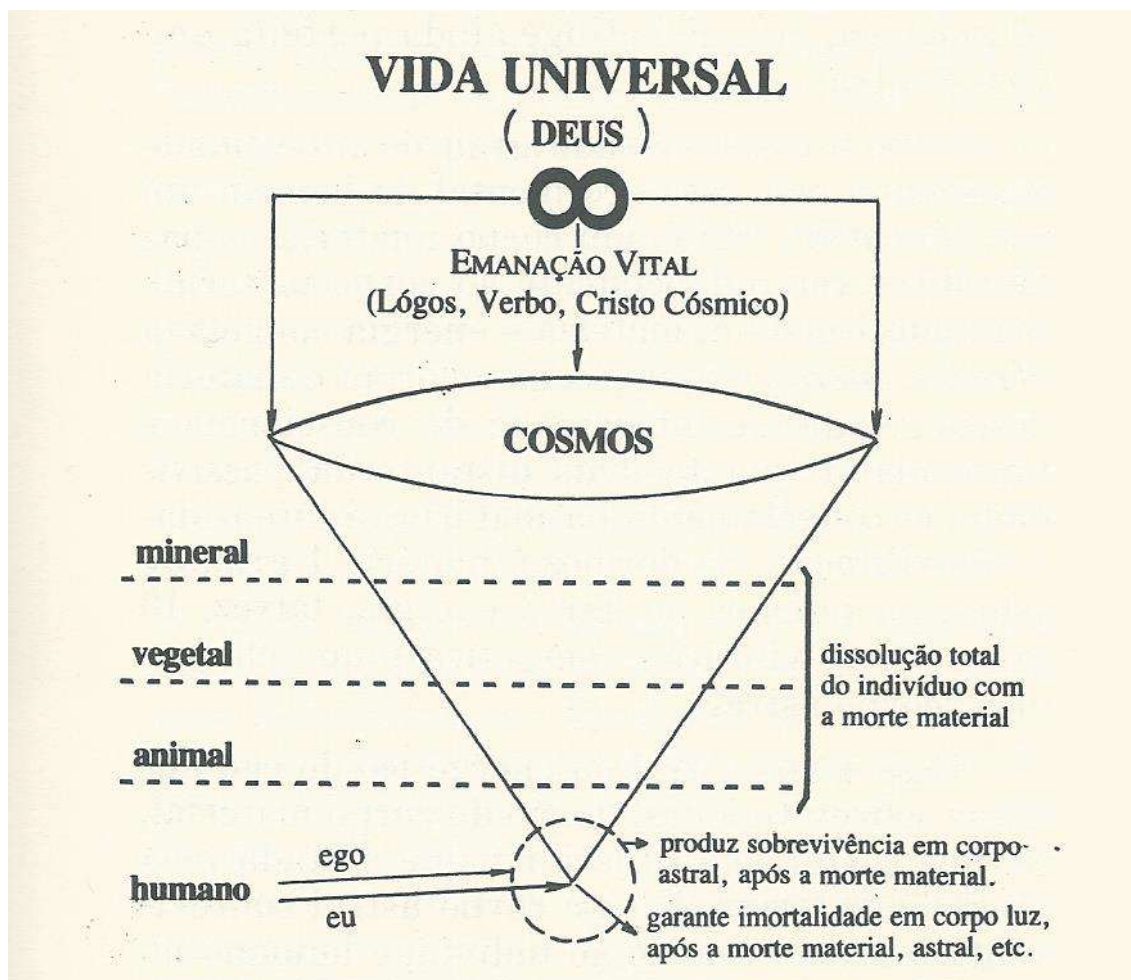
Quando o veículo material da vida vegetal ou animal perde a sua idoneidade veiculante, deixa a Vida Universal de se servir dele como veículo; os elementos básicas do veículo – ferro, cálcio, fosfato, nitrogênio, etc. – voltam à terra e ao ar, mas a unidade vital deixa de existir como tal; a onda da vida individual recai ao seio do oceano da Vida Universal. O indivíduo vivo deixou de existir, reabsorvido pela Vida Universal, que sempre é e nunca deixará de ser.

\* \* \*

Com o advento do primeiro (*adī*) ego (*aham*) o *Adiaham*, ou *Adam*, sobre a face do planeta, apareceu algo inédito e inteiramente novo na terra: um ser atingiu as alturas da *consciência pessoal*, tornou-se um ego; a intensidade vibratória

de sua consciência chegou ao ponto de criar alto grau de unidade e, com isto, elevado grau de coesão e estabilidade.

A figura abaixo ilustrará a marcha dos acontecimentos através de milhões de anos.



A Vida Universal, representada no desenho pelo sinal  $\infty$  (Infinito), irradia vitalidade, que se comunica e condensa no Universo, simbolizado no gráfico por uma lente. Atravessando essa lente do cosmos, a vida assume direção convergente, sendo a sua intensidade e unidade de grau mínimo na zona mineral, maior na vegetal e animal, maior ainda na zona intelectual do ego humano. Esse ego pessoal, primeira etapa da evolução tipicamente humana, é representada por um círculo (ego) em torno do centro, o verdadeiro Eu do homem.

Esse epicentro do ego mental representa alto grau de intensidade ou condensação de consciência, mas não atinge ainda perfeita unidade central.

Devido a seu elevado grau de intensidade consciente, cria esse ego mental do homem um *veículo astral*, isto é, um corpo imaterial capaz de sobreviver independente ao corpo material. Segundo Einstein, matéria é energia



congelada (*frozen energy*), assim como energia é matéria descongelada. A intensidade de consciência é tanto maior quanto mais distante da passividade ou congelamento da matéria; é intensidade de vibração. Se dermos à matéria 1 grau de vibração, teremos de dar à energia, talvez, 10 graus. Essa vibração energética é que chamamos “corpo astral”.

Esse corpo astral ou energético do ego humano sobrevive à destruição do corpo material, porque a vibração superior não é afetada pela vibração inferior. E esse corpo astral sobrevivente serve de veículo ao indivíduo humano na sua existência *post-mortem*. Esse fato da sobrevivência do homem em corpo astral é conhecido desde o princípio da humanidade. A Bíblia está repleta de fatos dessa natureza.

Mas esse corpo astral sobrevivente à destruição do corpo material não é, por si mesmo, imortal; pode sobreviver séculos, e até milênios, consoante a sua menor ou maior intensidade unitária, mas, no fim, também ele se dissolve e, se o indivíduo não tiver creado outro corpo, indestrutível, recairá no vasto oceano da Vida Universal, deixando de existir como indivíduo particular.

É enorme a confusão que vai por nossa literatura espiritualista no tocante aos termos de “sobrevivência” e “imortalidade”, que muitos consideram como idênticos. Os meus amigos do mundo astral que, por vezes, me visitam em corpo tangível, são os primeiros a desmentirem essa identidade; perderam o seu corpo material pela morte física e afirmam que, algum dia, perderão também o seu corpo astral por uma nova morte; um deles afirma que vai morrer ainda “muitas vezes”, confirmando assim o que eu já sabia por outras fontes. Sobrevivência em corpo astral não é garantia de imortalidade.

Essa sobrevivência em corpo astral, após a morte corporal, não é uma conquista do homem individual, mas faz parte da natureza humana, é patrimônio universal da humanidade. Possivelmente, milênios atrás, quando o ego humano não possuía ainda suficiente intensidade consciente, essa sobrevivência não era um fenómeno universal; hoje em dia, porém, o corpo astral é transmitido de pais a filho; é transmissível biogeneticamente, prova de que a sua existência já remonta a longuíssimos períodos do passado. Propriedades recém-adquiridas pelos genitores não são transmissíveis aos filhos; a transmissão ou transmissibilidade supõe a identificação dessas propriedades com os cromossomas e genes – e é o que acontece com o corpo astral, que é herdado por todo ser humano em virtude da própria concepção paterno-materna.

\* \* \*

O mesmo, porém, não acontece com o *corpo-luz*, que é o veículo do Eu espiritual do homem. Este veículo supremo acha-se ainda em estado tão primitivo na maior parte dos indivíduos humanos da atualidade que não afeta

devidamente os elementos de reprodução. Esse *corpo-luz* tem de ser adquirido e desenvolvido, um por um, pelo indivíduo humano. Quem forma em si esse veículo de luz cósmica “renasce pelo espírito”, “entra no reino de Deus”, “adquire a vida eterna”. Assim como o ego mental do homem necessita do veículo do corpo astral para sobreviver temporariamente à morte material, de forma análoga necessita o Eu espiritual do homem de um veículo idôneo para garantir a sua sobrevivência indestrutível à destruição de todos os veículos anteriores.

O único veículo indestrutível até hoje conhecido pela ciência eletrônica e nuclear é a Luz no seu estado mais intenso, isto é, a Luz Cósmica, invisível. Todos os 92 elementos da química, e seus derivados, são, segundo Einstein, reduzíveis à Luz, são “lucificáveis” porque são “lucigênicos”. A Luz, porém, não é reduzível a um elemento superior; ela é a última fronteira do mundo físico. Por isto, a criação de um corpo-luz é a criação de um veículo indestrutível para a perpetuação do Eu espiritual do homem, o seu divino EU SOU. Uma vez criado esse corpo-luz – a “luz do mundo” – essa onda individual do Eu humano não se dissolve mais nem recai mais ao seio do oceano da Vida Universal, porque adquiriu o mais alto grau de autonomia unitária ou de individualidade. A sua individualidade é a sua indivisibilidade. O perfeito indivíduo é indiviso e indivisível, porque possui o mais alto grau de unidade intrínseca – “Eu e o Pai somos um”.

A imortalidade do indivíduo depende, pois, essencialmente, da criação de um veículo idôneo para sua individualidade. Onde não há veículo (corpo) idôneo não há perpetuação da vida individual; e onde não há intensa vida individual não há imortalidade do indivíduo.

Augusto Comte tentou consolar os seus leitores com a magra esperança de uma “imortalidade social”; o homem notável sobreviveria em suas obras.

Outros se agarram à tábua de salvação de seus filhos e descendentes como perpetuadores da vida e vivência de seus pais.

Certos filósofos do Oriente deliciam-se na eutanásia do *nirvana*, augurando a si e a seus discípulos uma vida eterna em Brahman, uma total identificação da vida individual com a Vida Universal.

Por demais precárias e insatisfatórias são essas formas de imortalidade. Praticamente, não consolam a nenhum homem sedento de vida eterna. Que me interessa saber que sobreviverei em minhas obras, em meus filhos, ou em Brahman? De fato, não sou *eu* que sobrevivo; *algo* sobrevive em meu lugar. Mas o que eu quero e pelo que anseio, nas últimas profundezas do meu ser humano, é sobreviver eternamente *eu mesmo*, em minha autêntica e inconfundível individualidade. Se o homem é o seu indivíduo, então ele é indiviso e indivisível. Indiviso e indivisível em si, e indiviso e indivisível também

do grande Todo. Mas essa indivisibilidade, imanente-transcendente, é precisamente o mais alto grau da unidade consciente, esse consciente unitário, esse indiviso e indivisível EU SOU, é a suprema garantia da imortalidade. O Eu não se *separa* do Todo, nem se *identifica* com o Todo – mas *integra-se* no Todo.

*Ontológica e objetivamente* considerada, é a imortalidade do Eu humano um *fato* – *lógica e subjetivamente*, porém, é um *problema*, o maior problema da vida humana, através das “muitas moradas que há em casa do Pai Celeste”. O fato objetivo da imortalidade não resolve o problema subjetivo da mesma. Existe em cada homem o germe da imortalidade, ou seja, a *potencialidade* de se imortalizar – mas dessa potencialidade à *atualidade* vai um passo imenso. Nem o nascimento, nem a vida nem a morte resolvem esse problema, porque são três coisas que nos aconteceram ou acontecerão apenas de fora, pelo favor ou desfavor de circunstâncias externas. Só uma nova *vivência*, ou experiência espiritual, é que resolve o problema da imortalidade atualizada. E, uma vez realizada essa vivência, cessam nascimentos e mortes, e só resta a vida, a vida eterna. Enquanto tivermos de *nascer* e *morrer*, não possuímos ainda a plenitude do *viver*. Só um corpo-luz, indestrutível, é que nos isentará de nascimentos e mortes e nos garantirá vida eterna.

Há quem recuse aceitar a idéia de uma “morte eterna”, de uma dissolução da individualidade humana, por culpa própria; entretanto, é ensinamento unânime dos maiores mestres espirituais da humanidade que possa haver “morte eterna” tão bem como “vida eterna” dependendo ambas da liberdade do homem. Se todos os homens adquirissem, em última análise, a vida eterna, e se fosse apenas uma questão de maior ou menor espaço de tempo, para que envidar tantos esforços por alcançar a vida eterna? Cedo ou tarde, todos arribariam ao porto seguro da “salvação”.

Entretanto, todos os mestres espirituais da humanidade, sobretudo o Cristo, estabelecem e mantêm a disjunção nítida entre “vida eterna” e “morte eterna”. E isto se acha em perfeita harmonia com as leis cósmicas e com a lógica imparcial.

Pode o homem realizar tanto esta como aquela alternativa, embora o seu período evolutivo não esteja restrito, como pensam certos teólogos míopes e unilaterais, aos poucos decênios da vida terrestre. A evolução do homem abrange *aíones* (eons, eternidades). Só depois desse vasto ciclo evolutivo é que vem o seu “juízo final”, quer dizer, a crise ou decisão definitiva, que levará o homem ou para a “direita” da vida eterna, ou para a “esquerda” da morte eterna.

Há quem afirme que, se a morte eterna é a identificação do homem com o Nada, deve também a vida eterna ser a sua identificação com o Todo, a total diluição do seu Eu individual no Todo Universal, o aniquilamento no Nirvana

Absoluto. Mas não é lógico. Pode o *positivo* realizar algo que o *negativo* não realiza. A Vida Eterna Universal é a Essência, o Real – a vida eterna individual é a Existência, o Realizado. A morte eterna não é nem Essência nem Existência, não é o Real nem o Realizado – mas o puríssimo Nada, a não-Essência e a não-Existência, o Irreal Absoluto.

O indivíduo que não se integra no Real deixa de ser um Realizado, porque este só é Algo enquanto unido ao Todo; depois de desunido, separado, do Real, o Realizado cai no abismo do Irreal, do Nada, da total desintegração, da morte eterna.

Por outro lado, se o indivíduo, pela integração no Universal, deixasse de existir individualmente, com a consciência do Eu, sucumbiria praticamente à morte eterna, porque não continuaria a existir *ele mesmo*, individualmente, mas continuaria o Universal (Divindade, Brahman) a ser o que sempre foi. A imortalidade não seria do indivíduo humano, mas sim da Universalidade divina. Continuaría a ser a Vida Universal, mas deixaria de existir a vida individual. E, neste caso, tanto o *suicídio* da separação cometido pelo pecado como a *eutanásia* da identificação praticada pelo amor seriam “morte eterna”, porque ambos destruiriam o indivíduo humano – e para que então fazer essa enorme e constante diferenciação entre “vida eterna” e “morte eterna”? O que interessa ao indivíduo humano não é a Vida Eterna e Universal da Divindade, de Brahman – mas sim a vida eterna e individual do homem.

Todos os mestres da humanidade que realizaram em si a vida eterna sabem que ela é um eterno viver integrado na Vida Infinita, mas não é a identificação da vida finita com a Vida Infinita.

Convém aos insipientes aceitar a sapiência dos sapientes!...

## O HOMEM DE ONTEM, DE HOJE E DE AMANHÃ

Quando os nossos teólogos falam em libertação ou redenção do homem, supõem eles uma queda de que o homem se deva reerguer; entendem que o homem, no princípio, se achava na luminosa altura da “graça de Deus” e que depois, pela astúcia do diabo, tombou dessa altura, e necessita agora de ser remido pelo Cristo. Feito pecador por um fator externo (Satan), é o homem feito justo por outro fator externo (Cristo).

De maneira que a obra *construtora* do Cristo não passaria de uma revogação ou neutralização da obra *destruidora* de Satanás; se este não tivesse feito cair o homem, aquele nada teria que fazer; se o homem não se tivesse perdido, pela intervenção do diabo, o Cristo não o poderia salvar.

É esta, mais ou menos, a teologia que anda pelas igrejas cristãs de todos os setores.

Como já fiz ver no meu livro “demolidor” “*Lúcifer e Lógos*”, não é este o conceito de “perdição” e “salvação” que adoto. O homem, depois da sua encarnação nesta terra, nunca esteve naquela suposta “altura”. O Éden ou Paraíso Terrestre era, certamente, um estado de inocência e impecabilidade, não porque o homem fosse perfeito, mas sim porque era ainda tão imperfeito que nem podia pecar, por falta de consciência suficiente; pois ainda não comera da “árvore do conhecimento do bem e do mal”. A natureza toda se acha ainda nesse Éden de inocência, como também qualquer criança recém-nascida; só mais tarde, com o despertar da consciência-ego, é que a criança é “expulsa do paraíso” da sua primitiva inocência e impecabilidade, e entra no mundo consciente coberto de “espinhos e abrolhos”, e tem de comer o seu pão “no suor de seu rosto”. Assim acontece porque a serpente do intelecto falou.

Essa transição da *inconsciência primitiva* (paraíso) para o subsequente estágio da *consciência-ego* (serpente, Lúcifer) parece uma “queda”, uma descida e degradação, quando, na realidade, é uma subida, embora ainda incompleta. Pois é evidente que o estado consciente é superior ao estado inconsciente. Mas, como esse estado de consciência-ego é apenas uma semi-consciência, uma penumbra, e não uma pleni-consciência, uma luz, pode o homem, nesse estado penumbral, oscilar para a direita e para a esquerda, pode ser bom e pode ser mau, pode decidir-se pró ou contra Deus, quando, nas trevas

noturnas da inconsciência edênica, não tinha essa liberdade. À primeira vista, “não poder pecar” parece ser mais perfeito do que “poder pecar”; na realidade, porém, essa impecabilidade é inferior à pecabilidade, porque é uma impecabilidade por inconsciência, ao passo que aquela pecabilidade é resultado de um estado consciente. A pecabilidade consciente representa um plano superior à impecabilidade inconsciente. A natureza toda é incapaz de pecar, o que não prova que ela seja mais perfeita do que o homem pecável, Uma criança de dois anos é impecável, um jovem de vinte anos é pecável, mas daí não se segue que o estado da criança seja superior ao do jovem.

As nossas teologias laboram nesse equívoco e nessa confusão há quase dois milênios. As nossas aulas de catecismo e os tratados de teologia repetem, de geração em geração, essas infantilidades sobre um diabo que nos perdeu e um Cristo que nos deve salvar, entendendo com esses dois agentes, fatores fora do homem.

Se tal fosse a tarefa do Cristo, de mero consertador de vasos partidos pela perversidade de seu inimigo – que grandeza haveria nesse redentor?

De resto, até hoje ninguém viu nada dessa suposta “redenção”; a humanidade continua tão pecadora como antes do Cristo e cada vez mais pecadora; e se, daqui a poucos decênios, celebrarmos o segundo milênio da redenção, todos os discursos e todas as apoteoses girarão em torno duma redenção inexistente, meramente fictícia; Satanás continua a sua marcha triunfal através da humanidade, e o Cristo não conseguiu consertar o vaso quebrado pelo diabo...

Felizmente, o Cristo da teologia não é o Cristo real – e assim a sua grandeza não sofre desdouro.

Nem era possível que o grande iniciado Moisés, após 40 anos de solidão e meditação nas estepes da Arábia, tivesse escrito tamanhas puerilidades, como os nossos bons teólogos supõem e como a humanidade cristã, guiada por esses “guias cegos”, está repetindo, há muitos séculos.

De que é que o homem deve ser liberto, remido?

Não de uma “queda”, no sentido teológico, mas do perigo de uma estagnação, de uma estabilização no plano da consciência-ego em que se acha, do estado luciférico e funesto, inerente ao próprio intelecto, de querer marcar passo nesse plano serpentina do seu ego, da sua dissolvente egocracia. O homem se acha na primeira parte da jornada do filho pródigo, desenvolvendo a “parte da sua natureza” (“*ousia*”, no texto grego) que, nessa etapa, lhe toca, servindo a um tirano cruel e guardando os porcos dele, sem ter direito ao repasto de que eles se nutrem. Esse plano da evolução do ego pessoal faz parte da natureza humana, mas deve ser superado pela segunda parte da jornada, que começa

com o despertar do Eu espiritual, crístico, no homem, quando o filho pródigo “entra em si mesmo”. Ai dele se estagnar nesse plano preliminar! Se, em vez de ultrapassar, resolver parar a meio caminho! ...

O erro, portanto, não está em que o homem *pass*e pelo estágio do ego pecável, mas que *pare* nele e se fossilize nessa etapa da pecabilidade.

O homem “caiu” nessa primeira metade da sua jornada evolutiva e até hoje está sofrendo grande carestia e miséria, às ordens de um tirano que o fez zagal de porcos – e dessa “queda”, dessa “*felix culpa*”, desse “*vere necessarium peccatum*” (palavras do hino pascal “*Exultet*”) deve o homem “subir” para o segundo plano da jornada, atingindo as alturas da sua consciência espiritual, da sua natureza crística ainda dormente, tornando-se o homem cósmico – e então haverá grande alegria e solenidade, por entre banquetes e músicas, no “reino dos céus que está no homem”.

Bem sei que essas idéias são execradas como “blasfêmia” e “heresia” pelos “guias cegos que roubaram a chave do conhecimento (*gnosis*) do reino dos céus” – mas sei também que essas “heresias” representam uma verdade muito maior do que as “ortodoxias” de certos teólogos. Prefiro a “heresia” da verdade à “ortodoxia” do erro...

\* \* \*

Nas páginas deste livro trato, portanto, da grande libertação, da redenção do homem luciférico “ego” e sua integração no homem crístico “Eu”; descrevo a viagem do homem egocêntrico para o homem cosmocêntrico, a transição da penumbra matutina da inteligência para a luz meridiana da razão.

Há tempo, o homem superou as trevas noturnas da inconsciência do Éden; há tempo, entrou na penumbra da semi-consciência do ego serpentino – resta agora superar essas penumbras e atingir a luz da plena consciência crística. É nisto que consiste a sua grande libertação.

Deve o separatismo unilateral do pequeno ego humano acabar na integração onilateral do grande Eu divino. Deve o reino de Deus despontar no homem ainda dominado pelo reino do ego. Deve o homem ultrapassar a política de querer possuir “todos os reinos do mundo e sua glória” e compreender a sabedoria de que o seu “reino não é deste mundo”.

\* \* \*

Bem sei que falar a um cristão ocidental em “auto-redenção” é manifesta blasfêmia – mas sei também que, assim como a “queda” veio do homem, assim também a “ressurreição” virá do homem; aquela veio do homem luciférico, esta virá do homem crístico, porquanto Satan e Cristo, o céu e o inferno, estão dentro do homem; o homem é luz e treva e depende dele se se torna filho da

luz ou filho das trevas. É este o glorioso e perigoso privilégio da sua liberdade. Os que desconhecem a verdadeira natureza do homem, atribuem a um Satan externo e a um Cristo externo o pecado e a redenção do homem – e dessa confusão nasceram todas essas teologias dualistas e absurdas que pretendem ser cristãs.

Deve o homem crístico completar o que o homem luciférico iniciou.

Deve a primitiva impecabilidade inerente à imperfeição, depois de passar pela pecabilidade oriunda da semi-perfeição, culminar na impecabilidade por perfeição.

Deve o homem telúrico completar o seu ciclo evolutivo, Éden-Serpente-Cristo, rumo ao homem cósmico.

Deve a serpente rastejante do ego luciférico ser erguida às alturas e tornar-se a serpente sublimada do Eu crístico.

Deve o homem encontrar o foco do seu ser, porque a “queda” procede das periferias – mas a “ressurreição” brota do centro do homem.

A “perdição” vem da inteligência separatista – a “redenção” vem da razão unitiva.

Quando o *centrifugismo* do ego mental for contrabalançado pelo *centripetismo* do Eu racional ou espiritual, então entrará o homem “em órbita”, gravitando em torno de seu verdadeiro centro, equilibrando em maravilhosa harmonia Deus e o mundo, o Infinito e os finitos.

É esta a grande libertação do homem.



## PODE UM MESSIAS DE FORA REDIMIR O HOMEM?

Se, em nossos dias, aparecesse um novo Cristo, algum Messias que realizasse milagres mais estupendos do que os que a história conhece, é certo que, mais uma vez, as massas correriam no encalço dele, à espera de redenção – mas a humanidade-elite se quedaria indiferente e cética, não por falta de interesse espiritualista mas precisamente em virtude de uma profunda espiritualidade. É que o homem de genuína experiência espiritual está, mais que nunca, convencido de que a redenção não pode vir de fora dele, por obra e mercê de terceiros; sabe que nenhum Cristo de fora, nenhum Messias objetivo, nenhum Avatar descido dos céus pode redimir o homem, porque não há redenção automática, exocrática, heterônoma; se há redenção para o homem, ela terá de vir de dentro do próprio homem; só o homem que se fez pecador se pode fazer redentor. Se algum terceiro me tivesse feito mau, um terceiro me poderia fazer bom – mas é precisamente este o erro fundamental das teologias tradicionais, que o homem seja herdeiro de pecado alheio e, por isto, possa ser herdeiro também de uma redenção alheia.

Os teólogos eclesiásticos de todos os setores se revoltam contra a idéia de *auto-redenção* (que eles identificam com ego-redenção), que apelidam de abominável “heresia pelagiana”; assim foi desde o século 5.º, quando Agostinho se revoltou contra o monge britânico Pelagio. Mas toda essa revolta se baseia numa premissa falsa, numa falsa concepção da natureza humana.

Nos últimos séculos, sobretudo na primeira metade do século 20, avançamos um passo gigantesco no conhecimento do homem, esse “desconhecido”. Quase todas as ciências deram a sua contribuição – biologia, filosofia, psicologia, psiquiatria etc. Hoje em dia, sabemos distinguir nitidamente entre o homem-ego e o homem-Eu, ou seja, entre o homem físico-mental-emocional (personalidade) e o homem racional-espiritual (individualidade); sabemos que o homem é o seu Eu central, o qual funciona e se revela através de invólucros periféricos. Sabemos também que o homem-Eu é “luz”, elemento puro e bom, ao passo que o homem-ego é “penumbra”, misto de luz e treva. Sabemos que o homem é essencialmente bom (“vós sois a luz do mundo”), no seu Eu central – mas que ele tem a alternativa de se tornar existencialmente bom ou mau, luz ou treva, no seu ego periférico. Sabemos que toda a tarefa do homem, aqui na terra e alhures, consiste em tornar a sua *existência humana* (ego) tão boa e

pura como é a sua *essência divina* (Eu). Se o homem *essencializar* a sua existência, ele se redime; do contrário, ele se frustra. No primeiro caso, “renascendo pelo espírito”, entra o homem na vida eterna – no segundo caso, sucumbe à extinção.

Cada vez mais convergem para o mesmo ponto final as intuições dos místicos e as conquistas dos psicólogos.

Infelizmente, os teólogos confundem o homem-ego, a *persona* (máscara) com o *indivíduo* (realidade). Atribuem maldade à essência do homem, essa essência que é luz (“vós sois a luz do mundo”), que é Deus no homem (“vós sois deuses”, “o espírito de Deus habita em vós”); declaram que o homem é mau por natureza, concebido em pecado, nascido pecador; e, sendo mau sem culpa dele, só pode ser feito bom sem merecimento próprio; feito pecador automaticamente, por Adão, só pode ser remido automaticamente, pelo Cristo.

Toda a teologia eclesiástica – católica, protestante, ortodoxa – gira sobre os dois pólos desse automatismo bilateral: *alguém me fez pecador – alguém tem de me fazer santo...*

Será que a espantosa ineficiência espiritual e moral do Cristianismo, nesses quase vinte séculos, não deriva desse erro fundamental das nossas teologias? Será que as nossas chamadas igrejas cristãs não se guiam por uma doutrina visceralmente anti-evangélica e anti-crística?... Com efeito, uma leitura atenta das bases divinas do Cristianismo primevo, que é o Evangelho e, sobretudo, o Sermão da Montanha, desabona totalmente esse dúplice automatismo. O Cristo não conhece *alo-redenção*, só conhece *auto-redenção*.

\* \* \*

E, no entanto, há no conceito da *alo-redenção* algo de verdadeiro. Afirma a teologia que o *diabo* fêz o homem pecador, e o *Cristo* o redime do pecado. A teologia erra apenas na idéia de supor que diabo e Cristo sejam entidades externas, alheias ao homem, *transcendentes* e não *imanentes* nele. Nós, porém, sabemos que tanto Satan como Cristo residem em cada ser humano; sabemos que o nosso ego é, pelo menos potencialmente, Satan, e o nosso Eu é o Cristo, embora ainda em estado latente. Cada homem tem dentro de si o céu e o inferno, e depende do uso ou abuso da sua liberdade desenvolver este e reprimir aquele, ou vice-versa.

Se os teólogos tivessem compreendido a grande verdade da *imanência luciférico-crística* do homem, não estariam longe da verdade.

Com *Freud* começou, na psicanálise, a identificação do homem com o *ego-libido*.

Seu discípulo *Adler* abriu brecha para descobrir algo além desse ego pan-sexualista; é o ego despótico do *homem-poder*.

*Jung* desbravou o resto da selva tropical e apontou o Eu central do homem, o *homem-espírito*, último reduto de todas as suas grandezas. Em nossos dias, Albert Einstein e Victor Frankl declaram o homem-Eu a culminância da natureza humana.

\* \* \*

Difícilmente, a inteligência do homem compreenderá o que o coração não quer aceitar. Se não houvesse interesse de pessoa e de classe em manter a idéia da alo-redenção, é certo que ela já teria desaparecido a favor da auto-redenção; mas esta é economicamente estéril, ao passo que aquela é indefinidamente fecunda. Com o eclipse da alo-redenção se eclipsaria o sol da glória em que se banha o sacerdócio de todos os tempos, antigos e modernos. Se o homem-ego, pecador por culpa própria, se pode redimir pela virtude do homem-Eu; se o homem-Satan mental pode ser remido pelo Eu espiritual, não há necessidade de ritos sacramentais, o *espiritual* suplanta tanto o *ritual* como também o *legal* – e, neste caso, se torna supérflua ou secundária uma classe humana incumbida de redimir o homem satanizado, porque o próprio homem se pode redimir, em virtude do seu Cristo interno. Eu mesmo, graças ao elemento crístico em mim me redimirei do elemento satânico em mim. Eu mesmo serei o meu *sacerdos*; o meu “homem sacro”, que me libertará do “homem não-sacro”; o meu ego pecador será liberto por meu Eu redentor. E um sacerdote fora de mim é supérfluo.

O Sermão da Montanha é o documento máximo em face do qual nenhum clero ou sacerdote é necessário, porque é a Carta-Magna da auto-redenção pelo elemento divino dentro de cada homem.

A grande dificuldade não está no plano teórico de compreender esta verdade fundamental do Cristianismo e da vida humana; não é difícil compreender que o homem-ego pecador se possa tornar um homem-Eu redentor e redento, que o homem responsável por seus pecados seja responsável também por sua redenção.

Entretanto, a pequena *ekklesía* dos homens realmente crísticos sabe que auto-redenção é cristo-redenção, teo-redenção – e que esse verdadeiro “*autós*”, esse divino “*Christós*”, esse eterno “*Theós*” está dentro de cada homem e que toda a redenção consiste em despertá-lo e entregar-lhe as rédeas da vida.

“*Copiosa apud eum redemptio...*”

# **A FILOSOFIA CÓSMICA DO CRISTO**

## **SUPLANTANDO AS TEOLOGIAS ECLESIAÍSTICAS**

### **DOS CRISTÃOS**

O aparecimento de Jesus Cristo no cenário da história humana, é certamente, o maior e mais inexplicável fenômeno até hoje conhecido. Por seu nascimento datam todos os povos civilizados a sua cronologia.

Contra esse homem estranho ergueram-se as duas maiores potências da época, a potência religiosa da sinagoga de Israel, para a qual o triunfo ou a derrota do Nazareno era questão de vida ou de morte; e a potência político-militar do Império Romano, cujo politeísmo oficial era incompatível com o rígido monismo do Cristo e seus genuínos discípulos.

Querer, em face disto, afirmar que Jesus Cristo nunca existiu como personalidade histórica, é tentame por demais ingênuo e pueril para que mereça refutação. No terreno do pensamento também aparecem modas ridículas como no terreno social – aparecem e desaparecem. Certamente, a cronologia de todos os povos civilizados do globo não data do nascimento de um fantasma...

O Nazareno, embora corporalmente descendente de israelitas, não encarna a mentalidade monoteísta-nacional da sinagoga da época, mas proclama um monismo universal absoluto, partindo do princípio de que “o reino de Deus não vem com observâncias (ritualistas), mas está dentro do homem”.

Entretanto, esse remontado monismo universal e esse imanentismo do reino de Deus não foram compreendidos nem aceitos pelos teólogos do Cristianismo, que recaíram no dualismo do monoteísmo nacionalista da lei mosaica, como já lembramos, elaborando, a partir do século 4.º, um Cristianismo eclesiástico que abandonou os princípios básicos do Evangelho do Cristo, no tocante à natureza de Deus e do homem. E sendo que quase todos os componentes populares do Cristianismo primevo eram pessoas espiritualmente incultas, a teologia eclesiástica se adaptou a essas mentalidades primitivas, e o princípio dualista da sinagoga israelita decadente prevaleceu no seio do Cristianismo, sendo, no século 13, magistralmente codificado pelo rei dos teólogos romanos, Tomás de Aquino, e, no século 16, oficialmente sancionado pelo Concílio de Trento.

Com isto, se achava o Cristianismo oficialmente divorciado do espírito cósmico do Nazareno e vinculado à mentalidade ritualista da sinagoga, ao ponto de poder Albert Schweitzer, em nossos dias, afirmar que a teologia eclesiástica inocula aos cristãos um soro que os imuniza contra o espírito do Cristo.

Os países orientais de elevada cultura filosófica e espiritual, como a China, a Índia, o Japão e outros, nunca aceitaram, nem jamais aceitarão, o nosso Cristianismo eclesiástico; não há nesses países 1% de cristãos, a despeito de todos os esforços dos missionários ocidentais.

Por que esse fracasso missionário?

Porque o Cristianismo penetrou nesses países sob a forma de uma teologia muito primitiva, falando dum Deus pessoal, antropomorfo, partidário, vingador; de um céu e um inferno como lugares geográficos ou astronômicos definitivos para bons ou maus; negando a evolução da alma humana após a morte física; admitindo fatores externos que nos fizessem pecadores (Adão) e remidos (Cristo); fazendo depender salvação ou perdição de ritos externos ou de meros atos de fé, etc.

Esse Cristianismo teológico, é verdade, converteu os povos ocidentais, espiritualmente analfabetos nesse tempo, como eram os escravos e libertos do Império Romano e as hordas bárbaras que invadiam o Império pelo norte e pelo leste, povos que formavam o grosso e a quase totalidade do Cristianismo europeu da época. Para esses povos primitivos era o nosso Cristianismo eclesiástico algo superior, e por isto o abraçaram – mas para os povos espiritualmente cultos da Ásia e do Egito deviam as nossas teologias aparecer como escola primária ou jardim de infância que tentassem invadir as altas esferas de uma Universidade. E até ao presente dia esses povos recusam aceitar o nosso Cristianismo, porque este, na esfera oficial, continua a professar ideologias sumamente pueris e ridículas. As palavras que Mahatma Gandhi opunha a todos os missionários cristãos que tentavam convertê-lo – “aceito o Cristo e seu Evangelho, mas não aceito o vosso Cristianismo” – são típicas e bem expressivas.

Se o Evangelho do Cristo tivesse sido anunciado à China, à Índia, ao Japão, ao Egito, e outros países de elevada cultura espiritual, em sua forma genuína e pura, de profunda filosofia cósmica, teriam esses povos abraçado a mensagem do Nazareno como algo afim à sua própria cultura espiritual. Mas, neste caso, não teriam os povos europeus da época sido capazes de assimilar o Evangelho do Cristo.

É chegado o tempo para ultrapassarmos as nossas concepções primitivas medievais sobre a mensagem do Cristo e começarmos a compreender que ela não é uma teologia eclesiástica que se deva crer de olhos fechados, mas sim uma profunda e vasta filosofia cósmica que deve e pode viver de alma aberta.

A teologia *sacramentalista* da igreja romana, e a teologia *biblista* da igreja protestante, ambas fundamentalmente dualistas, pouco ou nada têm que ver com a ideologia *cósmica* do Nazareno, tão incompatível com as nossas teologias eclesiásticas como incompatível foi com a teologia ritualista da sinagoga de Israel, que o mandou crucificar. Hoje em dia, seria o Nazareno considerado tão herege pelos cristãos como o foi, no primeiro século, pelos judeus, porque a sua mentalidade destoa tanto do espírito das nossas igrejas como destoa da sinagoga. Uma única vez foi o corpo de Jesus crucificado pelos judeus – constantemente, através dos séculos, é o espírito do Cristo crucificado pelos cristãos. Talvez seja esta a maior ilusão de todos os tempos: dizerem-se os cristãos discípulos do Cristo – salvo raras exceções...

\* \* \*

Cada vez mais frequentes e mais veementes se tornam, em nossos dias, os brados por um retorno integral ao espírito do Cristo, independente de qualquer teologia eclesiástica. A humanidade-elite não quer saber o que a igreja A, B ou C pensa do Cristo – mas sim o que o Cristo pensava e dizia de si mesmo e demonstrou com suas obras. O que nos interessa não são igrejas e teologias – mas somente o Cristo e seu Evangelho, vividos com toda a pureza e genuinidade em suas próprias fontes.

No século 16, a Reforma Protestante parecia tomar a sério esse retorno às fontes divinas do Cristianismo, mas falhou em grande parte, 1) porque cometeu e ainda comete o erro funesto de nivelar simplesmente a Bíblia com os Evangelhos, e 2) porque se limita a uma análise intelectual do texto sacro, sem atingir, pela força espiritual, a alma divina da revelação.

Em nossos dias, a Rússia e seus satélites, países tradicionalmente cristãos, hostilizam todas as teologias cristãs e ideologias teístas, afirmando que “religião é ópio para o povo”. Os soviéticos entendem por “religião” os diversos tipos de teologia eclesiástica, e, neste sentido, talvez tenham razão. Também, como poderiam eles insurgir-se contra um Cristo e um Deus que nunca lhes foi apresentado a não ser através das caricaturas eclesiásticas, em que outros vêem retratos autênticos? Ninguém pode hostilizar por motivos honestos, o Cristo real e o Deus verdadeiro. O movimento anti-cristão e anti-teísta da Rússia é meramente negativo e destruidor; ela pretende destruir, em nome da verdade, o que julga ser “ópio para o povo”, isto é, ilusão e mistificação, miragem irreal, como o ópio produz na fantasia de quem o ingere.

Existe, todavia, um movimento mundial fora da Rússia que também rejeita o Cristianismo eclesiástico-teológico, mas procura pôr em lugar dele um Cristianismo Cósmico, uma concepção mais pura, profunda e ampla do verdadeiro pensamento do Cristo e do seu Evangelho. Esse movimento tem diversos nomes, mas visa, no fundo, o mesmo ideal. Nos países germânicos se chama “*Neugeist*” (espírito novo), nos países anglos aparece como *Self-*

*realization* (auto-realização). No Brasil aparece como “*Alvorada*”, ou seja, “*Alvorada do Homem Cósmico*”. Não se trata de novas religiões nem escolas filosóficas; trata-se de uma interpretação mais exata e profunda do mais grandioso fenômeno espiritual que já apareceu sobre a face da terra e que, por via de regra, se chama “Cristianismo”. Por falta de suficiente evolução espiritual, foi a mensagem do Cristo classificada de “teologia” ou “igreja”, quando, na realidade, o Evangelho é a mais profunda e ampla Filosofia Univérsica, isto é, o reflexo de uma experiência universal – de Deus, do homem e do mundo – que o Nazareno teve e que deixou os seus vestígios nas páginas exaradas por alguns de seus discípulos. Percebe-se a cada passo que os próprios discípulos não compreenderam o verdadeiro sentido do que escreviam, reproduzindo apenas o que tinham visto e ouvido. Os Evangelhos são o único livro internacional da humanidade cujos autores – ou compiladores – não tomam atitude pessoal em face do que referem como acontecido; nunca encontramos uma palavra de aprovação ou reprovação dos fatos; os evangelistas mantêm uma atitude 100% objetiva ou neutra em face dos acontecimentos que narram, de maneira que pelo texto não poderíamos saber se foram amigos ou inimigos do Nazareno. Chegam ao ponto de narrar fraquezas dele que seriam cautelosamente silenciadas por um historiador que tivesse a intenção de endeusar seu herói; referem, por exemplo, que Jesus teve tanto medo diante da morte, que até suou sangue e bradou em altas vozes que Deus o libertasse dos sofrimentos e da morte; mesmo na cruz, pouco antes de expirar, exclama: “Meus Deus, meu Deus, por que me desamparaste?”, oferecendo a seus inimigos a melhor arma contra si mesmo e justificando, aparentemente, a acusação deles de ser ele um impostor e falso Messias.

“*Alvorada*” e seus congêneres em outros países, consideram o Evangelho do Cristo como a expressão de uma experiência direta de Deus no homem, consubstanciada nos dois grandes mandamentos da *mística* e da *ética*: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de toda a tua mente e com todas as tuas forças – e amarás a teu próximo como a ti mesmo”.

O desdobramento dessa filosofia mística-ética se encontra no Sermão da Montanha, na Carta Magna da auto-redenção pelo triunfo do Eu divino sobre o ego humano no homem. Da primeira até à última palavra, frisa o Cristo, no Sermão da Montanha, a necessidade – e, portanto, a possibilidade de o homem se redimir, ser bem-aventurado, entrar no reino dos céus, em virtude da libertação da tirania dos objetos e do próprio ego.

Essa auto-redenção não é ego-redenção, como pensam, ingenuamente, os adeptos da alo-redenção. Auto-redenção é genuína Cristo-redenção, uma vez que o verdadeiro “autós” do homem é sua alma, o seu Cristo interno, ou seja, no dizer de São Paulo, “o espírito de Deus que habita em nós”. Esse espírito de

Deus no homem pode, certamente, redimir o homem. Quem nos faz pecadores é o nosso ego humano, a nossa personalidade – quem nos redime é o nosso Eu divino, a nossa eterna individualidade, alma, ou Cristo.

É esta a grandiosa filosofia cósmica que vai através de todo o Evangelho do Cristo, mas que não foi reconhecida pelos teólogos eclesiásticos, que adotaram a ideologia da sinagoga decadente e ensinaram a redenção do homem por fatores alheios à sua natureza. Esse dualismo externalista e heterônomo era o único que a humanidade podia compreender, naquele tempo; mas hoje em dia, grande parte da humanidade está em condições de ter da mensagem do Cristo noção mais exata e verdadeira.

Consoante as leis inexoráveis da evolução, é inevitável que a concepção do Cristo e seu Evangelho se processe por etapas, paulatinamente, e que as massas devam ainda por muito tempo contentar-se com um Cristo eclesiástico e um Evangelho meramente teológico. A evolução espiritual, como aliás toda a evolução, vai com passos mínimos em espaços máximos.

O que importa, todavia, é que mantenhamos bem acesa a consciência de que o Cristianismo integral não é esse que os cristãos conhecem e seus teólogos apregoam. O Cristianismo integral é a *experiência mística* de Deus, o “primeiro e maior de todos os mandamentos”, experiência essa manifestada na *vivência ética* com todos os homens, que é o “segundo mandamento”, incluindo também a *reverência com a natureza* infra-humana.

É esta a Filosofia Univérsica do Cristo, que, um dia, suplantará a teologia eclesiástica dos cristãos.



## NOS RASTROS DO CRISTO CÓSMICO

Que é o homem?

Da resposta que dermos a esta pergunta depende o conceito, certo ou errôneo, da redenção em todas as religiões. Se o homem é essencialmente mau, nenhuma redenção de dentro é possível; mas, se o homem é essencialmente bom, embora apenas em potência, existe um fundamento para a redenção de dentro.

O problema da redenção, heterônoma, ou autônoma, como se vê, assenta alicerces num profundo problema metafísico sobre a verdadeira natureza do homem.

Se a verdadeira natureza do homem se resume no seu ego – isto é, no seu elemento físico-mental-emocional, que, por via de regra, chamamos pessoa, personalidade (do latim *persona*, que quer dizer *máscara*) – então é evidente que a redenção do homem não pode vir dele, porque esse ego é precisamente o autor do pecado – e como poderia o pecador redimir o pecador? Como poderia Lúcifer purificar Lúcifer? “Se eu expulso os demônios por meio de Satanás, então está desunido o seu reino – mas um reino desunido não pode subsistir; se, porém, expulso os demônios pelo dedo de Deus, então, na verdade, chegou a vós o reino de Deus”. Ora, “o reino de Deus não vem de fora, com observâncias, mas está dentro de vós”.

Nestas palavras do divino Mestre está toda a solução do problema. Não é o ego pecador que redime o ego, mas é o “dedo de Deus”, a virtude divina do Cristo, que redime o homem.

Ora, essas forças – Satan e Cristo – estão dentro do homem, fazem parte da sua natureza mental-espiritual, o Satan do ego, que se rebela contra Deus – e o Cristo do Eu, ou Alma, esse “espírito de Deus que habita no homem”.

Pecado e redenção dependem da soberania que este ou aquele elemento conquistar no homem. Se o ego satânico prevalecer, torna-se o homem pecador; se o Eu crístico nele prevalecer, torna-se o homem redimido, justo, santo.

São os “dois eus” de que fala a epístola de São Paulo aos romanos, a “lei da carne” (ego) e a “lei do espírito” (Eu): “Está em mim o querer o bem, mas não o poder; pois não faço o bem que quero, mas sim o mal que não quero. Ora, se

faço o mal que não quero, não sou eu que ajo (meu Eu divino), mas sim o pecado em mim (o ego humano). Infeliz de mim! Quem me libertará desse corpo mortífero? (desse ego humano). A graça de Deus, por Jesus Cristo” (o Eu divino).

Quando o ego pecador se entrega totalmente ao Eu redentor; quando Satan obedece à ordem do Cristo “*vade retro!*” (vai no meu encalço) – então pode o homem remido dizer, feliz: “Já não sou eu (meu ego humano) que vive – o Cristo (meu Eu divino) é que vive em mim”.

Os teólogos eclesiásticos, porém, ensinam que esse Cristo é apenas aquele Jesus de Nazaré do primeiro século da nossa era; não fazem distinção entre o Jesus humano e o Cristo divino, o “espírito de Deus” que habita em Jesus e habita em todo homem. “Nele (no Cristo eterno) estava a vida, e a vida é a luz dos homens, a luz verdadeira que ilumina a todo homem que vem a este mundo”. E os que recebem essa luz crística e a afirmam e fazem brilhar em sua vida “recebem o poder de se tornarem filhos de Deus”. Antes que Abraão fosse feito, esse Cristo é, como ele mesmo afirma. As palavras proferidas em véspera de sua morte: “Pai, glorifica-me com aquela glória que eu tinha em ti antes que o mundo fosse feito”, são insondável enigma para os que não aceitam o Cristo Cósmico, anterior à criação do universo, dos homens e dos anjos.

O apóstolo Paulo sabia desse Cristo Cósmico, que existia muito antes da sua encarnação em Jesus de Nazaré, como ele escreve aos Colossenses, este Cristo “é a imagem do Deus invisível, o Primogênito, anterior a toda a creatura; nele foram criadas todas as coisas, no céu e na terra, visíveis e invisíveis, tronos e dominações, principados e potestades – tudo foi criado por ele e para ele; ele está acima do universo, e é nele que o universo subsiste”.

Isto diz Paulo do Cristo Cósmico, pré-telúrico, que, milênios ou bilhões mais tarde, se incarnou, aqui no planeta Terra, em Jesus, filho de Maria; pois, o Cristo Cósmico, como o apóstolo diz na epístola aos Filipenses, “subsistindo na forma de Deus, não julgou dever aferrar-se a essa divina igualdade, mas despojou-se a si mesmo e, assumindo forma de servo, tornou-se igual aos homens e apareceu como homem no exterior”.

Nestas palavras, vem claramente expressa a existência pré-histórica do Cristo Cósmico, que “subsistia na forma de Deus”, isto é, como a mais alta forma ou individualização da Divindade, na “divina igualdade”; mas “despojou-se” (em grego *esvaziou-se*) dessa forma divina do Cristo Cósmico e revestiu-se da forma humana do Cristo telúrico, aparecendo como homem no exterior, mas permanecendo o Cristo Cósmico no interior.

Ora, afirma o evangelista João, esse mesmo Cristo eterno, que é “a vida e a luz dos homens, está em cada homem que vem a este mundo”. Compete ao

homem despertar em si essa luz oculta e acendê-la em chama permanente, como as lâmpadas das cinco virgens sábias da parábola, para que a alma possa ser admitida ao reino das núpcias com o divino Esposo. Quem, no princípio, obscurece essa luz crística é o ego humano; uma vez removido esse obstáculo, rompe a luz divina do homem em viva chama, iluminando e transformando a vida.

Essa mesma idéia reaparece no Apocalipse de João, onde ele vê o homem, primeiro como Besta, depois como Satan, e, finalmente, como Cristo – o homem-animal, o homem-mental e o homem-espiritual.

É absurdo supor que a pessoa humana de Jesus esteja em cada um de nós; seria uma pessoa enxertada em outra pessoa, verdadeiro monstro.

Por outro lado, o Cristo divino, assim como está em Jesus, eternamente inseparável dessa pessoa humana, não pode, nessa forma, estar em mim. Mas esse mesmo Cristo Cósmico, “que ilumina a todo homem”, está em mim em outra forma, na forma peculiar a mim, correspondente a este indivíduo humano, único e original – assim como a mesma vida universal está de outro modo na roseira ou na macieira do que está na orquídea ou no pinheiro, embora seja sempre a mesma e única vida universal. Em cada um de nós vive o mesmo Cristo Cósmico, mas em forma diferente daquele que vivia e vive em Jesus de Nazaré. Cada um de nós é um veículo telúrico do Cristo Cósmico.

“Quando duas pessoas fazem a mesma coisa, diz o provérbio, essa coisa não é a mesma”. Da mesma forma, quando o Cristo está em duas pessoas, esse Cristo não é o mesmo; é o mesmo na sua *essência cósmica*, mas não é o mesmo na sua *existência telúrica*, na sua individuação humana.

É precisamente nessa forma telúrica e individual que o eterno Cristo Cósmico, segundo as suas próprias palavras, está conosco “todos os dias até a consumação dos séculos”, e “onde dois ou três estiverem reunidos em seu nome está ele no meio deles”.

Neste sentido, diz o apóstolo Paulo “O Cristo vive em mim”, “o meu viver é o Cristo”, “o espírito de Deus habita em vós”.

Neste sentido, afirma Tertuliano que “a alma humana é crística por sua própria natureza”.

Enquanto o homem continuar ignorando esse Cristo latente, é ele vítima de trevas, pecador, irredento; mas, quando a luz crística rompe as trevas (ou penumbras) luciféricas do ego, então, mais uma vez o Verbo se faz carne e habita em nós, cheio de graça e de verdade.

Quando a um teólogo eclesiástico se fala em “auto-redenção”, entende ele “ego-redenção”, redenção pelo ego humano, e protesta contra semelhante “pelagianismo” nascido do orgulho e da presunção, porque entende por “auto-redenção” a redenção pelo próprio ego pecador.

Neste sentido, já o dissemos, é claro que não pode haver “auto-redenção”, porque o ego pecador não pode redimir o homem; Satan não redime Satan. Mas, quando o teólogo abandona a sua tradicional confusão e deixa de identificar o ego luciférico com o Eu crístico do homem, então desaparece todo o escândalo nascido da confusão.

Auto-redenção é cristo-redenção, teo-redenção.

Quem peca no homem é o seu ego humano, a sua *persona* ou máscara, mas não o seu verdadeiro Eu, a sua alma, o “espírito de Deus que nele habita”, esse não peca nem pode pecar. O Lúcifer do ego peca – o Cristo do Eu redime do pecado; a “luz brilha nas trevas, e as trevas não aprenderam”.

Na linguagem simbólica do Gênesis, representa Moisés o *ego pecador* pela serpente, e o *Eu redentor* pelo poder que esmagará a cabeça da serpente. E o próprio Cristo afirma que ele é essa serpente sublimada às alturas, simbolizada por aquela serpente de bronze que Moisés ergueu no deserto, para que os hebreus mordidos pelas serpentes rastejantes fossem salvos por essa super-serpente erguida às alturas. Evidentemente, as serpentes venenosas representam o ego pecador, e a serpente curadora e salvífica, é o Eu redentor; ambas essas serpentes, a mortífera e a vivífica existem no homem; da vitória desta ou daquela depende a salvação ou a perdição, a vida ou a morte espiritual do homem. Sublimar, erguer às alturas, cristificar, divinizar o seu ego humano – eis em que consiste todo o processo de redenção! E o Sermão da Montanha é o mais perfeito caminho dessa redenção, porque representa completa vitória do Eu divino sobre o ego humano. É um grandioso programa de auto-redenção pelo Cristo interno, ou seja, de auto-realização em Deus. Cada uma daquelas sublimes afirmações – desde as oito bem-aventuranças até à alegoria final da casa sobre rocha ou sobre areia – é um convite, quase um desafio, que visa subordinar o ego humano ao Eu divino – e isto é redenção. Remido, bem-aventurado, herdeiro do reino dos céus, filho de Deus é todo homem “pobre pelo espírito”, “puro de coração”, que tem “fome e sede da justiça” (verdade), que “ama aos que o odeiam” e “faz bem aos que lhe fazem mal”, que “cede também a túnica a quem lhe roubou a capa”, que “oferece a outra face a quem o feriu numa”, que “vai dois mil passos com quem o obrigou a andar com ele mil”, etc. Todas estas palavras focalizam, de modos vários, a única verdade central da vida humana: que a redenção e verdadeira felicidade do homem consistem na definitiva vitória do seu elemento divino sobre seus elementos humanos. O Sermão da Montanha supõe, do princípio ao fim, que esses dois elementos estejam dentro do homem, que o homem se

torna pecador quando faz prevalecer as forças do seu ego humano, e se faz remido quando dá vitória ao seu Eu divino sobre seu ego humano. Todos esses preceitos que compõem o Sermão da Montanha são dolorosos e antipáticos ao “homem velho que anda ao sabor das suas concupiscências”, mas são alvissareiros e simpáticos ao “homem novo, feito em verdade, justiça e santidade”, essa “nova criatura em Cristo”, “renascida pelo espírito”, disposta a andar pelo “caminho estreito e passar pela porta estreita que conduz ao reino dos céus”.

É deveras estranho que os teólogos eclesiásticos, em face de tamanha clareza, tenham criado obscuridade no tocante à redenção, fazendo-a consistir, como seus colegas da sinagoga, em fatores externos, adventícios, alheios à própria natureza humana, proclamando diversos tipos de alo-redenção, em substituição à auto-redenção do Cristo no Evangelho.

Se, nessa alo-redenção por fatores externos, não houvesse interesse por parte dos seus defensores, certamente não teria ela substituído a auto-redenção do Cristo. Mas, como os doutores da lei, antigos e modernos, vivem dessa redenção de fora, da qual são eles os intermediários entre o pecador e Deus, e como todo o seu prestígio político-social-financeiro deriva dessa doutrina de alo-redenção, continua a vigorar essa ideologia artificial, e subsistirá enquanto houver egoísmo eclesiástico, por um lado, e ignorância dos leigos, por outro. Somente a iluminação pela “verdade libertadora” é que porá termo às teorias e teologias sobre a redenção de fora e proclamará a grande verdade da redenção de dentro. Será o triunfo do Evangelho divino sobre as teologias humanas.

E então deixará o clero de ser intermediário entre o homem e Deus. Continuará a ser orientador dos profanos – suposto que ele mesmo seja iniciado na verdade dos “mistérios do reino de Deus”. Os chefes espirituais deixarão de se arrogar o papel de “locomotivas” do povo, contentando-se com a função de setas indicadoras à beira das estradas e nas encruzilhadas da vida, apontando aos viajores o caminho certo – suposto que eles mesmos não sejam “guias cegos”, mas conheçam e trilhem esse caminho.

E, neste caso, o rabino, o sacerdote, o ministro o diretor espiritual, se julgará feliz quando for abandonado e ultrapassado pelo viandante bem orientado, em vez de se fazer por ele adorado. A seta indicadora cumpriu a sua missão se for abandonada pelo viajor. No dia e na hora em que o chefe espiritual se tornar supérfluo para seu pupilo, por ter este adquirido plena autonomia espiritual, terá o diretor cumprido gloriosamente a sua missão.

Bem-aventurado o diretor espiritual que, de tão eficiente, se tornou supérfluo para seus dirigidos! Dele é o reino dos céus...

## DA CONSCIÊNCIA LUCIFÉRICA À CONSCIÊNCIA CRÍSTICA

Todos os grandes pensadores da humanidade, de todos os tempos e países, vêm a redenção do homem na sua voluntária integração no grande Todo, o qual tem diversos nomes, mas cujo sentido é invariavelmente o mesmo.

Na zona do genuíno Cristianismo, esse grande Todo se chama Deus – naturalmente não algum deus-indivíduo, mas o Deus Universal, o Espírito Cósmico, a Alma do Universo.

Deus não é o Universo no seu aspecto creado, mas sim o Creador do Universo, e nesta Causa creante estão todos os efeitos creados, embora distintos dela. Deus é Essência como Creador, e é Existência como creatura.

Ora, para que o homem seja realmente remido, deve ele integrar-se tanto no Deus-Essência como no Deus-Existência.

A integração no Deus-Essência, ou seja, na Força Creadora do Universo, é realizada pela *experiência mística*, que, no Evangelho, se chama “o primeiro e maior de todos os mandamentos”.

A integração no Deus-Existência, nas Forças Creadas, se faz pela *vivência ética*, que o Nazareno chama o “segundo mandamento”.

Também a natureza infra-humana está incluída nessa vivência ética, embora num sentido algo diferente da humanidade.

Para cima: amor para com Deus.

Para todos os lados: fraternidade com todos os homens.

Para baixo: reverência pela natureza.

Nesses três itens se resume a redenção total do homem.

Sendo que a fraternidade humana e a reverência pela natureza estão baseadas na experiência do amor de Deus, é lógico que toda redenção do homem comece pelo “primeiro e maior de todos os mandamentos”: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua mente, e com todas as tuas forças”.

O teste e a prova de fogo dessa experiência mística, porém, é a vivência ética: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”.

\* \* \*

A primeira vista, parece fácil e simples essa redenção do homem, em seu tríplice aspecto acima exposto. Na realidade, todavia, é imensamente difícil.

Por quê?

Porque, há muitos milhares de anos, surgiu no homem o seu ego mental, que se acha em plena pujança, e não está disposto a se integrar numa ordem superior, e sem essa integração é impossível a redenção total.

O nosso ego consciente, criado pelo intelecto, é essencialmente separatista, centrífugo, anti-cósmico, anti-teísta.

E é precisamente aqui que tocamos no mais obscuro e doloroso problema de todas as filosofias e religiões da humanidade: a origem e existência do mal, sobretudo do *mal moral*, do *pecado humano*. Se Deus é bom, se ele é o *Summum Bonum*, donde vem o mal no mundo? Ou esse mal não vem de Deus – ou vem dele. No primeiro caso, deve haver outro princípio creador, um anti-deus, autor do mal e das trevas – e estamos em pleno dualismo zoroastriano. No segundo caso, Deus não é somente o Sumo Bem, senão também o Sumo Mal, uma vez que ambas as torrentes emanam dele.

Diversos filósofos e teólogos tentaram solver o enigma, afirmando que o mal não é uma realidade, um algo, uma presença, mas sim uma irrealidade, um nada, uma ausência – assim como as trevas são ausência da luz, as doenças são a ausência da saúde, a morte é a ausência da vida e o pecado é a ausência da santidade.

Não é falsa essa filosofia. De fato, todos os males são ausências, negações, inexistências, espécies de vácuo relativo, ou seja, plenitude parcial, em vez de plenitude total.

E por que as coisas finitas não têm plenitude total, perfeição integral?

Pela simples razão de que todo finito, precisamente por ser finito, isto é, “limitado”, não pode ser perfeito, que seria Infinito – e não pode haver dois Infinitos. Pode um finito ser relativamente perfeito, no seu gênero, mas não pode ser absolutamente perfeito. E essa ausência de ulterior perfeição chamamos “mal”. O “mal” é a própria finitude das coisas creadas. E isto vale também dos seres da natureza infra-humana, diretamente creados por Deus, sem intervenção do livre arbítrio humano.

Entretanto, o que mais nos scandaliza são os males morais, os pecados e crimes do homem. Por que Deus permite guerras de extermínio, trucidação de inocentes?

Por que há seres livres?

Mas, por que criou Deus seres livres capazes de fazerem o mal moral?

Nesta pergunta se focaliza o problema do mal em sua forma mais aguda.

Deus, sendo creador de indivíduos livres, que praticam o mal, é também, embora indiretamente, autor desse mal. É, pois, evidente que Deus permite, ou não impede, o mal moral, porque achou melhor criar um mundo possivelmente mau do que criar um mundo exclusivamente bom. Essa polaridade do bem e do mal é que é o grande mistério.

Deve haver, nessa alternativa do bem e do mal, algo de divino; do contrário, não teria Deus permitido esse dualismo, essa oscilação entre a luz e as trevas, que é o característico de todas as criaturas dotadas de certo grau de consciência e liberdade.

Se afirmarmos que Deus manifesta o máximo de seu poder e de seu amor no fato de ter dado a suas criaturas a possibilidade de serem boas ou más, afirmamos uma grande verdade – mas uma verdade acessível a poucos.

A natureza infra-humana não tem a alternativa entre o bem e o mal; acha-se num estado neutro de bondade inconsciente e compulsória, e, por isto mesmo, é imensamente inferior ao homem, que pode assumir atitude positiva ou negativa, pode ser bom ou mau. Um único homem que, podendo ser mau, resolve ser livremente bom, é uma revelação de Deus infinitamente mais grandioso do que todos os mundos do universo que não podem deixar de ser o que são, porque “não comeram do fruto da árvore do bem e do mal”.

A zona dessa alternativa entre o bem e o mal é a Inteligência, que se revela no *ego*, ou seja, na *persona* do homem. Em vez de ser inconscientemente bom, ou neutro, como a natureza, pode o homem ser conscientemente bom – mas esta bondade consciente supõe que o homem possa ser também conscientemente mau; do contrário, aquela bondade consciente seria simples aparência e ficção.

Essa bi-polaridade é necessária para que possa haver liberdade e responsabilidade individual, sem a qual não existe o bem e o mal.

A origem do Intelecto – do Lúcifer, da Serpente – é, pois, uma *felix culpa*, um *vere necessarium peccatum*, como diz o hino pascal do “Exultet”.

Naturalmente, soa de um modo absurdo e blasfemo aos ouvidos de qualquer profano afirmar que Deus é tanto o Deus do Bem como o Deus do Mal, porque



vemos nisto duas potências *adversativas*, quando, na realidade, são *complementares*. Somente um genuíno iniciado, um homem dotado de consciência cósmica, não se escandaliza com semelhante afirmação. Dizer que Deus está “para além do Bem e do Mal” é, para a massa, uma frase sem sentido; mas é uma grande verdade.

Pouco se pode dizer a muitos.

Muito se pode dizer a poucos.

Muito nunca se pode dizer a muitos.

Verdades como esta são tenebroso mistério para a inteligência – só a razão espiritual as pode compreender.

A mesma Verdade é alimento para uns – e veneno para outros, consoante a constituição do organismo espiritual capaz de assimilar ou não assimilar essa Verdade. Não existem venenos absolutos; todo veneno é relativo. Veneno é algo que o organismo não pode integrar em sua vitalidade, e, se não consegue repudiá-lo de início, mas procura assimilá-lo, sucumbe à prepotência desse alimento, que, neste caso, atua como veneno. Se o organismo for mais forte que o veneno, este lhe serve de alimento; se for mais fraco, sucumbe ao mesmo.

Nenhum profano, ou fraco, possui suficiente força ou saúde para poder assimilar, indene, a grande Verdade de que Deus está “para além do Bem e do Mal”, que nele são complementares, esses dois conceitos adversários que a Divindade suprema não é nem isto nem aquilo, mas ambas as coisas. Essa polaridade do Bem e do Mal, reciprocamente *exclusiva*, no plano estreito e unilateral da nossa inteligência analítica é, realmente, *inclusiva*; passa da *disjuntiva adversativa* para a *conjuntiva complementar*, quando intuída em visão panorâmica pela razão espiritual. Que vale, no mundo de Deus, a nossa pobre lógica intelectual, base da nossa ética e moralidade humana? Se o homem de experiência mística é um homem ético e moral, não o é por motivos de lógica intelectual, mas sim em virtude de uma experiência cósmica, cujo espontâneo e irresistível transbordamento aparece como ética. De per si, a ética não pode ser derivada da experiência mística: A ética é uma linha horizontal, ao passo que a mística é vertical. Aquela não deriva desta, mas esta pode sustentar aquela.

O homem que apenas comeu do “fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal”, oferecido pela serpente do intelecto, só conhece o Deus do Bem ou o Deus do Mal (Deus ou Satan); mas o homem que, nas profundezas da sua experiência cósmica, ultrapassou esse estágio serpentino e comeu do “fruto da árvore da vida”, que também está no Éden, esse sabe por uma vivência íntima que a polaridade do Bem e do Mal está baseada no mesmo Deus Cósmico. E,

para esse homem, semelhante Verdade deixou de ser veneno, porque a experiência que ele tem do Deus Cósmico o imuniza contra qualquer efeito mortífero da Verdade, uma vez que esta é integralmente assimilada como alimento vitalizante.

O pior dos venenos se torna o melhor dos alimentos, quando o organismo consegue assimilá-lo devidamente; é “comida sólida” para os “adultos em Cristo”, no dizer de Paulo, e não apenas “leite, para os infantes em Cristo”.

As grandes verdades metafísicas, quando mal assimiladas, destroem a saúde e vida ética do homem comum, porque ele é fraco e por isto só deve beber o “leite” das pequenas verdades teológicas.

Se o filho pródigo tivesse parado na primeira etapa das suas experiências, após o egresso da casa paterna, teria errado o seu destino, envenenado por essas semi-experiências; mas como, em vez de parar, resolveu passar e ultrapassar esse estágio intermediário da sua evolução, e, graças ao ingresso em si mesmo, iniciou o regresso à casa paterna, a *felix culpa* do seu ego reverteu em benefício do seu Eu total. O seu regresso não é o cancelamento do seu egresso; como pensam os moralistas superficiais, porque entre o egresso e o regresso ocorre o ingresso, o feliz encontro consigo mesmo, com o seu Cristo interno. E, por isto, a sua viagem não representa um *círculo fechado*, a chegada não coincide com a partida – a sua vida é uma vasta *espiral aberta*, porque na volta esse jovem é totalmente diferente daquele que fora antes da ida. Comeu, não só do “fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal”, mas também do “fruto da árvore da vida”; ultrapassou o estágio penúltimo para chegar ao último.

\* \* \*

Não pode o ego redimir o homem, mas pode criar o polo negativo para que o positivo possa atuar poderosamente e forjar a gloriosa epopéia do homem integral.

Tão grande é o vácuo que a ego-consciência mental abre na vida humana que a plenitude da cristo-consciência jorra impetuosamente para dentro desse vazio – suposto que o ego não considere a sua vacuidade como plenitude.

A redenção do homem só se realizará quando a consciência da sua irredenção atingir o seu clímax. Então, o abismo invocará as alturas, a morte erguerá as mãos à vida, as trevas clamarão pela luz – e do túmulo do Lúcifer pecador surgirá o Cristo Redentor...

*O felix culpa!...*

## CIÊNCIA, TEOLOGIA E FILOSOFIA

### – EM BUSCA DA ALMA

A ciência do ocidente não admite, geralmente, uma alma real no homem, porque essa ciência é, salvo raras exceções, visceralmente empírica; para ela, as idéias vêm dos objetos através dos sentidos. Os cientistas tentam provar a sua tese, fazendo ver que o homem privado dos sentidos não têm idéias; felizmente, todo homem vivo possui pelo menos um dos cinco sentidos, o tato, que pode receber as necessárias impressões do mundo objetivo e fornecer a matéria-prima a ser elaborada pelo intelecto; e assim nascem as idéias. Segundo os empíricos, os sentidos iniciam o processo de enriquecimento interno do homem, e o intelecto remata esse processo. Logo, os sentidos e o intelecto são a fonte das idéias, cujo primeiro estímulo veio dos objetos externos atuando sobre os sentidos.

Essa teoria empírica é tão ingenuamente simplista que milhares de homens, incapazes de pensamento mais profundo, a aceitam como verdade última.

Se assim fosse, deveríamos dizer que todas as idéias nos são como que injetadas de fora, do mundo dos objetos, através dos sentidos e do intelecto. Não existiria nenhuma fonte interna de idéias.

Cientificamente considerada, parece essa teoria perfeitamente lógica e satisfatória – filosoficamente, porém, é um grande erro, porque confunde *causa* com *condição*. Admitimos que os objetos, os sentidos e o intelecto sejam *necessários* para que o homem tenha idéias, mas negamos que sejam *suficientes*, que sejam a verdadeira causa ou fonte das idéias; afirmamos que eles são estímulos, veículos ou condições para que as idéias, inerentes à íntima natureza do Eu, possam despertar do seu sono – assim como a umidade terrestre e o calor solar são necessários, mas não suficientes, para fazer brotar uma semente viva. Ninguém afirmará logicamente que a umidade e o calor sejam a causa da brotação da semente; se ela não fosse viva, nenhuma umidade e nenhum calor seriam capazes de a fazer brotar. A causa é a própria vida potencial que na semente existe e que, sob o influxo de condições propícias, passa do estado *potencial* ou dormente para o estado *atual* ou acordado.

A semente é a planta em estado potencial – e a planta é a semente em estado atual.

Nem os objetos externos, nem os sentidos nem o intelecto causam as nossas idéias; a causa é o nosso próprio Eu humano, que em si encerra todas as potencialidades; aqueles agentes externos são meras condições, necessárias para que a causa possa agir.

\* \* \*

A teologia eclesiástica, por sua vez, admite a existência de uma alma real, mas uma alma espiritualmente vazia. Para que a alma seja plenificada é necessário que venha algo de fora, que os teólogos chamam *graça divina*.

A graça é, segundo a teologia, uma espécie de injeção da plenitude divina na vacuidade da alma humana. Se não houver essa injeção da graça não haverá plenificação ou plenitude, e, como essa plenitude é redenção e salvação, é indispensável esse advento da graça de fora do homem.

\* \* \*

Tanto a ciência empírica como a teologia eclesiástica professam, portanto, uma espécie de *exteriorismo* ou *transcendentalismo*, seja no plano mental, seja no plano espiritual. Nada vem de dentro do homem, ou porque a alma não existe, ou porque ela seja um vácuo.

De momento, só nos interessa o segundo ponto: a alma é espiritualmente um vácuo, segundo a teologia. E, como o vácuo não pode produzir plenitude de dentro de si mesmo – porquanto, o *menos* não produz o *mais*, o *nada* não produz o *algo* – é lógico que nenhuma alma possa sair da sua essencial vacuidade por iniciativa própria; ela não pode redimir-se ou salvar-se, só pode ser redimida ou salva por Deus.

Como já fizemos ver em outra parte, aqui há uma confusão de idéias.

Só a filosofia cósmica, ultrapassando ciência e teologia, é integralmente lógica.

Também nós admitimos uma espécie de vacuidade inicial da alma. A alma é carta branca, no princípio. Mas esse branco não é o nada, o vácuo – é a latência das cores. Admitimos uma vacuidade *existencial*, mas não uma vacuidade *essencial* da alma. Assim como uma semente viva equivale a uma vacuidade existencial ou *atual* da planta, mas não a uma vacuidade essencial ou *potencial*, da mesma forma há também na alma humana uma plenitude essencial ou *potencial*, embora não haja ainda uma plenitude existencial ou *atual*. A alma tem, em virtude da sua íntima “natureza crística” (Tertuliano) uma plenitude real, porém ainda latente ou potencial, uma luz ainda não manifestada, uma pureza oculta, uma vida divina em estado de hibernação; a alma é uma semente divina que não brotou ainda, mas pode brotar, se for cercada de circunstâncias propícias.

A vida divina não pode nem deve ser *injetada* na alma, mas sim *desenvolvida* ou evocada de suas profundezas. A essência da alma é divina, embora a sua existência não revele ainda essa divindade.

Esse fato, de haver na alma uma vida divina latente, é de decisiva importância para a vida e redenção do homem. Quem não admite esse fato, constrói o seu edifício sobre areia, ou melhor, sobre o vácuo. Para a teologia, para a filosofia, para a psicologia, para a pedagogia, é de capital importância a presença desse elemento positivo na alma humana, como fiz ver no meu livro “Educação do Homem Integral”; porque, sem essa premissa, nenhuma verdadeira educação é possível. “Educar” é “eduzir” – mas eduzir o quê? Que é que pode eduzir de uma alma vazia? E, uma vez que o ignorante educador não encontra o que *eduzir* da alma do seu educando, recorre ao infeliz expediente de querer *induzir* ou introduzir nessa alma algo de fora, algo estranho e heterogêneo, iniciando assim um funesto processo de falsificação da alma de seu educando. Cedo ou tarde, essa adulteração se vingará em forma de revolta da parte do educando, no caso que ele procure ser fiel a si mesmo.

A psicologia abismal do ocidente, como a de Carl G. Jung e outros, de mãos dadas com as grandes filosofias metafísicas e místicas do oriente são elementos preciosos para descobrirmos a verdadeira natureza do homem, “esse desconhecido”.

E sobre o alicerce sólido desta verdade poderemos construir algo melhor do que temos feito até hoje, essencializando cada vez mais a existência humana, tornando o homem existencialmente tão bom como ele é essencialmente.

E, neste caso, veremos que a graça da redenção brota das divinas profundezas da ignota essência do homem, do seu grande além-de-dentro, que, até hoje, se nos apresenta como sendo um além-de-fora.

## O CAMINHO DA REDENÇÃO PELO CRISTO INTERNO

“Eu estou convosco todos os dias...” “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, estou eu no meio deles.”

“Não sabeis que o espírito de Deus habita em vós.”

“O reino de Deus está dentro de vós.”

“Toda alma humana é crística por sua própria natureza.”

Todas estas afirmações dos livros sacros, do Cristo e dos grandes mestres espirituais da humanidade afirmam a permanente presença do Cristo Cósmico, do espírito de Deus no homem. E, com isto, afirmam, implicitamente, a possibilidade da redenção de dentro.

Todos os homens são redimíveis – poucos são remidos.

“Muitos são os chamados – poucos os escolhidos.”

Enorme é a massa dos profanos que anseia pela redenção – pequena é a *ekklesia* dos iniciados no mistério da redenção.

Por quê? Se na redenção consiste o poder e a felicidade do homem?

Porque difícil é superar o obstáculo que impede a nossa redenção.

Que obstáculo é esse?

É a tradicional e inveterada ilusão sobre nós mesmos. Se a Verdade nos liberta, o erro nos escraviza – e milhões de homens vivem na escravidão do erro sobre si mesmos, e por isto não estão libertos e remidos.

No caminho ascensional da sua evolução, o homem veio da noite da inconsciência, entrou na penumbra da semi-consciência, e vai rumo à luz meridiana da pleni-consciência. Mas, há muitos séculos, está ele na penumbra da semi-consciência do ego, da ego-consciência intelectual, ignorando ou rejeitando a luz plena da consciência espiritual, que é a consciência crística ou cósmica.

No plano da sua ego-consciência é o homem *pecador* – nas alturas da sua cristo-consciência seria ele um *remido*.

Essa ego-consciência faz parte integrante da jornada evolutiva do homem, assim como o estágio da lagarta é necessário para a formação da futura borboleta.

Mas essa lagarta do ego humano, embora temporariamente necessária, tem de desaparecer um dia para que a borboleta do Eu divino possa aparecer. A borboleta não é algo que advenha de fora do inseto, mas é esse mesmo inseto numa forma mais aperfeiçoada; no inseto não há alo-redenção, mas auto-redenção, a sua evolução vem de dentro, e não de fora.

O mesmo acontece com o homem. O seu Cristo redentor está dentro dele, mas em estado latente, implícito, como se não existisse. Mas, como o ego ignora essa presença do Cristo, nega-se a dar esse salto mortal para além de si mesmo, com medo de perder o que tão laboriosamente conquistou, em milhares de anos, no caminho da ego-consciência, por ora o mais glorioso tesouro que o homem possui.

Se o meu ego é necessário para a minha evolução, por que é que o devo abandonar?

É necessário, sim – mas não é suficiente. É algo penúltimo – mas não é último. Foi um auxílio – mas agora é empecilho.

É precisamente aqui que entramos na zona das grandes escuridões e funestas confusões. É verdade que a lagarta deve morrer para que a borboleta possa viver?

Não! A lagarta continua a viver na borboleta, assim como esta já vivia na lagarta, antes de ser borboleta. Não morre a vida, nem nasce vida da morte. Nesse processo de metamorfose, não há nenhum *nascer absoluto*, nem um *morrer absoluto* – há apenas um *nascer relativo* e um *morrer relativo*; houve uma transformação de vida, duma vida que existia ontem, existe hoje e existirá amanhã. Não morre a vida, morrem apenas as formas de vida. Formas inferiores morrem para que formas superiores possam nascer. Se a lagarta fosse míope, não permitiria que sua forma rastejante fosse substituída por uma forma voadora; mas a consciência biológica do inseto, o seu instinto, é duma grande clarividência e segurança, e por isto ele morre para uma forma de vida com a mesma tranquilidade com que nasce para outra forma de vida – e a vida continua...

No mundo dos insetos não há problemas, porque a Inteligência Cósmica pensa em lugar da inteligência individual, e como a Inteligência Cósmica desconhece morte, a metamorfose duma forma de vida para outra forma não tem caráter de tragédia ou catástrofe. Para a Sapiência Cósmica não há problemas – os

problemas são da inteligência humana. Para nós, nascer ou morrer são pólos *contrários* – para a Sapiência do Universo são processos *complementares*, mutuamente complementivos.

Quando a lagarta “morre” na crisálida, sabe ela que esse ataúde é também um berço, ataúde para a lagarta do passado, berço para a borboleta do futuro.

No mundo subconsciente do instinto, a transição da lagarta viva, através da crisálida aparentemente morta, para, a borboleta viva, não oferece problema porque essas criaturas vivem ainda num plano pré-problemático, graças a ausência de uma inteligência analítica separatista.

No plano da inteligência humana aparece, pela primeira vez, esse problema, e essa angustiosa problemática, que só terminará quando o homem cruzar a fronteira da análise mental e ingressar no reino da intuição espiritual, onde todos os problemas se resolvem no mar imenso da sapiência cósmica.

E isto é redenção.

Isto é suprema beatitude.

Todo o problema da redenção se resume no processo de ultrapassar a zona da análise intelectual, criada e mantida pelo ego luciférico, e entrar na zona da intuição espiritual, atributo do Eu crístico do homem.

\* \* \*

Como realizar essa momentosa transição?

Essa transição redentora é, em última análise, um processo misterioso, insondável, um carisma ou uma graça, e, sob esse aspecto, não está ao nosso alcance; é-nos dada por Deus.

Mas essa doação divina depende da presença de certas condições humanas.

A graça é de graça, livre, gratuita – mas não é arbitrária.

As condições preliminares do seu advento estão ao alcance do homem – são a nossa fé, a nossa atitude propícia, o nosso ambiente convidativo. A ausência dessas condições impede a atuação da graça, a sua presença torna possível essa atuação.

Logo, está nas mãos de qualquer pessoa humana ser remida ou não, entrar no reino da beatitude ou ficar do lado de fora. É questão de cumprir ou não cumprir as condições necessárias. O resto vem por si mesmo. Ninguém pode criar luz solar dentro duma sala que está às escuras, mas o abrimento de uma janela rumo ao sol faz com que a luz solar entre espontaneamente na sala. O abrimento da janela não é, certamente, a causa dessa iluminação solar, mas é



a condição necessária para esse efeito, é a remoção de um obstáculo que impedia a iluminação.

O que o homem tem de fazer para ser remido é abrir uma janela rumo à luz.

Se esse abrimento da janela consistisse apenas em certas técnicas externas, como muitos pensam e ensinam, seria fácil o problema da redenção. Se a prática de certos atos litúrgicos ou o exercício de certas magias mentais fosse a condição única e suficiente para a luz solar da graça entrar em nossa alma, não mereceria esse processo o angustiante nome de “caminho estreito e porta apertada”. Mas o fato é que todos os mestres espirituais da humanidade se referem às condições para a redenção como sendo uma “morte”. Certos teólogos acham que é a morte física que levará os homens à visão de Deus – os verdadeiros iniciados, porém, sabem que não basta a morte física, mas que é necessária a morte metafísica, mística, para que o homem seja remido e entre no reino de Deus. Não fará a morte compulsória o que a morte voluntária não fez. A morte voluntária, o egocídio, é uma espontânea integração do pequeno ego consciente no grande Eu superconsciente.

Como realizar essa integração?

Pela *mística* e pela *ética*.

E, como esta prepara o caminho para aquela, deve o homem começar, praticamente, pela ética. Deve levar uma vida dedicada à verdade, à justiça, ao amor, à benevolência, à solidariedade, que é o ambiente do Sermão da Montanha; deve realizar em sua vida individual e social o “segundo mandamento” de amar seus semelhantes como a si mesmo.

Essa permanente atitude ética é uma declaração de guerra ao ego e a todos os seus ídolos e fetiches, guerra à cobiça, à luxúria, ao orgulho, à gula, à maledicência, à desonestidade, à toda espécie de suscetibilidades que levam o homem profano a sentir-se, a cada momento, ofendido, preterido, menosprezado, etc.

Muitos estão dispostos a superar essas velhas misérias, em teoria, em tempo de paz e bonança, quando não há inimigo pela vizinhança – mas falham no momento da crise, quando são ofendidos e teriam ensejo para dar um teste da sua força moral. “Edificaram a sua casa sobre areia, e não sobre rocha”. Quando ninguém os ataca sabem ser valentes, quando não sofrem são pacientes, quando ninguém os censura não se revoltam – mas aí deles se alguém duvidar das suas virtudes e perfeições! Explodem logo em amargas recriminações, falam em ingratidão e injustiça e planejam vingança...

E continua o velho teatro de fantoches...

Esses, é claro, não criaram ambiente propício para a sua redenção; não abriram a janela para que o sol vitalizante da graça pudesse entrar na úmida escuridão de sua alma.

\* \* \*

Outro fator indispensável para preludiar o advento da graça é o *silêncio*.

O mundo divino é essencialmente silencioso – Deus é o rei do silêncio.

Quem não conhece a arte sublime do silêncio não pode ser remido.

O homem profano, irredento, é ruidoso, extraverso, derramado pelo mundo barulhento dos objetos.

Mahatma Gandhi observava cada semana um dia completo de total silêncio, a segunda-feira. Chefe político de mais de 400 milhões de homens, líder espiritual deles, tinha tempo para passar, cada semana, 24 horas a sós com Deus e sua alma, além de fazer cada manhã e cada noite a sua hora de meditação.

O silêncio total tem três aspectos, é *material*, *mental* e *emocional*.

Não ouvir nem dizer nada.

Não pensar nada.

Não desejar nada.

É relativamente fácil estabelecer o silêncio *material*; basta retirar-se a um lugar solitário, longe dos ruídos da civilização. Em breve, o homem verificará que o silêncio é um grande fator de intensificação da receptividade espiritual. É inútil semear “à beira do caminho”, “em terra pedregosa” ou “no meio dos espinhos”; a semente não brota ou não produz. Mas, se passarmos o arado, rasgando a terra, se adubarmos o solo e se a chuva se infiltrar nele, qualquer semente viva brotará com facilidade e frutificará em abundância. Ora, o silêncio prepara admiravelmente o terreno da alma, e quanto mais profundo e prolongado for, tanto mais aumentará a receptividade da alma.

Mais importante ainda que o silêncio físico é o silêncio *mental* e *emocional*, isto é, a quietação de pensamentos e desejos. Quem leva consigo para a solidão material os seus ruídos mentais e emocionais, seus pensamentos dispersivos e seus desejos absorventes, esse, apesar de cercado de silêncio externo, está penetrado de barulho interno, e a semente do verbo de Deus não frutificará nesse solo.

É, pois, condição preliminar indispensável que o candidato à redenção aprenda a controlar os seus pensamentos e desejos. O cérebro e o coração do homem comum são praça pública, profanada por todos os transeuntes e vagabundos;

transformar em santuário essa praça exige árdua luta. Quem não quiser pagar o preço desta luta não pode ser remido. Mas, quem o pagar verificará, depois de algum tempo, que vale a pena, que a verdadeira vida feliz começa nesse ponto.

\* \* \*

No meio desse clima propício de pureza ética e de silêncio universal consegue o candidato à redenção ingressar na zona da *consciência espiritual*, que é essencialmente anônima, embora os homens lhe dêem muitos nomes – meditação, contemplação, etc.

Focalizando, calma e intensamente, a Suprema Realidade (Deus) como Luz, como Claridade Universal, consegue o homem estabilizar-se, imóvel, nessa luz, sem nada ver com os olhos corpóreos, sem nada pensar, sem nada desejar, completamente absorto na única Realidade – Deus é Luz...

E, intuitivamente, a alma começa a sentir a sua íntima afinidade com essa Luz e sente “Eu sou luz”... O seu solilóquio inicial com a luz passa, aos poucos, a um colóquio com a Luz Infinita... E a Luz Cósmica responde à luz humana, que também é divina... A alma “ora” sem saber que ora...

E nessa silenciosa oração cósmica, nesse taciturno dialogar entre a alma e Deus, passam-se horas e horas mas nada disto atinge a consciência, porque essa é a zona do Eterno e do Infinito, onde deixaram de existir as categorias de tempo e espaço... Todas as quantidades e extensões cederam à qualidade e intensidade...

A alma fundiu o seu pequeno *existir* no grande *Ser* de Deus...

E essa silenciosa fusão do finito no Infinito é uma fonte de inefável conhecimento e beatitude...

## PARA ALÉM DO NIRVANA

Muito se tem dito e escrito sobre *Nirvana*, palavra tão conhecida na filosofia budista e bramanista – e tão misteriosa.

Literalmente, Nirvana quer dizer “extinção”, “cessação”.

Extinção, cessação, de quê?

Da consciência personal do ego separatista – ou da consciência individual do Eu unitivo?

Não nos interessa aqui discernir em que sentido seja tomado esse termo pelos filósofos orientais – tanto mais que há notáveis divergências entre eles. O que é certo é que todo homem que queira atingir a consciência cósmica e chegar à “verdade libertadora” sobre si mesmo, tem de ultrapassar o *Sansara* do ego, e submergir nas profundezas do Eu. Deve *submergir* nas águas desse Jordão, e depois *emergir* delas como nova creatura, plenamente redenta. Ou, no dizer de Mahatma Gandhi, deve o homem renunciar ao mundo, e depois recebê-lo de volta, purificado, das mãos de Deus. Porquanto, diz Albert Schweitzer, “o Cristianismo é uma afirmação do mundo que passou pela negação do mundo”.

“Morrer – para viver plenamente” – é esta a síntese da sabedoria do Cristo e de todos os grandes iniciados.

Com outras palavras, deve o homem ultrapassar a zona da sua conhecida consciência físico-mental-emocional, que perfaz o seu ego consciente, perder totalmente a noção desse mundo conhecido e querido, com todos os seus derivados e acessórios. Deve apagar, como uma luz que se extingue, a lâmpada do seu ego personal, morrer voluntariamente para esse mundo de tempo e espaço, a fim de poder entrar no universo do Eterno e do Infinito, onde não há tempo nem espaço. Deve eclipsar a sua consciência habitual, deixar de ser caçador de sombras e sonhador de sonhos, que perfazem esse mundo ilusório que os orientais chamam Maya.

A função dos sentidos e do intelecto deve cessar totalmente – não no sentido de que o homem deva descer ao subconsciente do sono, do transe ou da hipnose, mas no sentido de subir ao superconsciente, zona das grandes revelações e inspirações.

Para facilitar essa ascensão da semi-luz do consciente para a pleni-luz do superconsciente, pode o principiante servir-se do expediente de repetir, vagarosa e sugestivamente, certas palavras sacramentais, que em sânscrito se chamam “mantras”, como, por exemplo: “Eu sou luz”. “Eu sou vida”, “Eu sou amor”, “Eu e o Pai somos um”, “Eu sou eterno”, “Eu sou infinito”, “Circunda-me, inunda-me totalmente a luz branca do Cristo”, “Uno-me com todas as minhas forças ao Espírito Infinito”, “A minha essência divina revela-se na minha existência humana”, “A luz brilha nas trevas, e as trevas não aprenderam”. Ou então repetir simplesmente a grande verdade creadora: “EU SOU, EU SOU, EU SOU”. Pouco a pouco, as grandes verdades latentes nesses símbolos se infiltram na alma, se identificam com ela e transformam a vida inteira do homem.

Quem se habituou ao sacro trigramma AUM, sabe por experiência que a conveniente repetição dessas três vibrações ascensionais facilita grandemente o cruzamento da fronteira entre o mundo consciente e superconsciente. A letra “A” (pronunciada como “O” aberto) representa a consciência corporal, aberta e primitiva como as vibrações dessa vogal: OOOOOO. A letra “U” simboliza a consciência mental, semi-fechada, como o som dessa vogal: UUUUUU. A consoante “M” corresponde à consciência espiritual, ainda em seu estágio individual, totalmente fechada, mas ainda audível como ligeiro murmúrio vibratório: MMMMMM.

Depois de expirar a derradeira vibração sutilíssima desse som, começa o silêncio absoluto do Nirvana total – a morte de Maya e a vida de Brahman, o ocaso do *existir* e a alvorada do *Ser*, o nadir do *Nada* que é o zênite do *Todo*.

Quando o homem é empolgado pelo Nirvana desse imenso oceano do Nada-*Todo*, da Treva-Luz, da Morte-Vida, é ele um recipiente aberto para as grandes revelações e inspirações do Infinito, do grande Além-de-fora, que é também o grande Além-de-dentro, porque a essência do Universo é a essência do Eu.

\* \* \*

Quando o homem se acha abismado nesse delicioso Nirvana do “eu e o Pai somos um”, não pensa ele em regressar para o plano de Maya. Mas a sua condição de creatura terrígena o obriga a voltar – e ele volta assim como o liberto volta para a prisão, assim como a luz penetra nas trevas, assim como o Cristo desceu das alturas do Tabor, às misérias humanas e enfrentou-se com a cena dantesca daquele menino endemoninhado...

Doloroso é o regresso das alturas às baixadas... Vagarosamente, como que às apalpadelas, tateia a alma ao longo do caminho, a ver se reencontra a esquecida querência dos mortais... Pouco a pouco readquire o uso normal dos sentidos e do intelecto... Ouve sons dissonantes... Enxerga objetos grosseiros... Esbarra com um grupo de homens altercando por causa dum

pedaço de matéria morta ou brigando por causa de carne viva... Outros ingerem nauseantes bebidas, soltam gargalhadas cínicas para manifestar o que eles chamam alegria...

E o homem que regressou do Nirvana da beatitude verifica que se acha num teatro de fantoches, que tomam a sério as suas comédias... Ele, porém, resolveu nunca mais subir ao palco dos fantoches... Contempla-os, lá da platéia, com profunda pena e comiseração...

Dois homens que haviam passado pelo Nirvana da Consciência Cósmica e regressando à terra, se encontraram, um dia, à saída de um cartório. Entreolharam-se, sorriram de leve, trocaram um silencioso aperto-de-mão e retiraram-se, meneando a cabeça... Ambos pensavam o mesmo, mas ninguém falou... Tinham registrado alguma compra ou venda de terreno, tinham declarado, sobre as infalíveis estampilhas, com firma reconhecida, que um determinado pedaço de matéria morta era deles, só deles, e de mais ninguém, e, para maior segurança, tinham invocado o prestígio e a garantia da autoridade pública, que, em último caso, estaria disposta a defender aquele ídolo com pedaços de ferro mortífero, chamados armas, matando os que, porventura, negassem o exclusivismo dessa propriedade. De tudo isto sabiam os dois homens espirituais. Sabiam também que eles eram uns palhaços e acabavam de praticar uma palhaçada – a serviço do reino de Deus – uma palhaçada, por hora, necessária. Sorriram em silêncio, porque estavam desempenhando esse teatro de bonecos, como se fosse coisa séria...

“Como se”... Essa consciência do “como se” faz a grande diferença entre profanos e iniciados. O profano é fantoche, mas leva muito a sério as suas fantochadas, ao passo que o homem espiritual, obrigado a tomar parte nessa comédia exigida pela nossa civilização, faz corno se isto fosse coisa séria, mas, nas profundezas da sua consciência sabe que nada disto tem importância. Sorri-se compassivamente de si mesmo... Sabe que é um comediante – a serviço do reino de Deus. E esse materialismo externo é a melhor garantia para garantir a sua espiritualidade interna... Não sucumbe à tentação de se considerar algum “super”, porque a adaptação externa às comédias da sociedade o mantém em sincera humildade.

Por isto, quando, porventura, perde aquilo que registrou como se fosse propriedade dele, pouco sofre com isto; internamente, aquilo nunca foi dele, e agora também externamente deixou de ser dele. Antes de o perder, estava livre dele, e agora que o perdeu continua tão livre desse objeto como sempre foi.

O profano, porém, que torna a sério a sua propriedade e nela faz consistir grande parte da sua razão-de-ser, sofre tremenda hemorragia interna quando perde o que possuía, ou melhor, aquilo de que estava possuído e possesso.

A sabedoria está em não ser possuído internamente por aquilo que externamente se possui, porque essa pose interna é uma possessão ou obsessão escravizante.

Despossuir-se dos objetos antes que deles sejamos espoliados; morrer espontaneamente para eles antes que eles nos matem ou tornem doentes – isto é suprema sabedoria e felicidade.

E com isto já definimos o homem ultra-nirvânico. É o homem que a tal ponto se abismou em Brahman, nirvanizando-se antecipadamente, que, daí por diante, possa lidar com todas as coisas de Maya sem ser contaminado por elas. Esse homem perdeu a alegria do profano e adquiriu perfeita imunidade. Trata das coisas mundanas como se fosse o mais mundano dos mundanos – mas por dentro guarda imensa distância delas. Vive no meio dos “reinos do mundo e sua glória” – mas o seu “reino não é deste mundo”, e por isto jamais atende ao convite do “príncipe deste mundo: “Prosta-te por terra e adora-me!” Não se prostou em terra, fica em pé, firme, vitorioso. Adora e serve só a Deus, que é suprema liberdade.

Esse homem, depois de regressar da imensa solidão do divino Nirvana, faz-se voluntariamente servo dos servos de Deus, porque toda a sua grandeza consiste em adoração e serviço. Ele é tão forte que pode parecer fraco. Tão sábio que não se lhe dá de parecer tolo. Tão livre que se torna escravo de todos. Tão feliz que nenhum sofrimento o torna infeliz. Tão puro que pode andar no meio de todas as impurezas sem se tornar impuro.

O homem ultra-nirvânico descobriu o grande segredo de ser solidário com todos os homens – porque descobriu o supremo segredo de ser solitário em Deus.

A mística solidão com Deus lhe conferiu invulnerabilidade ética no meio dos homens.

## EQUIDISTANTE DE SANSARA E SAMADHI

*Sansara* é a vida no mundo meramente externo, objetivo; é essa incessante lufa-lufa dos profanos, essa caça à matéria-morta e à carne-viva, alfa e ômega de todos os inexperientes da Suprema Realidade.

*Samadhi* é precisamente o contrário; é o total retraimento ao mundo interno, subjetivo; é a silenciosa contemplação do Infinito, o mergulho místico do homem em Deus.

No mundo ocidental prevalece, em geral, *sansara*, ao passo que o oriental é propenso ao *samadhi*. Nós somos ávidos da vida *existencial*, eles se enamoram das visões do *essencial*.

Esses dois hemisférios da humanidade vivem, por enquanto, separados, não no sentido geográfico, mas no sentido experimental; há também no ocidente pessoas que se abismam na contemplação espiritual e se isolam do mundo material – assim como também muitos orientais se entregam a uma vida de atividades externas.

Mas, quer aqui quer acolá, raríssimas vezes encontramos uma pessoa que realize a interpenetração e *permeação orgânica* dessas duas atitudes; em geral, quando descobrimos um chamado “espiritualista” só estamos diante duma *justaposição mecânica* desses dois hemisférios da vida, dois elementos, material e espiritual, que funcionam separadamente e sucessivamente, ora um ora outro, cada um na sua zona e no seu tempo, espécie de paralelismo de água e fogo que não se tocam nem querem saber um do outro. A água se mantém distante do fogo, e este foge daquela, porque, se se encontrassem, ou um acabaria apagado ou o outro acabaria evaporado. Por isto – “mantenha distância!”...

Há *materialistas* e há *espiritualistas* – mas não há homem *cósmico*, integral, univérsico, que seria o verdadeiro “filho do homem”, o legítimo “filho de Deus”. Há homens que ora são corpo ativamente dinâmico, ora alma passivamente estática – mas falta a vitalização do corpo pela alma, a fusão orgânica do elemento sacro e profano numa grande unidade e síntese cósmica.

Falta uma vida material iluminada de espiritualidade – e falta uma vida espiritual transbordante em realizações materiais.



Essa vida de mera justaposição mecânica, material-espiritual, desmente toda a metafísica da eterna Realidade. Como se existisse um *Deus ao lado do mundo*, ou um *mundo fora de Deus!*... Como se a Causa fosse algo longe dos efeitos, o Universal algo distante dos individuais, o Todo algo separado das duas partes!...

Nada sabemos de Deus como Divindade *abstrata*, só sabemos algo de Deus como Creador de um mundo *concreto*. Se Deus não fosse a *essência* do mundo, e se o mundo não fosse a *existência* de Deus, seríamos todos uns perfeitos agnósticos, e alguns interpretariam o seu agnosticismo como ateísmo, como acontece até hoje entre os confusionistas da nossa geração.

O homem realmente espiritual não é espiritualista, no sentido de justapor o seu mundo espiritual ao mundo material; ele é espiritual no sentido de permeiar da experiência do Infinito todos os seus finitos, antepondo aos zeros (000 000) da sua vida horizontal o grande “1” da sua vida vertical – 1 000 000.

O chamado espiritualista apenas crê, mais ou menos vagamente, num mundo espiritual, mas nada sabe experiencialmente desse mundo, e por isso não pode permeiar a sua vida material com a força e luz da sua espiritualidade, uma vez que essa permeação exige grande intensidade, que só a experiência íntima pode dar. O espiritualista crente faz, de manhã, a sua meditação, realiza os seus exercícios espirituais, as suas orações e outras práticas como algo adicional à sua vida profissional, e passa depois aos afazeres cotidianos, e a luz dos seus exercícios espirituais matutinos se eclipsa durante o dia, voltando a acender-se na manhã seguinte. Com esse sistema de luz e treva intermitentes lhe acontece, mais ou menos, o que aconteceu às “cinco virgens tolas” do Evangelho. O homem realmente espiritual, porém, é como as “cinco virgens sábias” cujas lâmpadas tinham luz permanente, porque alimentadas pelo combustível interno.

Nesses últimos 50 anos foi o ocidente invadido por uma onda de filosofia e mística do oriente; milhares de pessoas praticam yoga em diversas formas e com nomes vários – mas poucos conseguem ultrapassar o espiritualismo de simples *justaposição mecânica* e entrar na zona da *integração orgânica*. Limitam os seus exercícios a certas *técnicas e habilidades*, que eles confundem com *experiência vital e vivência íntima*. No primeiro embate sério com a política do velho ego, verifica-se que são totalmente crus e analfabetos em matéria de superação do ego humano pelo Eu divino; descontrolam-se diante da primeira ofensa, preferem matar a morrer e continuam em fervorosa adoração ao bezerro de ouro, embora com os lábios neguem essa idolatria.

Muitos aprenderam a acender a sua lâmpada, como as virgens tolas – poucos conseguiram encher de combustível o seu recipiente, como as virgens sábias.

Combustível! É esta a palavra em torno da qual gira o magno problema e sua solução. Para que o homem consiga *manter acesa* – e não apenas acenda! – a sua luz espiritual no meio das profanidades da vida, necessita ele de um combustível de alta potência.

Combustível é fogo potencial. Veio do fogo, e pode ser reconvertido em fogo. Veio do sol, e pode ser retransformado em energia solar. Combustível é energia solar armazenada na lenha, no carvão, em outras substâncias, e pode voltar à sua origem ígnea; o seu estado *potencial* de dormência pode acordar em estado *atual* de vigília.

Mas, para que tal despertar se realize, é necessário que o combustível *ignificável* entre em contato com um fogo já *ignificado*. Para que o homem possa permear de espiritualidade as suas materialidades e transfigurá-las pela força de dentro, deve ele ter contato direto com o fogo central da Divindade, e esse contato é despertar, é experiência do Deus em si, é o nascimento e a ressurreição do Cristo no homem.

Esse contato vital com o Infinito se realiza no momento em que o homem é “arrebataado ao terceiro céu”, no dizer de um que passou por essa experiência, onde sua alma percebeu “ditos indizíveis”, revelações espirituais que não podem ser mentalizados em pensamentos nem verbalizados em palavras.

A partir desse momento eterno e desse átomo infinito, está a alma fundida com a anônima Divindade, sintonizada com o Todo, posta em órbita, e gravita em torno de um novo centro de atração, que irradia força, luz e calor para o resto da sua vida. E, uma vez “arrebataado ao terceiro céu” do espírito, passam os outros “céus” desse homem – o primeiro céu dos sentidos e o segundo céu da inteligência – a ser permeados de um elemento vitalizante até então desconhecido. Esse homem “renasceu pelo espírito”.

Por fora, a vida desse homem continua normalmente; ninguém o distingue facilmente dum homem comum, inexperiente, porquanto o iniciado no “terceiro céu” continua a lidar com as coisas do primeiro e do segundo céu desta terra, como se fosse ainda um de seus habitantes e idólatras – lida com dinheiro, com ciência e técnica, com políticas e organização social, come, bebe, dorme como os outros profanos, etc. Aparentemente, nada aconteceu. Só algum clarividente, algum outro “arrebataado ao terceiro céu”, Alguém que também tenha ouvido “ditos indizíveis”, sentirá e saberá o que se passou com esse homem, porque há entre eles uma afinidade vibratória, uma sintonia cósmica, que os torna participantes da “Fraternidade Branca dos Irmãos Anônimos”, ou seja, da “Comunhão dos Santos”...

Os profanos, porém, nada disto sabem; sentem, quando muito, que esse homem é diferente dos outros, que é “anormal”, porque não segue a costumeira normalidade dos caçadores de matéria-morta e de carne-viva, e,

embora ainda lide com as coisas do mundo, não está mais identificado com elas, lida com o mundo externo com certa leveza e indiferença, com certa distância e desapego, como se tivesse pena e dó dessas coisas visíveis, depois de ter descoberto um “tesouro nos céus”...

Numa palavra: esse homem que passou pelo *samadhi* da experiência mística continua a viver, externamente, no *sansara* do mundo material, mas a luz que o iluminou no “terceiro céu” continua a circundá-lo de um como halo de paz e sacralidade, e, mais do que isto, penetra e permeia todas as coisas materiais e intelectuais, revelando, para além das periferias das existências aparentes o centro da verdadeira essência das coisas. E estas, de opacas que eram, se tornam como que transparentes, como se fossem feridas por uma espécie de raios-X; leve se torna o pesado, sorridente o lacrimoso, benevolente o que era repugnante...

Esse homem já não se isola no longínquo e silencioso *samadhi* a sós com seu Deus, nem se perde no propínquo e ruidoso *sansara* da sociedade dos homens – ele habita no mundo sem ser do mundo, porque aprendeu a permear o corpo visível do mundo externo com a alma invisível do seu mundo interno.

Desde que, num momento eterno de anônima solidão, se encontrou com o Deus de sua alma e do Universo, encontra a Deus em todo o Universo e em todas as almas...

E o seu tabernáculo se ergue equidistante do silencioso *samadhi* e do ruidoso *sansara* – na vastidão cósmica do Infinito que reside em todos os finitos... O seu altar está em capelas e catedrais – bem como em átomos e astros. A sua liturgia canta nas páginas dos livros sacros – e também no cintilar de uma gota de orvalho... Desde que ele se encontrou em Deus e encontrou Deus em si, esse homem cósmico encontra a Deus na mística do *samadhi* e na dinâmica do *sansara* – porque Deus está em toda a parte onde o homem o saiba ver e viver...

## REDENÇÃO É DO PASSADO, DO FUTURO – OU DO PRESENTE?

Quase todos os movimentos religiosos da humanidade são *passadistas*; voltam os olhos para o passado e contam grandezas espirituais de tempos idos. Naqueles tempos, sim, Deus ainda falava com os homens, com patriarcas, profetas, videntes, rishis, avatares, krishnas e cristos – hoje tudo acabou...

Sobretudo no setor das teologias eclesiais do ocidente é forte esse pendor passadista e remotista. Segundo as igrejas cristãs, teria Deus começado a revelar-se à humanidade cerca de 2.000 anos antes da nossa era, através de Abraão; depois, por uns 20 séculos, prosseguiu nas suas revelações, culminando em Jesus Cristo; os primeiros discípulos dele são os últimos ecos desta revelação; quando, lá pelo ano 100, morreu João Evangelista, o último dos 12 apóstolos, começou a grande noite... Deus fechou para sempre o expediente das suas comunicações com a humanidade... Silêncio absoluto...

O “tempo feliz” abrange, segundo esses teólogos, cerca de 2100 anos. Depois disto, nenhum material novo veio do céu para a terra; a humanidade, depois do ano 100, só tem de interpretar e utilizar o material divino que, em tempos pretéritos, foi fornecido por Deus, desde Abraão até João.

*Stop!...*

Nenhum desses teólogos ingênuos nos diz porque Deus teria fechado, pelo ano 100, o expediente das suas revelações à humanidade. Será que nada mais tinha que revelar? Esgotou o repertório da sua sabedoria? Ou será porque não encontrou mais, no seio da humanidade decadente, um recipiente capaz de veicular os fluidos divinos à terra? Falta de receptor, de antena idônea?...

Por detrás de todas essas teologias eclesiais está a falsa suposição de que Deus esteja interessado em revelar certas coisas, doutrinas, dogmas, credos – quando, de fato, toda a revelação divina é uma *auto-revelação* da Divindade, uma teo-revelação, e nada mais. Sendo Deus a Realidade Absoluta, a Vida Universal, a Alma do Universo, a Lei Cósmica, ele se revela a si mesmo, não arbitrariamente a fulano ou sicrano, mas na razão direta à capacidade receptiva de cada indivíduo.

\* \* \*

Pergunta-se porque Deus se revelou em tempos antigos, e se cala nos tempos modernos. Será que a humanidade de hoje é tão a-divina ou anti-divina que não mereça uma revelação de Deus? Será que o progresso da ciência, da cultura e da civilização é hostil a Deus? Será que Deus é um Ser tão antiquado e obsoleto, espécie de peça de museu, que desdenhe ter relações revelatórias com esta humanidade? Será que os nossos aviões e submarinos, os nossos inventos de rádio, televisão, jatos intercontinentais ou naves espaciais desagradam a Deus? Será que ele rompeu as relações diplomáticas com a nossa humanidade?

Se assim for, só nos resta volvermos olhos saudosos para o passado e suspirarmos por aqueles “bons tempos” em que Deus falava aos homens; só nos resta extrairmos o ouro das minas antigas, uma vez que as modernas só contém ganga e terra inútil...

Coisa análoga acontece também, em grande parte, fora do âmbito do Cristianismo eclesiástico; as filosofias do antigo Egito, da Índia e da Grécia são ideologias de séculos e milênios transatos, reclusas em massudos calhamaços, que só têm louvores para Hermes Trimegistus, Platão, Aristóteles, Buda, Confúcio, Lao-Tse, os Vedas, a Bhagavad-Gita, e outros testemunhos de eras prístinas.

Outros acrescentam ao saudosismo do passado o visionismo do futuro, esperando grandes revelações divinas logo depois da morte e em regiões distantes do planeta Terra. O principal é morrer para saber o que é Deus, realizar uma grande viagem para, finalmente, se encontrar com Deus.

Essas teologias e filosofias póstumias e remotistas são de uso e abuso em quase todos os setores do Cristianismo eclesiástico, e, não raro, também em outras zonas.

\* \* \*

E o presente? O *agora* e o *aqui*?

Ah! – dizem esses passadistas e futuristas – do homem do presente nada podemos esperar. Não recebe revelações, não tem contato com Deus; só tem de alimentar-se das provisões do passado, ou suspirar pelas previsões do futuro... O homem vive de lembranças ou de esperanças...

Vai, nesta ideologia, uma grande confusão, como também uma deplorável ignorância. Sendo que poucos homens, até hoje, conseguiram descobrir e utilizar as suas forças superiores, que continuam dormentes na maior parte, concluem eles que há duas espécies de homens: os que têm contato com Deus – e os que não têm contato. Esquecem-se de que, no fundo, a natureza humana é uma só, com a diferença apenas de que uns acordaram em si as forças centrais do Eu Cósmico, ao passo que outros deixam dormir essas

forças. O que uns poucos fizeram todos o podem fazer. A potência é a mesma, a atualização dessa potência é vária.

Distância no tempo e no espaço não se refere a conceitos de *duração* e *dimensão*, como muitos pensam; o distante e o longínquo não é o geográfico nem o cronológico, nem o extenso, nem o horizontal – é uma questão de intensidade, de verticalidade, de centralidade. Quando o homem ultrapassa as periferias do seu ego físico-mental-emocional, isto é, da sua persona ou personalidade, está ele fora de tempo e espaço – e, neste caso, não há ano 2.000 no passado nem no futuro, não há Egito, Índia, Grécia no plano geográfico; nada é sucessivo, tudo é simultâneo; nada *foi* nem *será*, tudo é. Passado e futuro se fundem no presente. O ego ilusório fala em tempo e espaço, o Eu verdadeiro só conhece o eterno e o infinito, o imutável *agora* e *aqui*.

Os séculos e milênios pretéritos, o Egito, a Índia, a Grécia, o Himalaia, o Oriente, a Palestina, Krishna, Cristo – são estados de minha alma, e não pessoas, tempos e lugares fora de mim. Eu mesmo tenho dentro de mim todas essas grandezas, embora em estado latente; eu sou o Oriente, a origem da luz, eu, “a luz do mundo”, eu, no qual está o “reino de Deus”, eu, no qual “habita o espírito de Deus”. Não tenho necessidade de sair de mim para descobrir essas maravilhas, aparentemente passadas, futuras e remotas – basta entrar mais profundamente para dentro de mim mesmo para descobrir esse “tesouro oculto” e essa “pérola preciosa”.

*Ex oriente lux!*

Do oriente vem a luz – exatamente! E esse oriente da luz está em mim e em cada ser humano, porquanto “a luz verdadeira ilumina a todo homem que vem a este mundo”.

Não há necessidade alguma que eu vá a Roma ou Jerusalém, ao Egito ou à Índia, porque a alma de tudo isto está em mim; é só descobri-la.

O difícil está precisamente nessa descoberta.

O homem profano prefere sempre as mil descobertas fora dele ao único descobrimento dentro de si mesmo – e, no entanto, esse descobrimento é a “única coisa necessária”.

A redenção não vem de fora nem de longe.

Verdade é que o exemplo dos poucos que já realizaram em si essa grande descoberta – “eu e o Pai somos um” – podem servir-nos de orientadores e de estímulo; mas, em última análise, eu mesmo terei de fazer essa viagem centrípeta, por minha conta e risco.

E essa viagem suprema para dentro de meu próprio centro, embora comece talvez em sociedade com outros viajores, termina sempre em grande solidão. Depois de algum tempo, os amigos e companheiros de jornada vão rareando, vão desertando, porque os caminhos se bifurcam e dividem, consoante a índole de cada indivíduo, e cada viajor se torna um grande solitário... Não há dois no mesmo trilho taciturno... Um só... O último trecho dessa misteriosa jornada rumo ao Infinito jaz envolto em solidão absoluta, no vasto silêncio dos Saaras e dos Himalaias... Eu a sós com Deus...

Nesse derradeiro trecho íngreme, aparece a alma em total nudez, tal qual é, despida de todas as roupagens e camuflagens do ego social... Dinheiro, propriedades, empregos, profissão, prestígio social e político, família, parentesco – todos esses rótulos do velho ego se desprendem da alma, porque não fazem parte dela... E a alma, pura e desnuda, em verdade e sinceridade, está com Deus...

A alma a sós com Deus...

No grande silêncio do Infinito...

Na imensa solidão do Ser...

No puríssimo Nirvana do Nada e do Todo...

Sem nenhum redentor externo...

A sós com seu redentor de dentro...

.....

É chegado o tempo de o homem tomar a sério essa sua redenção de dentro...

É tempo para deixarmos de ser crianças de jardim de infância e alunos de escola primária – para ingressarmos na Universidade do espírito...

Se eu não me redimir, ninguém me pode redimir...

Se o meu divino Eu não me libertar da escravidão do humano ego, não há redentor no céu nem na terra que me possa libertar, a despeito de todas as teologias e filosofias...

É inútil esperar...

Todos os mestres espirituais da humanidade proclamam a verdade central da auto-redenção, a redenção do homem luciférico pelo homem crístico, do ego pecador pelo Eu redentor...

É este o Evangelho supremo e definitivo para a humanidade.

## A ESTERILIDADE DO RUÍDO – E A FECUNDIDADE DO SILÊNCIO

O que apavora o principante – e quem não é principante? – é a ética pré-mística, isto é, o dever de ser bom, antes de passar pela experiência divina, antes de ter o seu encontro pessoal com Deus em si mesmo. Nessa etapa inicial da jornada cósmica predomina o conceito ominoso de *virtude, heroísmo, sacrifício, carregar a cruz, caminho estreito e porta apertada*, a idéia angustiante de ser “mártir da sua espiritualidade”.

Todas essas dificuldades e seus pavores provêm da ignorância do principiante. Uma vez cruzada a misteriosa fronteira, da ignorância para a sapiência, do não-saber para o saber experiencial, cessa toda a idéia de sacrifício. A própria idéia horripilante de ter de “amar seus inimigos” deixa de existir, não porque o homem se tenha tornado heróico ou virtuoso, mas simplesmente porque não existe mais tal coisa como “inimigo”. O conceito “inimigo” é uma criação do ego insipiente, e desaparece naturalmente com o advento da sapiência, assim como as trevas desaparecem à chegada da luz. Podem outros continuar a ser meus inimigos, da parte deles, enquanto forem insipientes; mas eu, sendo sábio pela experiência da Verdade, não me rebaixo a ser inimigo deles; a minha luz divina não reconhece as suas trevas humanas. E, por isto, eu propriamente não amo os meus inimigos, porque não existem “meus inimigos” da minha parte; a minha luz não tem trevas, a minha sapiência não tem insipiência, o meu divino *sim* não admite o humano *não*.

De maneira que o místico, o sábio, não ama seus inimigos; ama aqueles que ele, outrora, quando profano e insipiente, chamava seus inimigos, e que, possivelmente, até hoje se consideram inimigos do místico sábio, lá das tenebrosas baixadas da sua profana insipiência.

Diz a geometria que duas linhas paralelas não se encontram, a não ser no infinito. Não é bem exata essa afirmação, pelo menos não do ponto de vista filosófico. Linhas paralelas não se encontram no infinito, porque no infinito não há linhas, não podendo, por conseguinte, haver um encontro entre coisas inexistentes. O infinito é a ausência da dimensão, é a zero-dimensionalidade, ao passo que toda a linha tem uma dimensão. No infinito, a dimensão da linha acaba na indimensionalidade, onde não é possível um encontro.



De modo análogo, na zona da experiência mística não há “inimigos”; logo, não pode haver amor aos inimigos inexistentes; nessa zona domina o amor universal, sem distinção de amigos e inimigos, porque domina a sapiência, a luz integral, que não lança sombras; as sombras provêm de uma luz parcial.

“Deus é luz, e nele não há trevas”...

\* \* \*

Para que o homem ingresse na zona pós-mística, necessita ele de passar não somente pelo período da ética pré-mística, mas também circundar-se de um ambiente propício para essa suprema realização. Deve, sobretudo, praticar *solidão* e *meditação*.

Solidão é uma espécie de *vacuidade* – meditação é *plenitude*. Esta não atua sem aquela. Ninguém, no princípio, consegue meditar a não ser na solidão. A solidão do ego precede a meditação do Eu.

O homem profano tem horror à solidão.

Solidão e silêncio são, para o homem profano, uma espécie de veneno mortífero; por isto, vive ele no barulho, que canaliza para o interior da sua casa e da sua alma, em forma de jornal, rádio, televisão, visitas, etc., a fim de não se afogar no mar da solidão e do silêncio; esses expedientes sociais lhe servem de tábua de salvação no meio do naufrágio.

Mas o homem em vias de espiritualização é amigo do silêncio e da solidão. Não tarda a descobrir que prolongados períodos de silêncio e solidão potencializam grandemente a receptividade espiritual da alma; verifica que o ruído esteriliza, e que o silêncio fertiliza. Três dias consecutivos de solidão e silêncio podem aumentar por 50% a receptividade da alma, de maneira que, dentro deste ambiente propício, qualquer palavra sagrada brota com espontânea facilidade e vigor, quando, outrora, dezenas de palavras se esvaíam sem sinal de vida. Se alguém consegue ficar 30 dias completos, um ciclo lunar total, imerso em profundo silêncio e total solidão, entra a sua alma como que em adiantado estado de gestação espiritual, e basta um ligeiro impulso para ela dar à luz a sua prole.

Sociedade e ruído atuam sobre a alma como luxúria e prostituição – ao passo que solidão e silêncio têm algo parecido com pureza e virgindade.

Esse silêncio, porém, tem de ser não apenas *material*, mas também *mental* e *emocional*. Deve o homem estabelecer uma quietude integral. É relativamente fácil fugir de ruídos externos; basta retirar-se a um lugar solitário; mas é difícil desterrar de si os ruídos mentais dos pensamentos e os ruídos emocionais dos desejos, porque estes nos acompanham para dentro de qualquer solidão física.

Entretanto, da ausência desses ruídos, mental e emocional, depende essencialmente a possibilidade e a eficiência da meditação. A parturição espiritual só se realiza no meio de grande silêncio. A praça pública do nosso cérebro e do nosso coração tem de ser transformada em santuário do espírito.

A luz solar que incide sobre uma fonte de 10 centímetros de diâmetro não tem poder enquanto continuar dispersa; mas, se reduzirmos essa área de 10 centímetros a um único foco indimensional, teremos uma fonte de intensa luz e calor, capaz de atear fogo em qualquer combustível.

Largueza é fraqueza.

Estreiteza é força.

Dispersão é ineficiência.

Concentração é eficiência.

A indisciplina é impotente.

A disciplina é onipotente.

A disciplina espontânea é a mais alta liberdade.

O homem que focalizar por 5 minutos um só pensamento, sem desvio nem distração, potencializa a sua força. E essa força lhe dá segurança, unidade, felicidade. Felicidade é um senso de unidade, que nasce da consciência da força. Feliz é somente o homem que se sente uno, untário, indiviso em si e indiviso do Universo.

Quando o homem, graças a assíduas e intensas focalizações, tiver atingido o máximo de unidade, pode ele voltar ao meio das pluralidades do mundo circunjacente, sem perigo de ser novamente desunificado, pluralizado e objetivizado.

E então se sente ele plenamente remido.

## O MISTÉRIO DO “SER” E DO “DEVIR” – RELIGIÕES DE MASSA E RELIGIÃO DE ELITE

Desde os tempos remotos da filosofia helênica, digladiam-se os pensadores na arena do “Ser” (Sein, To be) e do “Devir” (Werden, To become). Empédocles e Heráclito chefiavam duas ideologias fundamentais, aparentemente antagônicas, que poderíamos resumir nas palavras: É a Realidade (Deus) um “Ser” estático-passivo – ou um “Devir” dinâmico-ativo? É a suprema Realidade um *estado imóvel* – ou um *processo móvel*? É Deus o eterno *repouso* – ou a incessante *atividade*?

Da resposta que dermos a essa alternativa metafísica depende, em grande parte, a orientação ética da vida humana.

Nos séculos subsequentes desanuviam-se, aos poucos, os horizontes, porque os melhores pensadores compreenderam que a Realidade não é nem isto nem aquilo, disjuntivamente – mas que é isto e aquilo, conjuntivamente.

A Realidade (Deus) é o “Ser que age”, é uma “realidade dinâmica”, é uma “Divindade abstrata” que se revela como “Deus concreto”. Deus é Brahman e Maya. Deus é a Essência eterna que se revela em Existências temporais. Deus é Causa e Efeito, ou, no dizer de Spinoza, “*Natura naturans e natura naturata*”.

A essência divina é existencial – e a sua existência é essencial.

O conceito de que Deus seja apenas o imóvel “Ser”, ou somente o móvel “Devir” disjuntivamente, nasceu do falso postulado da *transcendência sem imanência* ou da *imanência sem transcendência*, quando, na verdade, ele é *transcendente imanência* ou *imanente transcendência*.

Segundo certas teologias, o mundo não é uma *emanação* de Deus, mas uma *criação* feita por Deus; Deus, dizem eles, *creou* o mundo do nada, como causa *externa*, e não do Todo (de si mesmo) como causa *interna*. Por isto, Deus está fora do mundo, e o mundo está fora de Deus.

Na realidade, porém, o mundo foi criado *de* Deus, e não apenas *por* Deus. Assim como o pensador cria o pensamento de dentro de si mesmo, e não de algum material externo, semelhantemente também a Divindade, sendo dinâmica por natureza, faz emanar ou irradiar o universo de si, da substância divina. O universo é um pensamento de Deus; ele existe enquanto Deus o

pensa, e deixa de existir no momento em que Deus deixa de o pensar. Sendo Deus o *Pensador Real*, o universo é um *Pensamento Realizado* por Deus e de Deus. Nasceu de Deus, e não foi manufaturado por Deus. O universo não tem realidade intrínseca, autônoma, mas possui apenas realidade extrínseca, heterônoma; existe enquanto realizado, irradiado ou refletido pela Causa divina.

O universo não é *idêntico* a Deus, nem está *separado* de Deus, mas é *distinto* dele, embora exista nele.

Um ilogismo pseudo-filosófico criou a palavra “panteísmo”, e agora os autores desse fantasma têm medo da sua própria criação. De fato, nunca existiu um filósofo panteísta que identificasse os finitos do universo com o Infinito de Deus, os efeitos com a Causa, os relativos com o Absoluto.

Nem o *dualismo*, que só admite um Deus transcendente, nem o *panteísmo*, que só conhece Deus imanente, representam a verdade integral. Deus não é menos transcendente que imanente. Como o absoluto “Ser” é ele o grande transcendente, – como o relativo “Devir” é ele nem o *panteísmo*, que só conhece o grande Imanente. Não menos longínquo no seu eterno “Ser” que propínquo no seu temporário “Devir”.

Uma vez que o Creador está imanente em todas as criaturas, compete ao homem descobrir esta verdade. O dualista acaba asceta e desertor do mundo, porque acha que Deus se acha num sentido oposto ao mundo e que o homem se aproxima de Deus na razão direta que se afasta do mundo; acha que Deus do mundo não é compatível com o mundo de Deus, porque este mundo não é de Deus, não veio dele, que é o Todo, mas veio do Nada, que é o contrário do Todo. Admitido que o mundo tenha vindo do Nada, seria lógica a conclusão do asceta dualista de que o mundo é essencialmente anti-divino, assim como o Nada é diametralmente oposto ao Todo. Mas, admitido que o mundo veio de Deus, emanção ou irradiação da Divindade, assim como o pensamento é uma irradiação do pensador, segue-se que o mundo é essencialmente divino, bom, e que o homem pode encontrar a Deus se andar ao longo desses visíveis fios dos efeitos rumo à invisível Causa que esses efeitos produziu; e, neste caso, o mundo não é um empecilho, mas sim um auxílio para encontrarmos o autor do mundo.

O profano adora um mundo sem Deus.

O asceta adora um Deus sem o mundo.

O homem cósmico adora o Deus do mundo no mundo de Deus.

Hegel e Bergson, nesses últimos tempos, compreenderam com grande nitidez esta verdade. O “*élan vital*” do filósofo francês está em cada ser vivo, e o “espírito absoluto” do pensador germânico está em todas as formas relativas. O

indivíduo só é vivo porque nele está a Vida Universal, ainda que em forma individualizada.

Se o homem não descobre a Causa Infinita nos efeitos finitos, se não enxerga a Deus no mundo, não é porque Deus esteja ausente do mundo, mas é porque esse homem não possui a necessária clarividência para ver o Deus presente. A aparente ausência de Deus vem da ignorância do homem, e não duma suposta ausência de Deus. Também, como poderia um Deus onipresente estar ausente de alguma parte do universo?

(A cavilação de que Deus não esteja presente com sua essência, mas tão-somente com seu poder e suas leis em todo o universo, é por demais infantil para ser tomada a sério.)

A negação do mundo e da vida humana praticada pelos ascetas desertores, é filha legítima do falso conceito de um Deus ausente do mundo. Quem, de fato, crê na onipresença de Deus em todas as coisas por ele criadas, não tem motivo para fugir dos efeitos a fim de encontrar a Causa, uma vez que essa Causa está latente em todos os efeitos, assim como o pensador está presente em seus pensamentos. Basta que o homem, de cego se torne vidente, que ultrapasse a superfície das periferias e desça à profundidade do centro de todas as coisas, e verá o Real em todos os Realizados, a Causa em todos os Causados, o Absoluto em todos os Relativos, o grande e único UM em todas as Pluralidades.

Essa “in-tuição” (visão de dentro) ou “intro-speção” fará do insipiente um sábio, e essa “visão de dentro” dará conteúdo e razão-de-ser a todas as “visões de fora”. Quando o homem chega a criar em sua alma essa “intro-vidência”, essa visão da essência central, não mais necessita fugir das existências periféricas, porque o Deus sempre presente objetivamente também se lhe tornou presente subjetivamente. E esse novo descobrimento de uma eterna realidade renova a vida do homem, porque para o homem só tem poder aquilo que ele sabe; o grau do seu consciente é a bitola do seu poder.

E essa fusão da experiência subjetiva com a realidade objetiva liberta o homem de todas as suas escravidões, da ignorância e do erro. Esse homem in-tuitivo, intro-vidente, vê Deus em tudo e tudo em Deus, porque esta é a verdade.

Essa capacidade de ver Deus em tudo e tudo em Deus é genuíno Cristianismo, assim como existia no Cristo. O ascetismo desertor, que se desenvolveu no seio da igreja cristã a partir do século 4.º, é uma prova de boa vontade, mas também uma prova da incapacidade do homem de compreender o Cristianismo em sua vasta e profunda plenitude. A conhecida “Imitação de Cristo” é a Carta Magna desse semi-cristianismo *cosmóforo* e *bióforo* – e essa dupla fobia é praticada em nome da *teofilia*, do amor de Deus. A popularidade que esse livro adquiriu no seio da cristandade é bem um indício de que a humanidade cristã

não atingiu ainda o último estágio da cristificação, embora essa fuga do mundo possa ser uma etapa intermediária para o homem profano se transformar, aos poucos, num homem sacro, e encontrar-se, finalmente, com o Deus do mundo no mundo de Deus. Vale como método – não vale como meta.

\* \* \*

Nas filosofias espirituais do oriente, sobretudo budismo e bramanismo, temos o mesmo fenômeno. Milhares e milhões de criaturas humanas tentam encontrar a Deus fora do mundo – poucos o encontram no mundo.

Talvez faça parte da grande lei da evolução que o homem, antes de atingir as alturas do homem integral, *cósmico* ou *crístico*, deva passar pela zona do homem *místico* ou ascético, depois de abandonar as baixadas do homem *profano*; que deva “dar aos pobres tudo quanto possui” a fim de ser rico e possuir um “tesouro nos céus”.

O budismo, na sua forma mais avançada chamada “Mahayana” (grande roteiro) revela surpreendente similitude com o Cristianismo; não é negador do mundo e da vida, mas afirmador; sabe também da verdade que Albert Schweitzer sintetizou nas palavras lapidares: “O Cristianismo é uma afirmação do mundo que passou pela negação do mundo”. E isto vale de qualquer forma de religião. Ninguém pode afirmar, indene, senão o que negou voluntariamente. Só quem negou o apego ao mundo pode lidar com as coisas do mundo sem ser por elas derrotado. Somente o homem 100% livre das escravidões do mundo é que pode afirmar o mundo sem escravidão. Todo homem realmente cósmico tem de passar pelo estágio do homem místico. Só pode possuir sem ser possuído aquele que de tudo se despossuiu. Só pode ser possuidor quem não é possuído. Só pode ser redentor quem é plenamente redento.

Mas uma religião altamente filosófica e cósmica, como são o Budismo “Mahayana”, o verdadeiro Bramanismo e o genuíno Cristianismo, são duma extraordinária amplitude, e por isto mesmo não agradam a espíritos atrasados em sua evolução espiritual; estes necessitam de formas de religião mais estreitas, rígidas e autoritárias, necessitam de dogmas mecânicos, porque são crianças ou adolescentes incapazes de seguir por si mesmos, e cuja salvação consiste em obedecerem a ordens e injunções de fora.

Budismo, Bramanismo e Cristianismo, na sua verdade intrínseca, são religiões e filosofias para uma humanidade vindoura, faróis acesos em praias longínquas. Mas, como sempre existe dentro da grande massa uma pequena elite por isto são as formas primitivas, infantis e adolescentes, dessas grandes religiões e filosofias externamente toleradas, até certo ponto, pelos espíritos maduros que, internamente, ultrapassaram essas formas e chegaram até à alma divina do Budismo, do Bramanismo, do Cristianismo.

Francisco de Assis foi, externamente, um cristão católico – mas internamente um homem cósmico e crístico.

Gautama Buda, nos seus últimos anos, não foi budista.

Mahatma Gandhi ultrapassou tudo o que, por via de regra, se entende por Bramanismo.

O próprio Cristo não foi cristão, no sentido em que esta palavra é tomada tradicionalmente.

.....

O homem crístico não é cristão.

A auto-redenção do homem só é possível a quem atingiu o Everest dos seus Himalaias e se identificou com a experiência dos grandes avatares e redentores da humanidade e pode com verdade dizer:

“Eu e o Pai somos um”...

“Já não sou eu que vivo – é o Cristo que vive em mim”.

## MEU ÚNICO EU E SUAS MÚLTIPLAS METAMORFOSES

Nas páginas do presente livro temos usado constantemente os termos “ego” e “Eu”, afirmando que aquele deve ceder a este, para que apareça o homem integral, crístico. Em face disto, possivelmente, algum leitor chegou à conclusão de que o homem possua “dois eus”, e que o pequeno eu (ego) deva ser abolido pelo grande Eu para que o homem chegue à plenitude de sua realização.

A fim de evitar tão funesto equívoco, passamos a explicar o seguinte:

Não existem no homem dois eus – existe um único Eu, que é o próprio homem, na sua íntima essência; mas esse único Eu passa por diversas fases e formas evolutivas, que dão a ilusão de diversos eus. A dualidade é das formas ou aparências, a unidade e unicidade é da essência. Num estado inferior de evolução, aparece o grande Eu na forma do pequeno ego, mas esse ego é o próprio Eu em fase embrionária e imperfeita.

Se eu perguntasse a um garboso coqueiro se ele havia abolido o pequeno coquinho de anos atrás, substituindo-o por esse grande coqueiro, estranharia ele semelhante pergunta, e responderia que não aboliu a semente, mas que ele mesmo é essa semente em outra forma. Se usasse a nossa linguagem filosófica, diria: Eu mesmo sou aquele coquinho em estado *atual*, assim como aquele coquinho era eu em estado *potencial*; eu sou *explicitamente* o que a semente era *implicitamente*; eu e o côco somos um e o mesmo; apenas as nossas duas formas existenciais são diferentes, mas a nossa realidade essencial é a mesma.

Aliás, que outra coisa disse o Nazareno naquela engenhosa alegoria do grão de trigo que deve morrer para que possa produzir fruto abundante? É evidente que a sementinha não morre realmente; se tal acontecesse, nunca apareceria a planta viva do pé de trigo; a semente morre aparentemente, morre como semente para que possa viver plenamente como planta; a vida da semente continua na planta, mas em outra forma.

É deveras estranho que os nossos eruditos teólogos dualistas não tenham ainda, no ocaso do segundo milênio da era cristã, compreendido essa grande verdade... Continuam a negar que haja vida divina no homem natural, e



afirmam que ele é espiritualmente morto, como uma semente podre, e que a vida lhe deva vir de fora, por obra e mercê de terceiros. Destroem assim, radicalmente o sentido profundo da alegoria do grão de trigo.

Se eu perguntasse a uma linda borboleta se ela havia abolido a feia lagarta, que antes dela existia, responder-me-ia prontamente: Essa lagarta sou eu mesma, apenas em outra forma; ela era eu, e eu sou ela. Eu também sou a crisálida e o ovo, que existiam no princípio dessa série de metamorfoses; todos nós – ovo, lagarta, crisálida, borboleta – somos um; a unidade da nossa vida essencial é permanente; as diversidades das nossas formas existenciais são transitórias; a verdade está na vida única que flui através de nós, a ilusão está nas formas vitais sucessivas que revestem e manifestam a nossa vida única.

É exatamente isto que acontece com o ser humano. Inicialmente, é ele uma espécie de ovo, no estado inconsciente pelo qual todos passamos; depois passa a ser uma espécie de lagarta comilona e materialista, quando entra no estado consciente do ego pessoal, e nesse estado intermediário se encontra o grosso da humanidade até hoje. Por fim, tem o homem de entrar no estado da borboleta alada, levando vida de pureza e beleza nas alturas da luz solar: Mas, antes de entrar nesse estado definitivo, passa o homem por uma espécie de morte, não real em si, mas aparente, embora considerada real pela ignorância do pequeno ego, que se horroriza de passar de lagarta a crisálida, porque ignora que essa treva não é uma noite permanente, mas sim um ocaso que precede a grande alvorada. Algumas larvas celebram com grande esplendor essa sua “morte mística” que preludia a gloriosa vida na luz; o bicho da seda tece ao redor de si um fantástico castelo de seda, cor de ouro ou de neve, e, deitado nesse precioso esquife auto-manufaturado, aguarda o grande momento em que esse ataúde de lagarta se converta no berço de borboleta, ou mariposa; sabe que o anoitecer duma vida na matéria densa culminará no amanhecer duma vida na luz levíssima, e por isto morre com o mesmo prazer com que nasce e vive.

O ponto crítico dessas metamorfoses está, evidentemente, na transição do segundo para o terceiro estágio, da lagarta para a crisálida. A transição do estado do ovo para o de lagarta não oferece problema, porque é nitidamente uma transição de um estado estático-passivo para um estado dinâmico-ativo, de uma morte aparente para uma vida manifesta. Mas a transição de lagarta para crisálida parece uma transição de um *mais* para um *menos*, da *luz* para as *trevas*, da *vida* para a *morte*, e requer-se muita clarividência e segura intuição para enxergar a verdade para além das ilusões. A íntima natureza de todos os seres recusa involução, regresso – todos desejam evolução, progresso.

A lagarta só pode superar essa espécie de “morte”, passando pela crisálida para a borboleta, em virtude de uma espécie de “fé”, de um instinto biológico

que lhe diz que esse processo, aparentemente regressivo, é, na realidade, um processo progressivo; que a lagarta, passando pela crisálida, não sofre uma perda ou diminuição, mas realiza um lucro, um aumento.

No inseto, essa “fé” é instintiva e infalível, devido à sua natureza inconsciente; mas no homem, consciente e livre, pode essa fé estar presente ou ausente; pode o homem crer que esse estado de interiorização mística, distanciando-o da exterioridade profana, seja um regresso, uma perda, e, neste caso, se recusará ele a aceitar o processo. Se, porém, obedecer ao seu instinto espiritual, ou “fé”, não encontrará dificuldade em lançar essa ponte sobre o misterioso abismo entre o que é a o que pode vir a ser, entre a lagarta e a borboleta, ultrapassando o estado da crisálida – e verá então que a sua pequena vida de hoje culminará na grande vida de amanhã.

Que é, em última análise, essa “fé”, seja no sentido espiritual, seja no sentido biológico?

É uma reminiscência da origem do indivíduo.

Se a lagarta nunca tivesse sido borboleta, se nunca tivesse vivido nas fascinantes alturas da luz solar, não poderia, certamente, ter “fé” nesse futuro estado glorioso; mas, uma vez que ela veio das alturas solares da borboleta alada, por menos que com ela se pareça agora, no período de larva, ela continua, implicitamente, a ser borboleta, e por isto pode recordar-se dessa sua origem e tornar a ela; pode ter “fé” em algo que ela é *potencialmente*, embora não o seja *atualmente*.

Fé é a misteriosa certeza da essência de um indivíduo, a despeito duma *existência* que parece ser a negação daquela; e, se essa fé na verdadeira essência for bastante forte, acabará ela por *essencializar* a própria existência do indivíduo, levando-o assim à sua mais alta perfeição. .

Se o homem não fosse implicitamente divino, jamais poderia ter desejos de divinização. Se não fosse, em sua essência, a “luz do mundo”, como poderia ter saudades da luz e ter desejos de lucificação?

E aqui é que, mais uma vez, tocamos no ponto nevrálgico e vulnerável das nossas teologias eclesásticas que obstruem o caminho para uma compreensão melhor da natureza humana. Não pomos em dúvida a boa-fé desses teólogos, mas lamentamos a sua cegueira no tocante à verdadeira natureza humana. Estão com meio milênio de atraso, nesse particular. Continuam a afirmar rotineiramente que o homem é um punhado de pecado e miséria, que nada de bom e divino há nele, que a sua redenção não consiste no despertar de um elemento divino no homem, mas sim na introdução de um fator estranho na alma humana.

Esse infeliz conceito de alo-redenção obstrui os caminhos para a compreensão do homem e sua verdadeira redenção.

Essas teologias alo-redentoristas são mantidas, dizem, para que o homem não caia vítima de orgulho e presunção, julgando-se auto-redimível.

Com esta alegação provam os teólogos que não compreenderam o verdadeiro sentido de auto-redenção, que eles identificam com ego-redenção. Se fosse ego-redenção, poderia, certamente, haver motivo para orgulho e presunção; mas, uma vez que auto-redenção é cristo redenção, teo-redenção, nada há de que o ego pessoal se possa orgulhar ou envaidecer, a não ser do próprio Deus. Mas haverá algo de mal em que alguém se glorie de ser remido por Deus ou pelo Cristo? O mesmo Deus que rege o universo, o mesmo Cristo que está em Jesus, habita em cada um de nós, como confessam todos os iluminados e avatares da humanidade, desde Hermes Trismegistus, do Egito, Gautama Buda, da Índia e China, Sócrates e Platão, da Grécia, Jesus de Nazaré, etc. Se o Cristo diz de si: “Eu sou a luz do mundo”, e diz dos homens: “Vós sois a luz do mundo”; se afirma “O Pai está em mim, e o Pai também está em vós”, “Vós fareis as mesmas obras que eu faço”, “Eu sou a videira, e vós sois as varas”, “Vós sois deuses” (divinos); se Paulo de Tarso escreve: “Não sabeis que o espírito de Deus habita em vós?” – será que não confirmam, unanimemente, o que acabamos de dizer?

Enquanto prevalecer entre nós essa infeliz teologia dualista e pessimista, não haverá base para uma concepção exata do homem nem para uma educação eficiente da infância e juventude.

O meu íntimo Eu é o Cristo em mim, quer esteja em estado latente, quer em estado manifesto. Enquanto o Cristo em mim continuar a dormir, estarei sob o regime do meu pequeno eu, meu ego luciférico, o “homem velho” – mas, se o meu Cristo dormiente acordar em mim e tomar as rédeas da minha vida, então nascerá o “homem novo”, o Cristo-Redentor – e serei um “renascido pelo espírito”, uma “nova criatura em Cristo”.

## **PSICOLOGIA DE PROFUNDIDADE COMO BASE DA FILOSOFIA E TEOLOGIA**

Nos séculos 16 e 17, a filosofia estatal empírica de Tomás Hobbes foi considerada como a última palavra sobre o indivíduo humano e a sociedade. Afirmar ele que o homem é essencialmente egoísta e que é inútil querer torná-lo altruísta, uma vez que o egoísmo é a própria natureza do homem; desegocificá-lo pelo altruísmo seria o mesmo que falsificar ou destruir a natureza humana. Os que se dizem altruístas continuam a ser egoístas, mas devidamente camuflados, ao passo que os outros são egoístas manifestos.

Entretanto, continua o filósofo, como o homem deseja viver em sociedade, e como a vida social é impossível sem a repressão parcial do egoísmo, inventou o homem o governo, cuja função é manter o inextirpável egoísmo humano dentro de certos limites, de maneira que a vida social seja possível. Mas ninguém se iluda, continua Hobbes, pensando que essa restrição artificial do egoísmo seja abolição do mesmo. A íntima natureza do homem é ser egoísta – e egoísta sempre será.

Muitos aplaudiram a filosofia de Hobbes, vendo nela a última palavra de verdade e sinceridade.

Se verdadeira fosse essa concepção do homem, teriam razão todos os que consideram o homem essencialmente mau e incorrigivelmente pecador.

Os teólogos medievais partem do mesmo princípio negativo de Hobbes, e de todos os seus predecessores empíricos, desde os tempos de Protágoras e da escola sofista-epicurista de Atenas, até aos nossos dias.

Os filósofos empíricos, do tipo de Hobbes, consideram o homem incorrigivelmente egoísta.

Os teólogos dualistas consideram-no essencialmente egoísta e pecador, mas descobriram que há para ele uma redenção, que não vem de dentro do homem; pois, dum homem essencialmente pecador não pode vir a redenção; a redenção tem de vir necessariamente de fora do homem.

Ambos, tanto os filósofos empíricos como os teólogos escolásticos, laboram no mesmo erro fundamental, definindo o homem como sendo o seu ego. Nenhum deles descobriu que o ego não é a realidade central do homem, senão apenas

uma das suas manifestações. O ego é o intelecto, o Lúcifer, a serpente, a persona ou máscara do homem, mas não é ele mesmo; por detrás dessa roupagem está a verdadeira natureza do homem, o seu ignoto Eu, a sua individualidade (indivisa em si e indivisa do Universo), o seu invisível Cristo.

Mas como, segundo as leis da evolução, as periferias despertam antes do centro, era natural que o homem-ego dominasse a vida antes que o homem-Eu acordasse devidamente, e assim o egoísmo caracterizou a vida humana. Requer notável cabedal de clarividência, e sobretudo de experiência, enxergar para além das periferias do ego visível e Eu invisível.

As filosofias e teologias baseadas nesta concepção imperfeita do homem não podiam deixar de levar a falsas conclusões, como estamos vendo.

Necessitamos de uma verdadeira revolução nesse terreno. Felizmente, a psicologia de profundidade desses últimos 50 anos, aqui no, ocidente, aliada à filosofia metafísica multimilenar do oriente, nos facultam uma compreensão melhor da natureza humana. E sobre esta nova base, retificada, temos de reconstruir as nossas filosofias e teologias antropocêntricas.

No setor teológico será difícil essa reconstrução, uma vez que a maior parte das teologias identifica a sua interpretação humana com a própria revelação divina; e como esta é infalível em si, atribuem os teólogos infalibilidade também aos seus sistemas eclesiásticos.

\* \* \*

Onde se revelam mais desastrosos os efeitos dessas filosofias e teologias é no setor educacional; pois, se nada de bom há no educando, terá o educador que apelar para fatores externos a fim de dar ao educando motivos eficientes de agir. Esses motivos são ou o *temor* ou a *esperança*. No plano da educação cívica, leiga, o argumento para levar alguém a ser bom e deixar de ser mau é de ordem legal ou policial: *cadeia* ou *multa*. No plano da educação religiosa são esses argumentos transferidos para urna zona distante, *post-mortem*, e chamam-se *céu* ou *inferno*, mas não deixam de ser elementos externos, uma vez que as nossas teologias não admitem céu e inferno como estados da alma, mas como lugares geográficos ou astronômicos. O homem deve ser bom para ser recompensado com o céu, e deve deixar de ser mau para não ser punido com o inferno.

Esses argumentos póstumos só funcionam para uma classe muito atrasada. A maior parte não crê em céu e inferno, como lugares, ou, no caso que creia, deixa esse problema para o fim da vida; porquanto todas as igrejas garantem ao homem que uma boa conversão antes da morte – seja pelos sacramentos, seja por um ato de fé no sangue redentor de Jesus – purificam o homem de todos os seus débitos morais – e assim o homem, convertendo-se, entra no

céu de Deus depois de ter gozado todos os céus dos homens; logra a Deus na hora da morte, assim como logrou os homens durante a vida.

É evidente que semelhante educação externalista não exerce impacto algum sobre o homem pensante. E a sua ineficiência, provém, em última análise, do fato de ser o homem considerado visceralmente mau e negativo, devendo esperar melhoramento só de fora.

Enquanto não descobrirmos no homem um centro positivo, algum “ponto de Arquimedes” em que aplicar a alavanca, nenhuma educação surtirá efeito real e duradouro.

# CONCENTRAÇÃO, MEDITAÇÃO E CONTEMPLAÇÃO – ETAPAS NO CAMINHO DA AUTO-LIBERTAÇÃO

O homem liberto é um homem feliz, definitivamente feliz.

A felicidade, porém, está na razão direta da *unidade* que o homem experimenta em si, assim como a infelicidade é sintoma da falta de unidade interna.

O único elemento estritamente unitivo e unitário no homem é o seu divino Eu, sua alma, seu Cristo, seu Espírito Santo, porque esse Eu é o próprio Deus, necessariamente uno, único, unitário; tudo o mais é dual, plural, múltiplo, dispersivo, e por isto gera infelicidade e insatisfação.

Enquanto o homem não atingir o seu Eu central e indiviso não é realmente feliz, embora possa ter gozos, prazeres, divertimentos que, por momentos, lhe façam esquecer a sua infelicidade. Uma vez atingido o seu verdadeiro Eu, o homem é incapaz de ser realmente infeliz, por mais que sofra as adversidades da natureza ou as perversidades dos homens; o senso profundo da sua unidade intrínseca (uno em si mesmo) e da sua unidade extrínseca (uno com o Todo) lhe garante indestrutível beatitude, em virtude da sua indivisa individualidade.

O primeiro passo nesse caminho do encontro consigo mesmo é a *concentração mental*, a aproximação da meta é a *meditação espiritual*, e o repouso nessa beatitude é a *contemplação mística*.

Concentração.

Meditação.

Contemplação.

São as três etapas que levam ao reino de Deus. E vale a pena trilhar esse “caminho estreito” e passar por essa “porta apertada”, porque redenção ou entrada no reino de Deus é o destino final do homem e sua verdadeira beatitude, aqui na terra e em todos os universos de Deus.

Uma vez alcançada essa paz interior, essa profunda harmonia consigo mesmo, todos os sacrifícios anteriores parecem insignificantes e sem nenhuma

proporção com a grandeza da recompensa interior. Antes de alcançar essa inefável felicidade, os sacrifícios pareciam grandes, as dificuldades insuperáveis, mas isto vem da ignorância e inexperiência.

Por isto, antes de entrar nesse paraíso, deve o homem *crer* firmemente naquilo que ainda não *sabe* por experiência. Essa fé é a chave para abrir portas secretas a tesouros ocultos. Só quem puder crer firmemente numa realidade que ainda não conhece por experiência terá a persistência e paciência necessárias para conquistar esse universo de silenciosa beatitude.

\* \* \*

*Concentrar-se* é reduzir todos os seus pensamentos, múltiplos e dispersivos, a um único centro ou foco; realizar um processo de *convergência mental* em vez de *divergência*. O processo mental de pensar é, por sua natureza, dispersivo, centrífugo, divergente, porque a inteligência vai rumo aos objetos de fora e se recusa a focalizar-se no sujeito de dentro. Esse sujeito se lhe apresenta como um vácuo, um nada, um irreal, e o *horror vacui* impele a inteligência a demandar as periferias, como a eletricidade, que sempre foge do centro do seu veículo e se acumula nas camadas periféricas. Por isto, a concentração mental exige uma força tremenda, uma vez que atua em direção oposta à tendência natural do pensamento, que demanda as periferias objetivas e tem horror ao centro subjetivo.

No princípio, o homem consegue poucos minutos de concentração mental sem distração; mas, com a persistente repetição, a dificuldade diminui e a facilidade aumenta. Por fim, o homem consegue ficar meia hora ou mais em perfeita concentração mental, dominando todas as tendências dispersivas – e com isto acumula enorme voltagem de força, que pode ser utilizada para o estágio subsequente.

\* \* \*

*Meditar* não é concentrar o pensamento, como na etapa anterior, mas é ultrapassar todo e qualquer pensamento e isolar-se na zona intuitiva da consciência espiritual, cujo alvo não é algum objeto, mas é o próprio Infinito, o Absoluto, o Universal, o Todo, Deus, que no homem se chama alma ou Eu. É a intensidade máxima da consciência ultra-consciente, oni-consciente.

Para o principiante convém que visualize esse Absoluto como luz ou claridade universal; para os mais avançados não é necessário símbolo algum.

A fim de evitar distrações, que acometem os principiantes e inexperientes, pode o meditante repetir determinadas palavras sacramentais (mantras), silenciosa ou audivelmente, como se acham em nosso folheto “Sabedoria dos Séculos” ou nos livros sacros. Escolha entre essas 16 palavras uma que mais lhe fale à alma e assimile-a vagarosamente, visualizando o seu conteúdo e



identificando-se com ela. “Eu e o Pai somos um”, “Uno-me com todas as forças ao Espírito Infinito”, “No meu interno SER sou o que Deus é, no meu externo AGIR ajo assim como Deus age”, “Eu sou a luz do mundo”, “O Verbo se faz carne e habita em mim” – estas ou outras palavras sacras ajudam a evitar distrações e despertam na alma aquilo que significam. No oriente, usa-se, de preferência, o sacro trigramma AUM (OUM), o qual, com suas três letras simbólicas, concretiza admiravelmente o processo de sucessiva intensificação da consciência espiritual: “A” (pronunciado O), letra aberta, está no plano da consciência corporal; “U”, semi-fechada, vibra na zona da consciência mental; “M”, totalmente fechada, opera na pura consciência espiritual. Mas, só depois de expirar a derradeira vibração audível do “M”, é que o meditante entra na consciência universal, absoluta, cósmica, na zero-dimensão e zero-duração, ignorando espaço e tempo, porque está no Infinito e no Eterno.

\* \* \*

E, quando entra nesse silencioso vácuo do Nirvana super-conseiente, entra o meditante na zona anônima da *contemplação*, cujo estado não pode ser analisado mentalmente nem verbalizado materialmente, mas cujo impacto é decisivo sobre a vida inteira do homem. Iluminado por essa luz da Verdade suprema, regressa o homem à terra das ilusões inferiores, mas, embora circundado de trevas, nunca mais perderá a luz que nele está; verificará que “a luz brilha nas trevas, e as trevas não aprendem”. E a luz potente da Verdade suprema liberta o homem da sua tríplice escravidão – do pecado, da ignorância e das moléstias, e, finalmente, da morte, transformando o corpo mortal num corpo imortal. “O último inimigo a ser derrotado é a morte”.

Abismado nesse oceano sem praias nem fundo da contemplação, onde o homem vive a própria Realidade, Deus e sua alma, pode ele dizer em verdade: “Eu e o Pai somos um”.

Daí por diante, perde o homem qualquer desejo de “explicação”, nem mais discute sobre Deus e as coisas espirituais, porque sabe que toda a discussão, análise e demonstração “científica” é ridícula puerilidade, em face da estupenda certeza que lhe dá o contato direto com a própria Realidade – e essa Realidade é Luz, Vida, Amor, Beatitude... Qualquer tentativa de explicação ou demonstração lhe pareceria profanação da sacralidade que ele vive. O mistério lhe é sagrado, uma noite estrelada, que ele não procura analisar sacrilegamente nem trocaria por nenhum dos dias ensolarados dos profanos, que ignoram a sua própria ignorância e chamam ciência o seu analfabetismo. Para o homem experiente, a suprema beatitude está na silenciosa adoração do mistério.

Concentração, meditação, contemplação – rumo ao reino dos céus...

## CONTEMPLA O TEU EGO COMO ATOR NO PALCO!

É de grande vantagem, meu ignoto leitor, que te habitues a dissociar-te, periódica e assiduamente, do teu pequeno ego, que é a tua persona ou personalidade, essa máscara do teu genuíno Eu. Senta-te na platéia e contempla, calma e imparcialmente, o que o teu ego faz, lá no palco da vida. Assiste ao drama, à comédia, à tragédia dele – mas não te identifiques com ele, porque isto seria ilusão fatal.

Hoje, por exemplo, acontece ao teu ego uma censura, amanhã um elogio. Em face da censura, ele se irrita e logo procura argumentos para provar que o vitupério não tem fundamento, que é apenas má vontade, mentira e inveja de outros; mas em face dos louvores o teu ego fica todo inchado, convencido de que cada palavra de elogio representa puríssima verdade.

Isto pensa o teu pequeno ego – mas o teu grande Eu, lá na platéia de espectador, nada tem que ver com isto; está acima dos partidos. O ego é um grande comediante, político, diplomata.

Francisco de Assis chamava seu ego “*frater ásino*” (irmão burro) e conversava com ele sobre as alegrias e as mágoas dele.

– Hoje te elogiaram, *frater ásino*, e ficaste todo triste e nervoso...

– Hoje te elogiaram, *frater ásino*, e ficaste todo inchado de vaidade.

– Como estás cansado, meu burrinho! Repousa um pouco!...

Assim conversava o sorridente poeta místico, certo de que o Eu divino da sua alma nada tinha que ver com os gozos e sofrimentos do seu ego humano.

Quando o homem se convence definitivamente de que tudo que apenas lhe acontece, da parte das adversidades da natureza ou da perversidade dos homens, não tem importância decisiva, porque pára na periferia da sua máscara pessoal, então entra ele na zona da grande paz. Importante não é o que me acontece, por obra e mercê de terceiros – importante é somente aquilo que eu mesmo faço, o que produzo de dentro de mim. “O que de fora entra no homem não torna o homem impuro – mas só o que sai de dentro dele”. “Não sou melhor porque me louvam, nem sou pior porque me censuram...” “O mal

que os outros me fazem não me faz mal, porque não me faz mau – somente o mal que eu faço aos outros me faz mal, porque me faz mau”...

Esse exercício de dissociação é de suprema importância.

Ninguém é dono das circunstâncias externas; ninguém pode impor a sua vontade ao ambiente; ninguém é atingido na sua íntima realidade pelo que os outros dizem ou pensam dele.

Os estóicos da antiguidade já praticavam essa serena *ataraxia* (imperturbabilidade), e os yoguis do Oriente sabem, há milênios, que podemos ultrapassar todos os *sansaras* (agitação) e entrar no grandioso *nirvana* (quietude) do nosso eterno eu. Essa transformação da inquietação em quietação, depende de dois fatores: 1) da firme convicção de que não somos o ego, e sim o Eu, 2) de um exercício sistemático dessa dissociação.

Esse exercício, naturalmente, tem de ser praticado no momento oportuno. É fácil ser valente quando não há inimigo algum na vizinhança. É fácil manter a calma em dias de bonança. Mas, quando alguém nos ofende e o nosso velho ego se revolta e forja planos de vingança – então é chegado o momento para apelarmos para a *ataraxia* e o *nirvana* e impormos quietação a todo o *sansara* que procura encrespar a superfície do lago.

“Amigo, a que vieste?” – quem pode falar assim a um traidor, no momento em que ele entrega seu mestre e benfeitor às mãos dos inimigos mortais, esse é dono do seu destino e plenamente liberto.

O homem profano chama “covardia” essa atitude de não-violência e de benevolência em face duma injustiça, e acha que é sinal de “coragem e de brio” revidar injúria com injúria, ofensa com ofensa. Quem ainda é joguete passivo dos padrões da nossa corrupta civilização, esse não pode pensar e agir de outro modo; mas quem conseguiu libertar-se dessa escravidão, sabe que 1% de benevolência exige maior cabedal de coragem e bravura do que 100% de violência. Opor violência à violência é, simplesmente, obedecer à lei mecânica de causa e efeito, como qualquer autômato passivo e inerte – mas opor benevolência à violência é superar essa lei, romper essa cadeia férrea de ação e reação material e proclamar a Nova Constituição Cósmica do espírito sobre as ruínas da matéria.

Mas... nada disto enxerga o cego...

No princípio, esse exercício de libertação sistemática produz um ambiente de dolorosidade e humilhação, sobretudo quando nossos melhores amigos nos consideram covardes e homens sem brio; mais tarde, porém, surge a consciência duma grande força, duma vida nova, que acabará por estabelecer na alma um clima de segurança, serenidade e inefável beatitude...

Se a libertação fosse fácil, seria praticada pelos fracos e covardes, que são legião; mas, como é difícil, difícilíssima, só a conseguem realizar os fortes e os corajosos, que são relativamente poucos, no meio duma humanidade de moluscos e invertebrados...

É indispensável que “transvalorizemos todos os valores”, como diria Nietzsche, que criemos um novo padrão de valores no seio da humanidade. Sem essa nova consciência dos valores, não conseguiremos sair da nossa prisão tradicional, embora lhe douremos jeitosamente as grades e cantemos hinos à liberdade – à sombra do nosso cárcere.

Quem não quiser pagar o preço da sua libertação não será livre.

Esse preço é elevado, porque é um doloroso *egocídio*.

Mas esse *egocídio*, embora pareça morte real, é, de fato, uma ressurreição, o início de uma vida maior.

O difícil está em crermos nessa vida maior antes de a termos experimentado em nós. Aqui entra em cena o fator misterioso e imponderável da “fé”, que não é senão a estranha intuição da nossa natureza divina, a reminiscência da nossa origem divina e o anseio do regresso à mesma.

*Fides* (fé) é fidelidade a seu verdadeiro Eu.

Se a lagarta não tivesse “fé” na borboleta, será que aceitaria a morte na crisálida? Mas a lagarta aceita tranquilamente essa morte aparente, porque a sua “fé biológica” lhe diz que essa metamorfose não significa perda, mas lucro, e ela aceita o lucro real por uma perda aparente, morrendo na crisálida a fim de ressuscitar na borboleta.

Sem essa fé ninguém consegue ultrapassar a misteriosa barreira do pequeno ego e entrar na gloriosa liberdade dos filhos de Deus.

“Tudo é possível àquele que tem fé”...

## ROMPENDO A ÚLTIMA CADEIA

Todo homem profano, nas profundezas da sua involução telúrica, está preso por três cadeias – uma de *ferro*, outra de *prata* e a outra de *ouro*.

A primeira cadeia se chama *cobiça* ou possessividade; prende o homem a determinados fragmentos de matéria-morta, cujo denominador geral se chama dinheiro (Mammon, na linguagem do Nazareno). O homem integralmente profano só vive para possuir bens materiais, aumentar cada vez mais as suas posses e segurá-las com todos os recursos que as organizações humanas lhe oferecem; em última instância, vai ao cartório e declara, sobre as infalíveis estampilhas e com firma reconhecida, que tal e tal pedaço de matéria-morta (que ele chama “imóvel”, por ser inerte como um cadáver) é dele, só dele e de mais ninguém – dele individualmente, e dele também socialmente, na forma da sua família, que é uma espécie de prolongamento do seu ego pessoal.

Se o homem soubesse que ridícula palhaçada está cometendo com semelhantes declarações, teria vergonha de si mesmo; mas, como é ignorante e escravo da alucinação coletiva que manda praticar essas palhaçadas legais e jurídicas, nada percebe dessa comédia. Comediante entre comediantes, julga ser homem sério. Cego entre cegos é homem normal. Tolo entre tolos é considerado sábio. Escravo entre escravos canta hinos à liberdade.

O homem preso à matéria-morta pela cobiça ou possessividade aprendeu a dourar com pó de outro o ferro da sua cadeia – e chama palácio esse cárcere, porque tem as grades douradas.

Infelizmente, também o homem sacro deve, externamente, acompanhar essa comédia do homem profano, com a diferença de que ele sabe que é comédia, ao passo que o profano toma muito a sério as suas comédias e palhaçadas.

Outros estão presos pelas cadeias de *prata*, dos seus desejos, que tentam satisfazer, mas sempre estão insatisfeitos. Quanto mais prazeres gozam mais desejam gozar, porque o desejo produz o gozo, e o gozo gera novos desejos, numa progressão indefinida, num interminável círculo vicioso, que a filosofia oriental apelida de *sansara*. E o flagelo máximo desse revezamento de gozo e desejo está em que, por fim, o gozador embota cada vez mais a capacidade de gozar, aumenta a insensibilidade e necessita de estímulos cada vez mais violentos para poder ainda sentir o gozo – e, finalmente, expira a derradeira parcela da capacidade de gozar, e então o céu do gozador acabou no inferno

do sofedor... O desejo de gozar subiu a 100, e a possibilidade de gozar desceu a 0 – tocam-se o zênite e o nadir... A cadeia de prata que acorrentava o gozador acabou por sufocar a sua vítima...

Mas há uma terceira classe de prisioneiros, cujas cadeias são de *ouro* maciço, e é por isto que esses escravos se julgam soberanamente livres. São os que julgam poder emancipar-se pela *força mental do pensamento*. Desprezam toda a cobiça e todos os prazeres de seus colegas inferiores; olham com desdém para os escravos da matéria-morta e da carne-viva. Por não serem escravos do *corpo material* da cupidez nem do *corpo astral* do cupido, têm-se em conta de homens libertos – esses escravos que ignoram a sua escravidão. Chegam ao ponto de se arvorarem em austeros ascetas e heróicos renunciadores de todas as posses e prazeres dos homens profanos.

Esses escravos acorrentados pela cadeia de ouro do seu *corpo causal* crêem firmemente nos seus merecimentos, efeitos causados pela rejeição de atos maus e pela prática de atos bons. Têm a certeza de escapar ao inferno e entrar no céu; sabem até do grau de glória que Deus lhes deve no céu. Sacrificam as seduições da matéria-morta e da carne-viva para aumentar o capital invisível que depositaram no Banco Celeste, capital que aumentam, dia a dia, com novas obras boas.

É esta a mais alta forma de egoísmo; mas, por parecer virtude, é praticamente impossível acabar com ele.

É esta a forma mais sutil de escravidão, que, por se parecer com liberdade, é difícil desmascará-la e aboli-la.

A idéia de *merecimento* é o flagelo dos homens virtuosos, a mais perigosa tentação dos chamados espiritualistas. Superaram os seus vícios – e são derrotados por suas virtudes. Não sucumbiram à prepotência brutal de tigres e leões, mas definham ao impacto do dulcíssimo veneno de um gás invisível, que os envolve e que inalam, dia a dia...

“Detesto os vossos vícios – e mais ainda as vossas virtudes! Dos vossos vícios vos libertareis, um dia – mas quem vos libertará das vossas virtudes?”

Assim falava um profeta vidente.

Depois que o homem se libertou da cadeia de ferro da possessividade material; depois que quebrou a cadeia de prata do mundo astral dos desejos, continua ele a alimentar a escravizante ilusão de que possa causar coisas espirituais, merecer o seu céu, manufaturar a vida eterna do Eu divino com as ferramentas do ego humano.

É este o triunfo máximo do luciferismo mental, cujo patrono clássico é aquele fariseu, no templo de Jerusalém, que, na cegueira da sua virtuosidade, dizia a

Deus: “Eu te agradeço, meu Deus, por não ser como o resto dos homens, ladrões, injustos e adúlteros! Eu jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de todos os meus haveres”.

Esse, diz o grande sábio de Nazaré, voltou para casa não justificado.

Veio pecador e retorna mais pecador ainda.

Veio carregado do karma da sua mentalidade causal – e voltou mais onerado ainda desse veneno sutil, porque julgava merecer algo diante de Deus, causar o Infinito com finitos; acha que é bom pelo fato de fazer o bem...

E o grande Mestre, depois de diagnosticar a insidiosa moléstia, indica o remédio eficaz e infalível, dizendo:

“Quando tiverdes feito tudo que devíeis fazer, dizei: Somos servos inúteis! Cumprimos a nossa obrigação; nenhuma recompensa merecemos por isto.”

É este o golpe de misericórdia para as nossas teologias eclesiásticas, que até hoje induzem os seus adeptos a “merecerem” o céu...

É este o céu infernal dos nossos dulçorosos devocionários...

É esta a cadeia de ouro de que o homem possa merecer, causar algum efeito espiritual com as técnicas mentais e volitivas do seu ego...

O homem deve trabalhar de graça – para que a graça o possa libertar.

O céu será dado de graça a quem não procurou merecê-lo condicionalmente, mas que foi bom incondicionalmente – e não será dado a quem tentou merecê-lo mercenariamente...

Nenhum homem pode fazer com Deus um contrato jurídico, bilateral...

Nenhuma criatura pode ter direitos diante do Creador – e este não pode ter obrigações para com aquela...

Nenhum finito pode exigir algo do Infinito – e este nada deve àquele...

Belo e gracioso é tudo que é de graça e da graça – feio e desgracioso é tudo que é merecido ou merecível...

Por que é que as coisas da Natureza são belas e perfeitas?

Porque nenhuma criatura, do mundo dos átomos ou dos astros, da flora ou da fauna, se julga merecedora daquilo que tem – todas foram agraciadas com a sua beleza, e são felizes cada uma no grau de beleza e perfeição que lhe coube, na escala da Hierarquia Cósmica; a humilde violeta não se sente frustrada em sua singeleza, e a esplêndida orquídea não se sente vaidosa com sua magnificência – porque todas receberam de graça a sua graça e louçania.

O homem é o único ser, neste planeta, que não compreende esta grande verdade. Julga ter direitos perante Deus, e por isto também direitos em face de seus semelhantes. Julga poder merecer alguma coisa, quando tudo é de graça, nas suas relações com o Infinito.

Enquanto o homem insiste nos seus pretensos direitos tudo está torto; mas, se renunciar a seus direitos, tudo se endireita.

O direito é o filho primogênito do ego, e o inimigo mortal da justiça, que é amor.

Na zona do direito tudo é compulsório e escravizante – na zona da justiça tudo é espontâneo e livre.

Enquanto as nossas teologias continuarem a ensinar que o céu é um lugar ou objeto que se deva adquirir ou conquistar à força de boas obras, não há redenção para esta pobre humanidade, iludida por aqueles que “roubaram a chave do conhecimento do reino de Deus”.

A suprema e última libertação do homem consiste na definitiva emancipação da ilusão do direito e do merecimento.

\* \* \*

Infelizmente, o homem, embora se diga espiritualista, não é capaz de compreender que alguém possa ser bom por motivo *intrínseco* e não necessita de estímulos *extrínsecos*; que possa ser bom, não para ganhar alguma coisa – dinheiro, prazeres, louvores, reconhecimento, gratidão, resultados palpáveis ou outro prêmio pueril – mas que o homem pode e deve ser bom em virtude da sua própria natureza, porquanto ele é um eco da Voz Infinita, um reflexo da Luz Universal, uma gotinha vital do oceano imenso da Vida Cósmica.

O homem deve ser bom – amigo da Verdade, da Justiça, do Amor, da Benevolência – porque deve manter fidelidade a si mesmo, ao seu caráter de embaixador do Infinito neste mundo de finitos; não deve mentir a si mesmo; não deve adulterar o seu verdadeiro ser; não deve apostatar da sua dignidade; não deve extinguir em si a luz divina; não deve silenciar em si a Voz do Eterno... Deve ter *fides*, fé, fidelidade, com seu divino Eu.

O homem deve a si mesmo ser bom. Não deve falsificar-se, mas deve levar à plena vitória de evolução o germe divino que nele dormita em misteriosa hibernação, na expectativa da grande primavera.

O homem não deve alongar os olhos pelos horizontes além, aguardando algum céu externo que lhe seja dado como prêmio de bom comportamento, mas deve despertar dentro de si o céu já existente, mas ainda em estado de dormência. Não deve tentar *induzir* ou introduzir em si um céu de fora, mas deve *eduzir* de si o céu que nele está, essencializando a sua existência, divinizando a sua



humanidade, lucificando a sua luz ainda envolta em trevas, de maneira que o seu interno ser-bom transborde espontaneamente num externo fazer-bem.

Enquanto a sua mística divina não eclodir em ética humana, o homem não realizou ainda a sua missão sobre a face da terra, e não será solidamente feliz.

Quando então o homem rompe a última cadeia que o mantém preso, o desejo de ser recompensado pelo fato de ser bom, compreenderá ele o sentido profundo e a inefável beatitude da seguinte oração:

“Não me move, Senhor, para querer-vos,

A glória que me tendes prometido,

Nem me move o inferno tão temido,

Para deixar por isto de ofender-vos...

Minha alma em vos amar tanto se esmera

Que, ainda a faltar o céu, eu vos amara,

E, não havendo inferno, eu vos temera;

Nada, por vos amar, de vós espera,

E, se ainda o que espero não esperara,

O mesmo que vos quero eu vos quisera”...

## ASSIM DIZIA O MAHARISHI

Bhagavan Ramana Maharishi, o “grande vidente” de Arunachala, Índia, faz consistir toda a libertação e auto-realização do homem na distinção nítida entre o seu grande Eu divino (alma) e o seu pequeno ego humano (corpo-mente-emoções).

Passaremos a reproduzir uma série de perguntas que seus discípulos lhe fizeram e cujas respostas esclarecem admiravelmente esse ponto central.

*Pergunta:* – Como conseguir a minha auto-realização?

*Maharishi:* – Já estás auto-realizado, se te libertares do pensamento “Não alcancei libertação”. Esse erro de identificares o Eu com o não-Eu, o ego, tem de ser superado. A felicidade do Eu é sempre tua – e tu despertarás para o teu verdadeiro Eu no momento em que ultrapassares esse impedimento: o ego, a egoidade, a ego-ilusão. Abre mão desse equívoco – e estarás livre para seres o Eu, que na verdade és.

P – Não conviria que fôssemos buscar a solidão para realizarmos o nosso verdadeiro Eu?

M – Solidão é por toda a parte. Não a procures fora de ti, mas dentro de ti. Pode um homem estar imerso na lufa-lufa do mundo, e, no entanto, viver em profunda solidão, se estiver perfeitamente calmo dentro de si mesmo. Alguém vive em plena floresta, e não tem solidão, se não tiver domínio sobre suas energias internas; esse não é homem solitário. A solidão é um estado da alma. Quem está apegado a qualquer objeto externo não vive em solidão, esteja onde estiver. O homem interiormente calmo está em solidão, sempre e por toda a parte.

P – Não conviria que o homem em busca da verdade abandonasse, antes de tudo, as suas posses?

M – O que ele deve, antes de tudo, abandonar é o *possuidor*, e não as posses. Quem se abandona a si mesmo, isto é, o seu pseudo-eu e encontra o seu verdadeiro Eu, esse tem tudo e não necessita de nada mais.

P – Não deveria eu abandonar os afazeres mundanos a fim de adquirir a consciência cósmica?

M – O teu único impedimento é o pensamento “eu trabalho”. Pondera calmamente: “quem é esse que trabalha?” – e o trabalho deixará de ser empecilho para ti; e os teus trabalhos terão o mesmo resultado de antes.

P – Não convinha, pelo menos, que eu abandonasse casa e família?

M – Que mal te fazem casa e família? Descobre primeiro quem és tu. Também no meio do *sansara* (agitação) do mundo pode o homem atingir auto-realização. Não é necessário ser monge para ter iluminação interna. Quem assim pensa, troca o erro “eu sou um homem mundano” pelo erro “eu sou um monge” – quando é necessário libertar-se tanto desta como daquela ilusão, a fim de chegar ao puro “EU SOU”. O que em mim há de essencial não é afetado por lugares e circunstâncias. Por isto: podemos realizar o nosso Eu em qualquer lugar, suposto que esse desejo seja maior que outro desejo qualquer.

## **PORQUE ESTÁ O HOMEM ESPIRITUAL SUJEITO A DOENÇAS?**

O mais tenebroso mistério, nesse campo de auto-realização, é o seguinte: Por que é que homens altamente realizados, espirituais, ainda sofrem doenças e morte? O grande Maharishi, de Arunachala, morreu de câncer. Mahatma Gandhi tinha as suas misérias físicas. Francisco de Assis morreu na flor da idade...

A única exceção até hoje conhecida é o caso de Jesus, o Cristo, do qual não consta que tivesse sofrido doença; e ele mesmo afirma e prova que não está sujeito à morte compulsória.

Parece que também Moisés viveu 120 anos em perfeita saúde, e não sofreu morte compulsória, mas transformou o seu corpo material em corpo astral.

Não deveria uma elevada espiritualidade do Eu superior abranger também o ego inferior, integrando-o naquele? Não devia a definitiva substituição do egoísmo pelo amor ter como corolário e consequência necessária as outras transformações, como a substituição da ignorância pela sapiência, das moléstias pela saúde, da decadência do corpo corruptível pela transformação desse corpo num corpo incorruptível?

Consta, vagamente, pelos livros sacros e pela história que alguns homens – Henocho, Elias, Moisés, bem como, ultimamente, Bábjai, da Índia – não morreram, mas transformaram o seu corpo visível num corpo invisível.

Mas, não devia isto ser a regra geral, para o homem de elevada espiritualidade e completo triunfo do Eu divino sobre o ego humano?

A resposta é a seguinte:

Não parece ser possível, nesses 30, 50, 80 anos de vida terrestre, permearmos devidamente de luz incorruptível a substância opaca do nosso corpo corruptível, imunizando-o das fraquezas e da morte. Esse processo de lucificação levará séculos e milênios; aqui, neste jardim de infância do planeta Terra, só podemos dar o primeiro passo para essa imunização final, só nos podemos “iniciar”, soletrar o abc nesta escola primária, mas não nos podemos “finalizar” ou formar, na Universidade do espírito, a exemplo do Cristo, o único

homem plenamente finalizado ou auto-realizado, ele, o “filho de Deus”, que era o “filho do homem”, o homem por excelência, o homem integral.

O corpo de Jesus, embora material, era dotado de outras vibrações; não era *compulsoriamente* material, como o nosso, mas *livremente* material, ou materializado, e por isto era facilmente imaterializável.

\* \* \*

“Carne e sangue não podem herdar o reino de Deus” – fecundação da carne pelo sangue não dá imortalidade; mas sim fecundação da carne pelo verbo, pelo espírito.

“Os que recebem em si essa luz (o verbo de Deus, a vibração espiritual) recebem o poder de se tornarem filhos de Deus, os que nasceram, não pelo desejo do varão (esperma), nem pelo desejo da carne (óvulo), nem pelos sangues (*ek haimáton, ex sanguinibus*, no plural tanto em grego como em latim, quer dizer, da fusão de dois sangues, masculino e feminino, esperma e óvulo), mas de Deus... E o Verbo se fez carne”...

“Disse o varão de Deus (Gabri = varão, el = Deus) a Maria: O espírito cósmico (santo) virá sobre ti e o poder do Altíssimo te fará sombra (fecundará), e é por isto que o santo que nascer de ti será chamado filho de Deus... Respondeu Maria: Faça-se em mim segundo o teu Verbo (vibração espiritual). E o Verbo se fez carne”, a vibração espiritual, a força do Altíssimo, canalizada pelo varão de Deus (Gabriel), atuou sobre a carne da virgem e gerou o filho de Deus, que é o único filho do homem autêntico e integral até hoje conhecido.

Esse processo de geração da humanidade de Jesus, pelo Verbo e pela carne, é o único processo integralmente humano e natural, e que devia ser o processo normal de procriação entre os homens. A “serpente rastejante” que falou com Eva frustrou essa espécie de fecundação; mas, algum dia, a “serpente erguida às alturas”, a que se refere o Cristo, fará prevalecer esse processo de geração dos filhos de Deus.

“Assim como Moisés, no deserto, ergueu às alturas a serpente, assim deve também o Filho do Homem ser erguido às alturas, para que todos aqueles que nele tiverem fé tenham a vida eterna.”

A *vida mortal* é produto da serpente rastejante, horizontal, que “come o pó da terra” – mas a *vida imortal* é produto da serpente sublimada, verticalizada. A “árvore do conhecimento” concebe homens mortais – a “árvore da vida” gera homens imortais!<sup>1</sup>.

1. *Kundalini* jaz, enroscada, nos *chakras* inferiores da coluna vertebral. Imenso é o seu poder criador – mas acha-se ainda em estado de dormência.

Quando essa serpente horizontal se verticaliza, subindo pelos misteriosos canais internos da “árvore da vida” que está no centro do paraíso do corpo humano, então a semente vital que ela emitia pelo canal inferior do corpo humano sobe até ao canal superior, a laringe (cuja forma é semelhante à daquele membro viril) – e a semente vital é sublimada pela alquimia do “verbo que sai da boca de Deus”. O homem gera, então, pela semente do espírito, que é o “Verbo, cheio de graça e de verdade”...

“Quem puder compreendê-lo compreenda-o!”...

No processo de fecundação verbo-carne falta o fator *libido*, existente no processo genésico carne-carne, esperma-óvulo. O “pecado” está propriamente nessa libido, por amor à qual os sexos se unem, e não por amor à vida que vão procriar. Essa libido é a tara, o “pecado original”, que contagia o homem com um elemento de corruptibilidade, que ele devia ter superado, para ser verdadeiro e completo “filho de Deus”.

O “êxtase da carne” devia ser substituído pelo “êxtase do espírito” – e seria gerado um homem incorruptível.

A erótica é a mística da carne – assim como a mística é a erótica do espírito. Por aquela vem o homem mortal – por esta, o homem imortal.

O corpo verbo-gerado seria um corpo perfeito, imune de impacto de qualquer doença e da morte compulsória. O nosso corpo, que já entrou na existência com a tara de não ser verbo-gerado, mas esperma-gerado, não consegue, por isto mesmo, libertar-se do impacto negativo de doenças e da morte.

O manifesto ou latente anti-sexualismo que vai por todas as grandes religiões, tem a sua base esotérica nos fatos acima expostos, e todo homem diminui instintivamente a sua erótica na razão que aumenta a sua mística.

A erótica crea a imortalidade racial, sucessiva, no plano horizontal.

A mística crea a imortalidade individual, simultânea, na zona vertical; crea os “eunucos que assim se fizeram por amor ao reino de Deus”, não por mutilação corporal, mas por sublimação espiritual.

Não podemos neutralizar a nossa geração material, mas podemos, pela força do espírito, preludiar, na vida presente, a nossa geração espiritual em outros mundos. Podemos “iniciar-nos”, graças ao “renascimento pelo espírito”, lançando as bases para o nosso futuro corpo incorruptível, isento de moléstias e da morte compulsória. “No futuro *aion* não se casa nem se dá em casamento”...

\* \* \*

O nosso corpo, esperma-gerado, alérgico às doenças e à morte, parece até aumentar a sua alergia negativa na medida em que a alma se vai espiritualizando progressivamente.

Esse fenômeno é devido à crescente sensitivação desse corpo; na razão direta que o homem espiritual toma sobre si os sofrimentos de seus semelhantes, sentindo-os como seus próprios males.

A caridade, antes de atingir as alturas do amor, é sumamente acessível às dores alheias. O homem profano é uma espécie de paquiderme que sofre apenas as dores próprias, indiferente às misérias alheias; mas o homem em vias de espiritualização é “altruísta”, vulnerável, sofre as dores dos outros mais dolorosamente que suas próprias, e, não raro, provoca, consciente ou inconscientemente, uma transferência dos sofrimentos dos outros para dentro de seu próprio corpo.

A caridade é como a *água*, que recebe em si as impurezas que tira dos objetos impuros.

O amor é como a *luz* ou o fogo, que purifica os objetos impuros, mas não transfere para si essas impurezas; aniquila-as, neutraliza-as totalmente. Há água impura, mas não existe luz impura. A água purifica tornando-se impura, a luz purifica continuando pura.

O Cristo era a “luz do mundo” em perfeito estado de lucificação – nós somos essa mesma “luz do mundo”, mas ainda em estado latente, de baixa lucificação; e por isto não é a nossa luz assaz poderosa para nos permear e imunizar devidamente das misérias humanas que nos cercam e nos contagiam.

O homem da caridade mantém-se puro da *culpa* dos profanos, mas não das *penas* que seguem à culpa, e, como existe um *karma* coletivo da humanidade, o homem caritativo absorve grande parte desse *karma* de seus semelhantes. Ele é “batizado com água”, mas após esse batismo de João vem o Cristo, que o “batizará com o fogo do espírito cósmico”. Quem recebe esse batismo de fogo e de luz, é totalmente imunizado de sofrimentos e da morte compulsória.

Por ora, só nos podemos “iniciar” no batismo da água, preludiando o batismo de fogo em outros mundos, que nos “finalizará”, fazendo-nos “novas criaturas em Cristo”, plenamente libertos, remidos e auto-realizados como autênticos “filhos de Deus”.

*Nota desta edição:*

No meu livro recente “A Nova Humanidade” encontrará o leitor resposta mais aprofundada para este problema.

## BIOGRAFIA DO HOMEM CÓSMICO

Quando o homem consegue romper a invisível barreira que medeia entre a conhecida zona da consciência do homem profano e a zona ignota do homem sacro; e quando, após esse passo decisivo, olha para trás, para o plano do seu velho ego superado – todas as coisas que, outrora, formavam o cobiçado alvo da sua desenfreada caça cotidiana desmaiam, como a luz da lua e das estrelas noturnas ante o vitorioso avanço do sol matutino. Esse homem sabe que acordou, finalmente, dum longo sono e sonho de 30, 50, 80 anos, e entrou no mundo da grande vigília, iluminado pela luz da Realidade Integral.

E o seu desejo é habitar eternamente nesse mundo da Verdade e Beatitude. Como Pedro, no Tabor, quer erguer aqui a sua “tenda” e nunca mais voltar às ruidosas e imundas baixadas do mundo profano dos homens e dos demônios.

E, se esta for a sua missão peculiar, não desça do Tabor; mantenha-se em ininterrupta adoração de Deus, e envie ao mundo lá embaixo as vibrações da sua mística anônima, na certeza de que essas vibrações atuam a qualquer distância, penetram qualquer obstáculo e põem em movimento todos os receptores longínquos devidamente sintonizados pela invisível emissora. Uma vez plenamente redento, será ele redentor para seus irmãos sedentos de redenção.

Se, todavia, for outro o caminho da sua missão terrestre; se tiver de regressar, externamente, ao mundo imundo das profanidades, a fim de ajudar a seus irmãos, regresse corajosamente ao meio dos ruídos impuros – mas leve consigo a sua silenciosa pureza e, como a luz, não permita a menor contaminação ou contágio das trevas. “A luz brilha nas trevas – e as trevas não a prenderam”.

Imunizado pela experiência na zona da Divindade, volta o homem redento ao meio dos irredentos como redento e redentor.

Nada mais lhe contamina a pureza...

Nada mais lhe cerceia a liberdade...

Nada mais lhe eclipsa a luz...

Nada mais o desvia da linha reta...

Nada mais lhe profana a sacralidade...



Nenhuma dúvida lhe turva a certeza...

Nenhuma vacilação lhe abala a segurança...

Nenhuma sombra lhe ofusca a beatitude...

Paira, sereno, na estratosfera do *nirvana*, acima de todas as tempestades e conflitos do *sansara*...

Sente-se silenciosamente puro...

Poderosamente vazio...

E a luz do céu enche a sua feliz vacuidade...

A sua consciência se transformou em vidência...

Esse homem é suprema beatitude...

Nada mais espera do mundo – e por isto tudo pode o mundo esperar dele...

Pobre pelo espírito e puro de coração, purifica todas as impurezas, mas não é atingido por nenhuma delas...

Deixou de ser água contaminável e tornou-se luz incontaminável...

Ele, a “luz do mundo”...

Torna a lidar com as coisas profanas, do comércio, da indústria, da política, da ciência, da técnica; abraça qualquer profissão honesta, trabalha com perfeição e entusiasmo em qualquer setor da vida, como se fosse o mais profano dos profanos, o mais mundano dos mundanos – mas a sua alma habita na luz do Infinito, de cujas alturas ilumina e acalenta todos os finitos...

A sua felicidade está em dar e servir...

Serve, desinteressadamente, a todos – mas sabe que ninguém serve impunemente...

Apóstata do querer-ser-servido e apóstolo do querer-servir, sabe que merece castigo, consoante a legislação deste mundo dominado pelo “príncipe das trevas”...

Mas sabe também que esse sofrimento é o último fator de redenção que precede imediatamente o advento da graça de Deus... E por isto serve e sofre com amor e alegria, sem nenhum sentimento de amargura nem de virtuosidade...

Há, na vida do Homem Cósmico, algo de leve e luminoso, algo de matutino e primaveril, algo de sorridente e juvenil; ele é como o sol, poderoso e delicado

ao mesmo tempo... “Duro como diamante e delicado como flor de pessegueiro”...

Esse homem envolve num halo de amor e benevolência todas as coisas – mas não se escraviza por nenhuma delas. O seu amor é livre como a luz, a vida, o espírito...

Os profanos não compreendem o homem sacro, esse sacerdote cósmico, mas todos sentem o envolvente fascínio que dele emana, e adivinham a invisível auréola de poesia e de paz que lhe cinge a fronte...

E todos têm vontade de ser bons, porque encontraram um homem bom...

E, quando não conseguem ser bons, estão insatisfeitos consigo e anseiam pelo dia em que também eles possam ser bons, assim como ele é bom. Serem maus lhes é um inferno, serem bons lhes seria um céu, profundamente bons, inexplicavelmente bons...

Mas a bondade do homem cósmico nada tem de fraco e de covarde, nada de conivente com as misérias e maldades dos outros; ele é austeramente bom, por vezes cruelmente bom, ao ponto de empunhar azorragues para defender a pureza dos santuários de Deus... Esse homem, por vezes, parece ser mau para ser bom e guardar fidelidade a si mesmo...

Na presença do Homem Cósmico bifurcam-se os caminhos da humanidade, porque ele está no início duma grande encruzilhada... Ele é “ressurreição e ruína para muitos”... Ninguém consegue ficar neutro diante dele... Ou pró ou contra... Os bons se tornam melhores, os maus se tornam piores... Acentuam-se as polaridades do bem e do mal... Em sua presença oscilam com veemência as agulhas magnéticas das almas...

Terremotos, tempestades, incêndios de Pentecostes marcam a passagem do Homem Cósmico pelo mundo dos telúricos...

Sobre ele serão escritos muitos livros e proferidos muitos discursos – mas quase ninguém o conhece, e os poucos que o conhecem não falam nem escrevem sobre ele, porque o seu silencioso calar diz mais que o ruidoso falar...

O Homem Cósmico não atua pelo que diz ou faz – atua pelo que é...

Quando fala ou faz algo, é apenas como um transbordamento fortuito daquilo que ele é; são pequeninas gotas da sua grande plenitude... E porque seu íntimo *ser* é poder, o seu externo *agir* revela poder e autoridade...

Assim é o Homem Cósmico...

O Homem Crístico...

## ÍNDICE

PERSPECTIVA PRELIMINAR

ANSEIO UNIVERSAL DE LIBERTAÇÃO

DA INSEGURANÇA À SEGURANÇA

DO INFINITO ATRAVÉS DE FINITOS

DISSOLUÇÃO, SOBREVIVÊNCIA, IMORTALIDADE

O HOMEM DE ONTEM, DE HOJE E DE AMANHÃ

PODE UM MESSIAS DE FORA REDIMIR O HOMEM?

A FILOSOFIA DO CRISTO SUPLANTANDO AS TEOLOGIAS  
ECLESIAÍSTICAS DOS CRISTÃOS

NOS RASTROS DO CRISTO CÓSMICO

DA CONSCIÊNCIA LUCIFÉRICA À CONSCIÊNCIA CRÍSTICA

CIÊNCIA, TEOLOGIA E FILOSOFIA – EM BUSCA DA ALMA

O CAMINHO DA REDENÇÃO PELO CRISTO INTERNO

PARA ALÉM DO NIRVANA

EQUIDISTANTE DE SANSARA E SAMADHI

REDENÇÃO É DO PASSADO, DO FUTURO OU DO PRESENTE?

A ESTERILIDADE DO RUÍDO E A FECUNDIDADE DO SILÊNCIO

O MISTÉRIO DO “SER” E DO “DEVIR” – RELIGIÕES DE MASSA E RELIGIÃO  
DE ELITE

MEU ÚNICO EU E SUAS MÚLTIPLAS METAMORFOSES

PSICOLOGIA DE PROFUNDIDADE COMO BASE DA FILOSOFIA E  
TEOLOGIA

CONCENTRAÇÃO, MEDITAÇÃO E CONTEMPLAÇÃO – ETAPAS NO  
CAMINHO DA AUTO-LIBERTAÇÃO

CONTEMPLA O TEU EGO COMO ATOR NO PALCO!

ROMPENDO A ÚLTIMA CADEIA

ASSIM DIZIA O MAHARISHI

PORQUE ESTÁ O HOMEM ESPIRITUAL SUJEITO A DOENÇAS?

BIOGRAFIA DO HOMEM CÓSMICO

# HUBERTO ROHDEN

## VIDA E OBRA



Nasceu na antiga região de Tubarão, hoje São Ludgero, Santa Catarina, Brasil em 1893. Fez estudos no Rio Grande do Sul. Formou-se em Ciências, Filosofia e Teologia em universidades da Europa – Innsbruck (Áustria), Valkenburg (Holanda) e Nápoles (Itália).

De regresso ao Brasil, trabalhou como professor, conferencista e escritor. Publicou mais de 65 obras sobre ciência, filosofia e religião, entre as quais várias foram traduzidas para outras línguas, inclusive para o esperanto; algumas existem em braile, para institutos de cegos.

Rohden não está filiado a nenhuma igreja, seita ou partido político. Fundou e dirigiu o movimento filosófico e espiritual Alvorada.

De 1945 a 1946 teve uma bolsa de estudos para pesquisas científicas, na Universidade de Princeton, New Jersey (Estados Unidos), onde conviveu com Albert Einstein e lançou os alicerces para o movimento de âmbito mundial da Filosofia Univérsica, tomando por base do pensamento e da vida humana a constituição do próprio Universo, evidenciando a afinidade entre Matemática, Metafísica e Mística.

Em 1946, Huberto Rohden foi convidado pela *American University*, de Washington, D.C., para reger as cátedras de Filosofia Universal e de Religiões Comparadas, cargo esse que exerceu durante cinco anos.

Durante a última Guerra Mundial foi convidado pelo *Bureau of Inter-American Affairs*, de Washington, para fazer parte do corpo de tradutores das notícias de guerra, do inglês para o português. Ainda na *American University*, de Washington, fundou o *Brazilian Center*, centro cultural brasileiro, com o fim de manter intercâmbio cultural entre o Brasil e os Estados Unidos.

Na capital dos Estados Unidos, Rohden frequentou, durante três anos, o *Golden Lotus Temple*, onde foi iniciado em *Kriya Yôga* por Swami Premananda, diretor hindu desse *ashram*.

Ao fim de sua permanência nos Estados Unidos, Huberto Rohden foi convidado para fazer parte do corpo docente da nova *International Christian University* (ICU), de Metaka, Japão, a fim de reger as cátedras de Filosofia Universal e Religiões Comparadas; mas, por causa da guerra na Coréia, a universidade japonesa não foi inaugurada, e Rohden regressou ao Brasil. Em São Paulo foi nomeado professor de Filosofia na Universidade Mackenzie, cargo do qual não tomou posse.

Em 1952, fundou em São Paulo a Instituição Cultural e Beneficente Alvorada, onde mantinha cursos permanentes em São Paulo, Rio de Janeiro e Goiânia, sobre Filosofia Univérsica e Filosofia do Evangelho, e dirigia Casas de Retiro Espiritual (*ashrams*) em diversos Estados do Brasil.

Em 1969, Huberto Rohden empreendeu viagens de estudo e experiência espiritual pela Palestina, Egito, Índia e Nepal, realizando diversas conferências com grupos de yoguis na Índia.

Em 1976, Rohden foi chamado a Portugal para fazer conferências sobre autoconhecimento e auto-realização. Em Lisboa fundou um setor do Centro de Auto-Realização Alvorada.

Nos últimos anos, Rohden residia na capital de São Paulo, onde permanecia alguns dias da semana escrevendo e reescrevendo seus livros, nos textos definitivos. Costumava passar três dias da semana no *ashram*, em contato com a natureza, plantando árvores, flores ou trabalhando no seu apiário-modelo.

Quando estava na capital, Rohden frequentava periodicamente a editora responsável pela publicação de seus livros, dando-lhe orientação cultural e inspiração.

À zero hora do dia 8 de outubro de 1981, após longa internação em uma clínica naturista de São Paulo, aos 87 anos, o professor Huberto Rohden partiu deste mundo e do convívio de seus amigos e discípulos. Suas últimas palavras em estado consciente foram: “Eu vim para servir à Humanidade”.

Rohden deixa, para as gerações futuras, um legado cultural e um exemplo de fé e trabalho, somente comparados aos dos grandes homens do século XX.

# **RELAÇÃO DE OBRAS DO PROF. HUBERTO ROHDEN**

## **COLEÇÃO FILOSOFIA UNIVERSAL:**

O PENSAMENTO FILOSÓFICO DA ANTIGUIDADE

A FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

O ESPÍRITO DA FILOSOFIA ORIENTAL

## **COLEÇÃO FILOSOFIA DO EVANGELHO:**

FILOSOFIA CÓSMICA DO EVANGELHO

O SERMÃO DA MONTANHA

ASSIM DIZIA O MESTRE

O TRIUNFO DA VIDA SOBRE A MORTE

O NOSSO MESTRE

## **COLEÇÃO FILOSOFIA DA VIDA:**

DE ALMA PARA ALMA

ÍDOLOS OU IDEAL?

ESCALANDO O HIMALAIA

O CAMINHO DA FELICIDADE

DEUS

EM ESPÍRITO E VERDADE

EM COMUNHÃO COM DEUS

COSMORAMA

PORQUE SOFREMOS

LÚCIFER E LÓGOS

A GRANDE LIBERTAÇÃO

BHAGAVAD GITA (TRADUÇÃO)

SETAS PARA O INFINITO

ENTRE DOIS MUNDOS

MINHAS VIVÊNCIAS NA PALESTINA, EGITO E ÍNDIA

FILOSOFIA DA ARTE

A ARTE DE CURAR PELO ESPÍRITO. AUTOR: JOEL GOLDSMITH  
(TRADUÇÃO)

ORIENTANDO

“QUE VOS PARECE DO CRISTO?”

EDUCAÇÃO DO HOMEM INTEGRAL

DIAS DE GRANDE PAZ (TRADUÇÃO)

O DRAMA MILENAR DO CRISTO E DO ANTICRISTO

LUZES E SOMBRAS DA ALVORADA

ROTEIRO CÓSMICO

A METAFÍSICA DO CRISTIANISMO

A VOZ DO SILÊNCIO

TAO TE CHING DE LAO-TSÉ (TRADUÇÃO)

SABEDORIA DAS PARÁBOLAS

O QUINTO EVANGELHO SEGUNDO TOMÉ (TRADUÇÃO)

A NOVA HUMANIDADE

A MENSAGEM VIVA DO CRISTO (OS QUATRO EVANGELHOS TRADUÇÃO)

RUMO À CONSCIÊNCIA CÓSMICA

O HOMEM



ESTRATÉGIAS DE LÚCIFER

O HOMEM E O UNIVERSO

IMPERATIVOS DA VIDA

PROFANOS E INICIADOS

NOVO TESTAMENTO

LAMPEJOS EVANGÉLICOS

O CRISTO CÓSMICO E OS ESSÊNIOS

A EXPERIÊNCIA CÓSMICA

**COLEÇÃO MISTÉRIOS DA NATUREZA:**

MARAVILHAS DO UNIVERSO

ALEGORIAS

ÍSIS

POR MUNDOS IGNOTOS

**COLEÇÃO BIOGRAFIAS:**

PAULO DE TARSO

AGOSTINHO

POR UM IDEAL – 2 VOLS. AUTOBIOGRAFIA

MAHATMA GANDHI

JESUS NAZARENO

EINSTEIN – O ENIGMA DO UNIVERSO

PASCAL

MYRIAM

**COLEÇÃO OPÚSCULOS:**

SAÚDE E FELICIDADE PELA COSMO-MEDITAÇÃO

CATECISMO DA FILOSOFIA

ASSIM DIZIA MAHATMA GANDHI (100 PENSAMENTOS)

ACONTECEU ENTRE 2000 E 3000

CIÊNCIA, MILAGRE E ORAÇÃO SÃO COMPATÍVEIS?

CENTROS DE AUTO-REALIZAÇÃO

